

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

DOUGLAS VINÍCIUS GALAN

PARA ALÉM DOS *LINKS*:
DIÁLOGOS ENTRE O MEIO DIGITAL E O IMPRESSO

/

SÃO PAULO
2013

DOUGLAS VINÍCIUS GALAN

PARA ALÉM DOS *LINKS*:
DIÁLOGOS ENTRE O MEIO DIGITAL E O IMPRESSO

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações
e Artes para obtenção do título de Mestre em
Ciências pelo Programa de Meios e Processos
Audiovisuais

Área de concentração: Cultura audiovisual e
Comunicação

Orientadora: Profa. Dra. Irene de Araújo Machado

SÃO PAULO
2013

GALAN, Douglas Vinícius.

Para além dos *links*: diálogos entre o meio digital e o impresso

Dissertação apresentada à Escola de Comunicações e Artes para obtenção do título de Mestre em Ciências pelo Programa de Meios e Processos Audiovisuais

Banca examinadora:

AGRADECIMENTOS

Agradeço com muito carinho à minha família, que soube compreender minhas escolhas, ainda que distantes de nossa realidade imediata. À minha mãe, que tanto me incentiva. A meu pai, pelo exemplo. À minha irmã, Meire, pelo apoio e pelas trocas. A meu irmão, Daniel, pelas contribuições. À minha sobrinha, Maria Eduarda, por tantas alegrias.

Agradeço à professora Irene Machado, por ter acolhido este trabalho, por iluminar ideias de tantos estudantes com sua intelectualidade admirável, pela leitura crítica e pelos acréscimos a esta pesquisa, por ter me apresentado a Semiótica da cultura, em toda a sua riqueza.

Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) pelo financiamento de um ano do projeto que deu origem à parte considerável desta dissertação.

Agradeço a Fabio Jennings, por sua perseverança acadêmica inspiradora e pelo constante incentivo.

O meu obrigado carinhoso à Denise de Oliveira Freire, pela amizade e pelas dicas valiosas.

Agradeço aos colegas mestrandos e doutorandos da ECA-USP, pelas trocas diretas e indiretas de conhecimento adquirido, durante as aulas que frequentei e eventos dos quais participei.

Meus agradecimentos aos colegas de pesquisa do grupo de Semiótica da cultura da ECA-USP, pelas discussões e partilhas.

Agradeço à professora Regiane de Oliveira Nakagawa, pela leitura e pelos apontamentos destinados a esta pesquisa, quando ela era ainda apenas um pré-projeto.

Agradeço à banca examinadora desta dissertação, pelas análises e acréscimos.

Aos colegas de Redação e agência, que suportaram minha empolgação com a academia e ouviram tantas vezes meus relatos de experiências nessa área.

RESUMO

Esta dissertação é um estudo teórico sobre as relações entre as linguagens do meio impresso e as do meio digital. A hipótese de que o jornal diário sofre modelizações a partir dos textos culturais advindos da Internet conduz todo o roteiro de investigações. O sentido de estruturas modelizantes, assim como de outros conceitos em que se ancoram a pesquisa advém da teoria Semiótica russa ou da cultura, nascida na Escola de Tártu, Estônia. Com esse aporte, espera-se compreender como a cultura refaz as linguagens e recodifica o sistema do jornalismo impresso, operando semioses e criando novos textos nesse âmbito. A pesquisa adota como conjunto conceitual principal os termos forjados nas reflexões do grupo de intelectuais russos, mas amplia suas análises a partir de outros postulados e contribuições, tais como dialogismo, discurso e conceitos pertencentes à área do jornalismo e das novas mídias. Valendo-se de recursos quantitativos a partir de uma amostra de seis jornais brasileiros de expressão nacional, este estudo investiga possibilidades de modelização, sobretudo, sob o exercício do papel do *hiperlink* enquanto signo. Ao constatar essa determinação da linguagem digital sobre o impresso, o estudo analisa a ampliação do campo de significação que a Internet provoca sobre os sistemas culturais de nosso tempo, instaurando-se como parte de uma mente da cultura e atuando a partir de um diagrama de pensamento. Tais perspectivas não encerram as análises nos resultados obtidos, mas amplia o campo de visão para novos problemas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornal; Internet; Semiotica da cultura; *Hiperlinks*; Modelização

ABSTRACT

This dissertation is a theoretical study on the relationship between the languages of the press and the digital medium. The hypothesis that the daily suffers modeling from cultural texts coming from the Internet drives the entire script investigations. The sense of modelizations structures, as well as other concepts that are anchored in research comes from semiotics theory of culture or russian semiotics, born in the School of Tartu, Estonia. With this contribution we hope to understand how culture remakes languages and recode the system of press operating semioses and creating new texts in this area. The research adopts the main conceptual terms set forged in the reflections of the group of russian intellectuals, but extends their analyzes from other postulates and contributions, such as dialogism, discourse and concepts pertaining to the field of journalism and new media. Drawing on quantitative resources from a sample of six brazilian newspapers of national expression this study investigates the possibilities of modeling, especially in the exercise of the role of the hyperlink as a sign. With this determination of the digital language int the press, the study examines the expansion of the field of signification that the Internet brings about cultural systems of our time, establishing themselves as part of a mind of culture working from a diagram thought. Such views do not contain the analysis of the results obtained, but expands the vision for new problems.

KEYWORDS: Journal; Internet; Semiotics of culture; *Hiperlinks*; Modelization

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Capas dos seis jornais definidos, do dia 04 de março de 2012	17
Figura 2. <i>Jornal do Commercio</i> . Edição de 25 de março de 2012, caderno de Economia, página 5	19
Figura 3. <i>Zero Hora</i> , de 15 de abril de 2012, página 1	19
Figura 4. <i>Jornal do Commercio</i> , de 15 de abril de 2012, página 3	19
Figura 5. <i>Folha de S. Paulo</i> , de 11 de março de 2012, página 1	20
Figura 6. <i>Zero Hora</i> , de 11 de março de 2012, página 2	20
Figura 7. <i>Zero Hora</i> , de 18 de março de 2012, página 4	21
Figura 8. Detalhe de <i>Zero Hora</i> , de 15 de março de 2012, página 4	21
Figura 9. <i>Jornal do Commercio</i> , de 08 de abril de 2012, caderno Cidades, página 1..	22
Figura 10. Detalhe de <i>Jornal do Commercio</i> , de 08 de abril de 2012, caderno Cidades, página 1.....	22
Figura 11. <i>Folha de S. Paulo</i> , de 1 de abril de 2012, caderno Mercado, página B16 ..	22
Figura 12. Detalhe de <i>O Globo</i> , de 1 de abril de 2012, caderno Esportes, página 5	22
Figura 13. <i>SuperNotícia</i> , de 22 de abril de 2012, página 9	23
Figura 14. <i>O Dia</i> , de 1 de abril de 2012, página 10	24
Figura 15. <i>O Dia</i> , de 1 de abril de 2012, página 18	24
Figura 16. Detalhe de <i>O Dia</i> , de 1 de abril de 2012, página 18	36
Figura 17. <i>O Dia</i> , de 1 de abril de 2012, página 18	37
Figura 18. <i>Folha de S. Paulo</i> , de 25 de março de 2012, página A10	42
Figura 19. <i>Zero Hora</i> , de 11 de março de 2012, página 2	43
Figura 20. <i>Jornal do Commercio</i> , de 18 de março de 2012, caderno de Economia, página 8	44
Figura 21. <i>SuperNotícia</i> , de 04 de março de 2012, página 13.....	45
Figura 22. <i>Folha de S. Paulo</i> , de 11 de março de 2012, caderno Ilustrada, página 1 ..	46
Figura 23. <i>Folha de S. Paulo</i> , de 15 de abril de 2012, primeira página	68
Figura 24. Capas dos três jornais em formato tabloide analisados, publicados no domingo, 25 de março de 2012	92
Figura 25. Capas dos três jornais em formato <i>standard</i> analisados, publicados no domingo, 25 de março de 2012	93

SUMÁRIO

Introdução	1
-------------------------	---

Capítulo 1

Devires em mídia impressa e digital: pressupostos para investigação de interações entre linguagens	11
1.1. Um campo dialógico: para pensar a natureza dos meios e possibilidades de influência.....	14
1.2. Primeiros esboços: breve olhar sobre os jornais brasileiros	17
1.3. Às margens de modelizações: transformações no horizonte semiótico	24
1.4. Encaminhamentos: adendo às primeiras impressões	26

Capítulo 2

Instrumentos de pesquisa: amostragem de alcances nos jornais brasileiros	28
2.1. Convergência midiática, um esclarecimento no percurso desta reflexão	28
2.2. Diagnóstico: o impacto da introdução de novas tecnologias no jornalismo	34
2.3. Amostragem: os jornais impressos apontam mudanças	40
2.4. Seleção de <i>corpus</i> : definição de pertinência à análise, tabulação de dados e levantamento geral de conteúdo	49
2.5. Levantamento de reportagens: escolha a partir de relevância à pesquisa	55

Capítulo 3

Sob o prisma semiótico: linguagens jornalísticas no universo dos signos	60
3.1. A semiótica como método: preceitos para compreender os sentidos na dinâmica da cultura	60
3.2. O jornal modelizado: expressões de um sistema em processo de semiose	61
3.3. Estruturação e mobilidade: da constituição de textos culturais às fronteiras da cultura jornalística	65
3.4. O momento da explosão reside entre a estática e a dinâmica de jornal e Internet	69
3.5. Jornal e Internet na mente da cultura – a consciência responsiva como parâmetro de evolução	77

Capítulo 4

Jornalismo pós Internet: as relações do jornal diário impresso num contexto de mente da cultura	82
4.1. Do surgimento da tipografia aos desafios contemporâneos	82
4.2. Sob outros olhares: vertentes e possibilidades, de acordo com discussões teóricas	84
4.3. <i>Hiperlink</i> : como todo signo, em eterno deslocamento	86
4.4. Pela organização de sistemas, relações entre os princípios de mente da cultura e diagrama de pensamento	88
4.5. Da natureza do diagrama de pensamento em jornais impressos	91
Considerações finais	97
Referências bibliográficas	103

Introdução

Muito se tem avaliado a presença da Internet diante de outras mídias pela ordem das ameaças. Tornou-se chavão, lugar-comum, falar em desaparecimento do jornal, das revistas e de competição com a TV, em favor da ascensão dos sistemas digitais. Numa não declarada guerra entre ambientes comunicativos, a Internet conta com boas defesas: afinal, fazendo valer ou trazendo à tona os clichês a respeito, o digital pode reproduzir tudo isso e ir além; ou seja, suprir o lugar e a função das mídias anteriores com excelência e acréscimos. O consenso convencionou a aceitar que o hibridismo atribuído a seus domínios faz da Internet um meio soberano, que carrega consigo todas as possibilidades, da informação ao entretenimento.

Embora essa leitura precipitada e generalista esteja, desde já, sendo colocada à parte nesta pesquisa, não se pode diminuir ou desmerecer o estabelecimento desse *status quo*. O senso comum sobre a rivalidade entre mídias digitais e analógicas ganhou grandes e preocupantes proporções, tornou-se palco de debates e análises. É pelo viés dos negócios, principalmente, que tais comparações se tornam mais evidentes e ameaçadoras: casos notórios de descenso das atividades jornalísticas aparecem com frequência e são cristalizados na vida social como indício de um fracasso de estruturas corporativas. A busca por fontes de receita para jornais e revistas tornou-se caso público, virou notícia. É o movimento das bolsas da comunicação que tem ocupado lugar central na discussão; e para surpresa, o grande público deixa-se conduzir pelos interesses dos acionistas das empresas de mídia. Ironicamente, os detalhes nos chegam, em parte, por meio da atividade dos próprios jornais, numa discussão aberta sobre seu próprio futuro.

Mesmo entre comunicadores, a superestimação do novo meio e o temor de uma concorrência desleal (pouco especializada, sem hierarquias e, também por isso, mais ágil) se faz presente. Até aqueles que conhecem de perto a natureza e a linguagem do sistema de comunicação com o qual lidam diariamente (e, por isso, sabem da estratificação de suas produções) temem a potência da rede. Tal cenário tornou qualquer olhar ou defesa das mídias tradicionais uma grande audácia – até mesmo por surpreender ou decepcionar as tendências de vanguardas técnicas, teóricas ou críticas. Condenado ao esquecimento por alguns, antes mesmo de sua derrocada, o jornal passou a ser preterido simbolicamente – sinaliza o antiquado, o ultrapassado, a falência. Para

muitos, deter-se sobre a estrutura do jornal impresso diário é escrever uma crônica de uma morte anunciada.

Contrariando expectativas, é, no entanto, para esse fragmento histórico que neste momento se apresenta e para essa lacuna conceitual emergente que o olhar aqui se dirige. Se por um lado, o momento para as empresas de mídia tradicionais é de reposicionamento e reestruturação, por outro, é na reorganização de suas linguagens que os sistemas de comunicação se adensam na cultura – do ponto de vista das esferas culturais, o jornal não está em dificuldades, declínio ou em processo de desaparecimento, mas num embate de sentidos, num deslocamento de significados, em semiose, poderíamos já adiantar.

Não é a partir de precipitações e emergências que esta pesquisa se orienta e não é para a produção de receitas que as análises se encaminham. Sentimos em desapontar ou frustrar os preceitos daqueles que pretendiam enxergar nestas linhas previsões acertadas e saídas para o jornalismo. Os ditames aparentemente simples que povoam nosso imaginário sobre o futuro do jornal possuem respostas mais complexas do que as que se apontam instantaneamente.

Toda essa ansiedade estatística precisa ser colocada de lado, quando o objetivo é avaliar semioticamente os sistemas culturais, motivação deste trabalho. Por trás dos mitos que revestem as relações estabelecidas socialmente em torno do tema, existem os próprios sistemas culturais de mídia, que encontram suas lógicas intrínsecas de organização e estruturação. Em busca de respostas, é para os próprios jornais que a atenção aqui se volta, a partir de um olhar semiótico. Simplifico aqui a Semiótica, essa jovem ciência, num pensamento particular originário nos meus primeiros embates com seus conceitos, durante a graduação em Jornalismo, que talvez possa abarcar seu alcance e dar conta de explicar um pouco das intenções nesta pesquisa definidas: “traduzir sinais e entender linguagens”. Um tanto juvenil (e até fraca), é provável que a expressão nem seja a melhor definição para a relação entre signo-objeto-interpretante, que constitui o pensamento fundamental das correntes semióticas. Mas a ideia dá margem alegoricamente às capacidades de suas teorias: compreender relações num outro plano, o viés sígnico, por meio dessa ciência geral de todas as linguagens. É em busca de sentidos que apoiamos esta pesquisa em sua metodologia. Sem esoterismos, mas não refutando a mística que, numa visão pessoal, envolve seus conhecimentos, recorro à Semiótica para que me permita ir além da superfície do problema colocado.

Avaliando por um viés cultural, a rivalidade entre meio impresso e meio digital (que faz com que o primeiro fique sempre encolhido e ameaçado) escamoteia a dinâmica das linguagens circunscritas a esses sistemas. A comparação é um tanto estanque, pois antes que se entendam suas perspectivas, geralmente, se precipitam as definições e os julgamentos. Sem contar que toda essa cena traz consigo uma consagração da tecnologia, por um viés de consumo, num enorme arroubo de novidade. Seduzidos e deslumbrados pelas maravilhas que nos traz a Internet, desprezamos os fenômenos. Tomar os dois sistemas pelas mesmas grandezas é encerrar as possibilidades de entendimento e até mesmo da tão procurada solução para o impasse vivido no jornalismo, atualmente.

Assim, antes que o jornal impresso seja engolido por um mito, por uma utopia das redes, por um delírio coletivo em torno do último *gadget*, vejamos o que se tem a constatar, sem cometer o crime científico de subjugar a análise, antecipadamente à própria experiência. A pesquisa aqui empreendida nasce naturalmente de hipóteses, expectativas e abduções, mas é no experimento científico, no laboratório teórico dado às Humanidades, que procuramos encontrar respaldo para as asserções. Com financiamento de um ano da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), o que considero o metafórico centro laboratorial deste estudo, o levantamento abarcou jornais das principais capitais brasileiras, num período de dois meses. Que respostas darão os diários à ecologia das redes dispersa no plano cultural? A pergunta percorreu atentamente 48 edições de jornais dominicais, publicados entre março e abril de 2012, e mais uma centena de livros. A tentativa de resposta, inacabada, incompleta, falível, se esboça a partir de então. Fica dessa experiência, apenas uma sincera tentativa.

Obviamente, alguns pressupostos determinaram especulações e pontos de partida: há uma evidente aproximação entre os dois universos, expressa em detalhamento textual e visual, por exemplo; a concisão de textos, sempre lembrada, é apenas uma das marcas verbais a ser citada. O dinamismo das páginas dos veículos impressos, que alcança desde a mera atualização de caracteres a complexas mudanças de número de páginas e padrão gráfico, como ocorrido recentemente nos jornais paulistanos, também faz parte dessa migração de conteúdos do novo meio para o impresso. Porém, é num aspecto mais amplo do que essa mudança material que buscamos compor nosso problema: como a Internet modeliza o jornal impresso? Ou, de outra maneira: como o periodismo diário adquire novos arranjos de sentido, a partir dos textos digitais propalados no plano cultural? É preciso adentrar na complexidade do

conceito de estruturas modelizantes para que se compreenda o ponto de onde a relação Internet-jornal está sendo aqui pensada – o conjunto teórico acerca do termo não poderia ser de início esgotado, mas será discutido e situado posteriormente; desde já, convidamos para que as noções sobre assunto avancem com a leitura, no encadeamento de análises.

A partir dessa questão se introduz nossa busca teórica, se propõe nosso central intento científico. Ao adotar o conceito de modelização (forjado nas ciências cognitivas, mas incorporado às teorias semióticas da cultura) coloca-se à parte toda a especulação sobre o fenômeno, para se dedicar à estruturação das linguagens a ele circunscrita. Não se pode, a partir das estruturas modelizantes, procurar modelos, como uma interpretação precipitada da palavra poderia propor; trata-se, longe disso, de entender a constituição de estruturas sob as quais se fundamentam os textos do cultura. Considerando para isso o processo de modelização, tal como foi desenvolvido no campo da Semiótica da escola de Tartu-Moscou, espera-se compreender a capacidade dinâmica com que a cultura produz linguagem e codifica sistemas, operando novas semioses em diversos contextos.

Ao nos ampararmos no legado dos pensadores do grupo formado na Estônia, deixamos assim para trás toda a noção de impacto, de concorrência ou de competições que envolve esses dois circuitos, nos quais são exercidos esses sistemas da Comunicação a que nos dedicamos. Sob o conceito de modelização, os estudos nos orientam nessa perspectiva de transição sígnica, a partir de uma ambiência inaugurada com a Internet, capaz de interagir sobre sistemas variados e, hipoteticamente, alterar as linguagens do impresso. Estamos preocupados com a relação na Semiosfera, no espaço dos sentidos – nesse nível mais amplo, partilhado por todos, onde habitam os signos. Nosso propósito é pensar o diálogo, não a rivalidade. Incorporamos assim a perspectiva bakhtiniana de dialogismo, que não vê tão só a inauguração de discursos originais, exclusivos, únicos, mas de uma cadeia de enunciados que se contaminam e se refazem. Nem a Internet pode ser um discurso monolítico, porque é consequência de seu tempo, nem o jornalismo (e o jornal) pode colocar-se à parte das alterações na cultura das mídias.

Para que se busque compreender a perspectiva de análises que daqui para diante se inaugura, é preciso assinalar que estamos avaliando esse diálogo entre Internet e jornais, a partir da perspectiva da cultura e levando em conta como essas imbricações se dão semioticamente, com o apoio dos conceitos postulados pela Escola de Tartu-Moscou a partir dos estudos de textos culturais. Entre as muitas possibilidades de

interpretação para o termo, cultura quer ser aqui “entendida como uma ciência interpretativa, em busca de um significado” (GEERTZ, 1989, p. 4). Importa-nos, sobretudo, ao nos aproximarmos desse cabedal teórico, a capacidade estruturalizante das linguagens, os arranjos e ordenamentos dos textos culturais, os sentidos atribuídos às expressões dos sistemas de cultura, a circulação e a transitoriedade de signos. Para Yuri Lotman, um dos fundadores da escola de semiótica russa, a que nos filiamos nesta pesquisa, “a cultura é um texto. Mas é sumamente importante sublinhar que se trata de um texto organizado de maneira complexa, que se organiza em hierarquias de ‘textos dentro de textos’ e que forma, portanto, uma complexa trama com eles” (LOTMAN, 1999, p. 109).

É, portanto, no plano das representações sógnicas, sob as interpretações dos estudiosos da universidade de Tartu, Estônia, que buscamos desvelar tais relações entre digital e impresso; à luz desse conhecimento de origem distante e de língua original pouco familiar a nós, brasileiros, é que pensamos aqui o problema colocado. A nula intimidade do pesquisador com o idioma russo obrigou a pesquisa a orientar suas análises a partir das obras traduzidas para o português, espanhol e inglês, como base de aprendizado. Há de se reconhecer, porém, que o acesso aos textos e conceitos foi, sobretudo, facilitado graças às aulas, orientações e discussões em grupo de estudos, atividades lideradas pela professora Irene Machado. Os livros e artigos publicados pela autora, onde está registrado debate insistente acerca de tais teorias, foi o primeiro contato do pesquisador com esse arcabouço teórico, de início, pouco familiar. Se há algum mérito no rigor em relação aos métodos adiante explorados, isso se deve ao contato privilegiado do orientando com essas formulações epistemológicas, que tanto seduziram por seu caráter esclarecedor, descortinando o mundo dos sentidos e da cultura.

Porém, pode-se dizer que o aspecto universal das teorias advindas dos estudos russos da cultura, que as tornaram uma reconhecida escola de Semiótica, ultrapassa, atualmente, o limite das traduções. Seus conceitos, que sustentam análises diversas, podem ser efetivamente assimilados, tanto por meio dos escritos de seus autores originais, quanto pelas discussões variadas de pesquisadores, no Brasil e no mundo. A fim de que fiquem mais claros quanto a sua expressão conceitual, resumimos adiante os termos mais caros a esta pesquisa.

“Como a consciência do homem é uma consciência linguística todos os aspectos dos modelos sobrepostos à consciência podem ser definidos como sistemas

modelizantes secundários” (LOTMAN, 1978, p. 37). O trecho contido em “A estrutura do texto artístico”, de Lotman, define o centro conceitual deste estudo: as estruturas modelizantes da cultura, especialmente, nos textos do jornal impresso. Entender como se concretiza tal modelização no campo da Semiosfera e a semiose, ação do signo, no processo de transferência de conteúdos de um suporte a outro é o tema central do questionamento colocado. Essencial para a compreensão de sistemas em sinergia, os postulados relacionados a fronteira, irregularidade e assimetria também contribuirão com a análise do assunto de investigação. Explosão e imprevisibilidade são outros temas fundamentais para a observação das alterações nesses sistemas, que estão inseridos em um circuito essencialmente dialógico. Além dos termos já colocados, será fundamental o realinhamento, ao longo da dissertação, dos conceitos de linguagem, texto e Comunicação na/da cultura, história e memória, tradução, dialogismo, gêneros e discursos, espaço semiótico, recodificação, Semiosfera, inteligência, mente da cultura e diagrama semiótico.

Por trás dos termos dicionarizados e popularmente conhecidos que guardam os conceitos da Semiótica da cultura, escondem-se outras acepções. Qualquer pessoa teria uma explicação inicial para “explosão”, “inteligência” ou “mente”, por exemplo. Mas não é só o sentido corrente que é empregado na organização interna das teorias russas para o estudo da cultura. Numa visão análoga ao papel do próprio signo, que nos mostra seu significado por trás daquilo que apreendemos, aprisionando um sentido, o repertório semiótico atribui outras interpretações às palavras que compõem seu vocabulário. Assim, não é de uma explosão ligada a colisões ou efeitos físicos, de uma inteligência dada unicamente pelo funcionamento do cérebro, ou da mente como propriedade humana relacionada à capacidade de pensar, que estamos falando, quando tratamos os termos semioticamente.

Ao longo deste estudo, tentamos equacionar as distinções em relação aos conceitos adotados, juntamente com as discussões onde eles se fizeram necessários. Esperamos ter esclarecido os princípios a contento dos examinadores e leitores desta dissertação. Da experiência de tentar elucidar tais verbetes, restou a reflexão quanto à importância de se introduzir o pesquisador na ceara dos assuntos inerentes à teoria semiótica – um desdobramento inexplorado nesta pesquisa, mas que instiga por sua relevância. Daí nasce a necessidade de alfabetizar o estudioso nos termos semióticos da cultura, afinal, o sistema semiótico não está dado, mas será sempre construído no processo de análise. A estratificação e hierarquização dos conceitos semióticos são tão

somente uma representação da própria estruturalidade de cada linguagem. Esta noção, por sinal muito cara a esta pesquisa, permeia toda a análise empreendida neste intento científico, é a base para os processos de modelização a serem perscrutados. Lotman entendia linguagem “como todo sistema de comunicação ordenado de modo particular” (LOTMAN, 1978, p. 35):

Qualquer linguagem utiliza signos, que constituem o seu ‘dicionário’ (fala-se por vezes de ‘alfabeto’; para uma teoria geral dos sistemas de signos, estes conceitos são equivalentes), qualquer linguagem possui regras definidas de combinação desses signos, qualquer linguagem representa uma determinada estrutura, e essa estrutura possui a sua própria hierarquia. (Ibidem, p. 34)

São as linguagens da cultura que refletem os acontecimentos, acreditamos. Através delas é que procuramos pensar as relações entre mídia impressa e digital, por exemplo. Seus avanços e estabilizações, seus progressos e refreamentos, conduzem as reflexões. É neste processo dinâmico, gradual, diria Lotman, que as transformações se processam no jornal impresso, nesse lugar, que está além dos *links*.

Pensar esse deslocamento do *hyperlink* nos textos de cultura produzidos pelas mídias torna-se, por consequência, nosso ponto de partida. Alvo das investigações, a noção de *link*, como indício de ligação ou de extensão hipertextual, passa a ocupar o centro das atenções, ao longo das análises. Se num primeiro momento, as observações cuidam de situar o objeto, perscrutar o *corpus* e compreender os meios comparados, no avanço das investigações, a própria posição de *link* aparece como determinante para traçar relações entre as esferas comunicativas. *Link* é de fato o elo entre os meios, torna-se o recurso de base para modelizações. Esse simples e conciso elemento de linguagem (originalmente, do repertório digital) guarda em si toda a potencialidade dos desdobramentos da rede sobre o plano cultural. Constatação que nasce do encadeamento dos processos de pesquisa: a investigação sistemática, apoiada em métodos qualitativos e quantitativos, expressos pela organização de dados e reflexão sobre conceitos, revela a determinação de relevância da condição hipertextual para o jornalismo impresso.

A propósito de esclarecer a investigação que nos conduziu a essa verificação, pontuamos aqui os métodos a que o *corpus* reivindicou. Para a obtenção de uma amostragem geral foram avaliados exemplares de alguns dos principais jornais em circulação no país; títulos selecionados pela expressão nacional e local, o destaque de cada jornal se tornou um pressuposto para a constatação de atualização de linguagem nesse sistema. De posse do material levantado, partiu-se para a seleção do *corpus* de

pesquisa dentro do espaço amostral definido (jornais brasileiros de um determinado período de circulação). Da amostragem geral de 48 edições de jornais de domingo, colhidos entre os meses de março e abril de 2012 (primeiros meses de financiamento feito pela agência), foram levantados temas, a partir das recorrências inicialmente encontradas. Essa observação ocorreu em um trabalho amplo de investigação nesses periódicos: para levantamento de dados, foi realizada leitura seletiva criteriosa, repetida, ao menos quatro vezes, ao longo dos meses iniciais de coleta do *corpus* e dos dois meses subsequentes. Partindo de observação inicialmente assistemática, de leitura voluntária, desenvolveu-se, a partir das repetidas checagens, uma técnica própria de sistematização de conteúdo. De início, a própria leitura do jornal, com sua cadência costumeira, foi adotada pelo pesquisador; a única regra internamente estimada nesse primeiro contato com o *corpus* foi o encadeamento de observação, do início para o fim dos cadernos, obedecendo à apresentação das páginas. Esse contato visava o levantamento de primeiros impactos e perfis mais evidentes, nas páginas dos jornais. Sobretudo, estavam sob observação a formação da página e os assuntos expressos em títulos e “linhas-finas” das reportagens.

Categorizados em dois grupos de observação surgidos nessa leitura cadenciada introdutória – “Internet presente em reportagens” e “Internet presente no padrão gráfico e editorial” – tais temas conduziram à constatação de remissões de conteúdo de diversas naturezas. Ao final, foram definidas oito categorias, agrupadas em dois macrotemas. Essa segmentação, ocorrida a partir de análises iniciais, orientaram a formação dos dois primeiros capítulos da dissertação; nesses trechos da pesquisa, as categorias foram explicadas detalhadamente e ajudaram a compor as análises. Essa etapa da pesquisa foi realizada a partir da contagem e da tabulação de dados colhidos, com a intenção de definir a quantia e a categorização de tais indícios. O escrutínio dos jornais permitiu uma visão mais ampla dos textos de cultura advindos do jornalismo impresso identificados; a partir dessa aproximação e verificação, foi possível expandir a análise, introduzindo as conceituações sobre modelização e demais teorias da Semiótica da cultura.

Para o rigor do experimento, a metodologia foi abordada de acordo com as demandas de análise. A partir da seleção anteriormente descrita, a pesquisa seguiu rumo às reflexões, inicialmente, realizando exercícios comparativos: a composição do jornalismo em meio impresso e sua atualização no meio digital. A construção da página, estruturação diagramática, leitura no espaço público foram alguns dos termos da

comparação do processo modelizante. Nesse sentido, tanto o pensamento teórico sobre o meio impresso quanto as concepções semióticas formaram a base dos princípios.

Nesse ponto, o pesquisador esforçou-se em depurar dos textos culturais produzidos pelo jornalismo impresso a relação com os outros textos culturais, os das mídias digitais, buscando identificar e refletir sobre aspectos modelizados pela Internet no meio impresso. Esclarecimentos sobre a natureza técnica e teórica de ambos os campos relacionados (Internet e jornalismo) ajudaram a compor uma noção das expressões dessas mídias em seus meios, tornando mais seguro o embasamento para a análise da situação relacional do objeto em questão. É nessa intersecção entre áreas (e suas teorias) que se esperava alcançar a solução para o problema posto aqui em evidência: o entendimento da mídia impressa transformada pelo advento do ambiente digital em sociedade.

À luz dos conhecimentos da Semiótica da cultura, o tema pode ser investigado no âmbito da produção dos textos culturais, de sua semiose, dos circuitos dialógicos que os envolve, de sua inserção na Semiosfera, entre outras questões pertinentes propostas por essa episteme. Para ampliar os horizontes da discussão teórica e não fechar a pesquisa em um campo hermético, faz-se necessário o esclarecimento da origem e dos postulados do eixo metodológico previsto para a análise dessa investigação acadêmica, que formará o principal recurso da forma de análise dos resultados. A Semiótica da cultura, nascida na Escola de Tartu-Moscou, na Estônia, dispõe de vasto acervo teórico de conhecimento. É fecundo o repertório dessa epistemologia, pertencente às Ciências Humanas, frente a problemas relacionados à área de Comunicação. Diferentemente das previsões empíricas das pesquisas de campo e dos modelos teóricos ligados à observação da práxis comunicacional, a Semiótica russa permite relacionar os textos de cultura produzidos pela área de comunicação a outros. Esse postulado teórico tem a capacidade de avaliar ecologicamente as produções comunicacionais e contextualizá-las no campo da Semiosfera, onde os textos culturais ganham sentido e demonstram suas relações.

Os conceitos adotados foram ainda colocados à observação dos pares da área em eventos acadêmicos, tais como o XXXV Intercom e o I Confibercom. O exame de qualificação, ocorrido em setembro de 2012, e as considerações dos membros da banca também ajudaram a pensar o tema de estudo, a partir de contribuições e incentivos ao processo de pesquisa. Devido às discussões realizadas em consonância com os professores membros, alguns acréscimos e alterações foram implementados. Uma

alteração significativa surgida nessa ocasião foi a inserção de nova bibliografia, especialmente no que concerne às linguagens digitais. Essa foi uma proposta originada durante as discussões quanto a meios e tecnologias, que se mostrou propositiva em relação às análises. Essa inclusão também ajudou a resolver um impasse que se originou diante da pesquisa: de que Internet estamos falando quando consideramos a possibilidade de modelização do meio digital sobre o impresso? A equação pareceu estar resolvida com a proposta de abarcar os estudos das linguagens digitais, considerando, em especial, autores como Landow, Manovich, Fidler, entre outros. Esse acréscimo encerrou também a proposta inicial de tomar como modelo comparativo apenas os sites dos próprios jornais analisados, o que não atingiria o objetivo da pesquisa, por limitar o universo de compreensão das mídias digitais. Por tratar de alterações no campo da linguagem, preferiu-se buscar entender a apreensão do meio digital enquanto formador e orientador de códigos. Tais incursões apontadas, longe de escaparem ao rigor inicial da pesquisa, demonstram preocupação quanto às bases científicas adotadas – as demandas do próprio objeto de pesquisa formam os princípios de investigação e definiram os encaminhamentos mais apropriados aos objetivos do projeto.

A pesquisa se encerra com a abertura para pensar o *hiperlink* sob uma perspectiva mais ampla, que alimenta a investigação pelo viés de seu caráter sócio-cultural. Trata-se das reflexões feitas a partir dos conceitos de diagrama de pensamento, assunto debatido em grupo de pesquisa ao qual o pesquisador se filiou, a partir de 2013. Esse acréscimo foi tensionado às perspectivas já definidas: de pensar o *link* num contexto de cultura. De fato, esse fragmento da linguagem digital, tal como o conhecemos nas telas do computador, não poderia estar expresso em sua identidade primeira nas páginas do jornal. Mas é em seus novos recobrimentos de sentido, em sua acepção simbólica, na sua conformação com novos textos e até na ausência de parte de sua expressão como na origem digital que o *hiperlink* passa a ser visto. Os levantamentos sempre complexos dessa análise e as perspectivas que se abriram nos mostram que problematizar o papel dos *links* sobre outras mídias pode ser um caminho instigante para pensar a Comunicação, nos dias atuais.

Capítulo 1

Devires em mídia impressa e digital: pressupostos para investigação de interações entre linguagens

A reflexão que a partir daqui se discorre não se coloca à margem dos questionamentos que emergiram no âmbito da Comunicação, a partir de meados da década de 1990 – pensamos aqui nas transformações ocorridas na esfera do jornalismo, a partir do avanço da tecnologia informática e, sobretudo, da rede de computadores, Internet. Ao contrário: esse pensamento nasceu, foi estimulado e está sendo desenvolvido a partir de um conflito crucial, que aventa possibilidades sobre os rumos dos produtos e da dimensão jornalística diante de um novo cenário.

Enquanto que, com o estabelecimento da Internet, experiências de webjornalismo, pretensamente inovadoras, moldaram-se na rede, especialmente sob o formato dos portais de notícia e versões virtuais de títulos impressos, inaugurando “novos cenários”, ou ao menos, novas atividades (embora a maioria tenha se estabelecido sob categorias tradicionais de produção noticiosa), nossa atenção aqui segue caminho inverso: se volta para as mídias antigas, velhos jornais e revistas, em face de uma nova égide comunicativa. Por um lado, como se comprova em vasta bibliografia e pesquisa científica, o jornalismo padrão segue movimento migratório em direção à Internet “sob a forma de televisões, rádios e jornais on line”, como afirma Cardoso (2007, p. 207); também voltam suas preocupações a esse processo, outros autores, que nesse estudo serão considerados, tais como Boczkowski (2004), Dalmonte (2009), Días Noci & Palacios (2008), Ferrari (2003), Gillmor (2004), Manovich (2001), Pavlik (2001), entre outros. Mas por outro ponto de vista, observamos que também a Internet levou sua dinâmica à produção noticiosa, num movimento oposto, na medida em que a cultura digital inseriu-se socialmente – e é mais sobre esse aspecto que reside nosso foco de trabalho.

Outra distinção necessária: embora a participação da tecnologia no processo noticioso tenha influência decisiva, a intenção de pesquisa é considerar também o uso da Internet como instrumento, mas, sobretudo, com o objetivo de ampliar o entendimento de seu valor simbólico e estratégico. Aqui não se trata somente de analisar o uso dos computadores, da informação em rede e da permanência diante de telas como ferramentas para os produtores de notícia. Mais que isso, nosso intento é perceber como

a linguagem da Internet se expande para fora do contexto de uso e se torna padrão cultural, a ponto de alguns de seus códigos serem reproduzidos sistematicamente.

Na expectativa de vislumbrar o entendimento das perspectivas futuras em mídia impressa por outro viés que não o dos imediatismos de fundos empresariais e comerciais ligados ao exercício da atividade jornalística, a reflexão proposta cuida de analisar tal problema no tocante às capacidades das linguagens circunscritas aos meios em questão: jornais e web. Assim, a presente pesquisa quer trazer uma contribuição semiótica às perguntas perturbadoras quanto à sobrevivência do jornalismo; ao que, pela ordem dos signos, não necessariamente corresponde a uma resposta acabada e conclusiva, já que nenhuma reflexão dessa natureza é dada ao pesquisador, mas construída em seu processo de análise. E sendo a cultura um organismo vivo, tal como defendia Iúri Lótman, cabe aos cientistas que tomarem por base esse caminho a tentativa de flagrar os sistemas culturais, tais como eles se apresentam neste exato momento, dispensando exercícios frustrados de futurologia ou especulação.

Entendendo os fenômenos de mudança no jornalismo impresso numa perspectiva similar, Muniz Sodré aponta que a inserção de novos mecanismos e instrumentos de comunicação (telégrafo e máquina de escrever) reconfiguram o campo da escrita no século XIX, associados aí também, segundo o autor, à crise do texto romanescos e à influência do simbolismo. Estende, assim, o autor as interpretações esclarecedoras e as teorias avançadas de Marshall McLuhan (1969), sobre a inserção dos meios em sociedade e suas capacidades transformadoras: sob outro ângulo, retratando mais um momento de reconfiguração, Sodré retoma a ideia de influência das mídias sobre o jornalismo, deixando evidente a aproximação entre o contexto das transformações tecnológicas e as alterações na produção das notícias:

De parte do consumidor, é patente, a diminuição do esforço em face da recepção de notícias por meio de rádio e televisão. A pressão das novas tecnologias informativas obriga o jornalismo impresso, como no passado, a transformar seus textos, inclusive a notícia, que passa a comportar diagramas, recapitulações, quadros e a chamada infografia (a própria imagem torna-se informativa). (SODRÉ, 1996, p. 146)

Assim, ao encarar o problema pelo viés dos sistemas culturais com o qual se envolve, o momento atual por que passa o jornalismo não demanda, portanto, apenas uma revisão sobre as características técnicas e estéticas de seus produtos culturais a fim de que se tornem mais adequados aos modelos em voga na contemporaneidade, mas

requer uma maior compreensão de sua ação sgnica, que entra em diálogo e expansão com novos fenômenos midiáticos e avanços. Retomando, assim, a cara ideia de que os encontros culturais são dialógicos e geradores de renovao dos sistemas de signos, noo que levou Lótman a investigar as relações entre sistemas de signos no espaço da “semiosfera” (MACHADO, 2007), a proposta de investigao considera como hipótese a possível ocorrência de modelizações no jornalismo impresso como resultado do surgimento da Internet – ou seja, busca-se apreender a possível reestruturao sgnica da linguagem jornalística na atualidade, a partir dos referenciais digitais expostos no plano cultural.

Pela lógica do funcionamento da cultura, toda nova mdia traz outras ambiências. As mudanças na área de Comunicao carregam consigo algo de específico, que redefine algumas questões desse processo. O advento da Internet pode ser considerado como um desses fenômenos transformadores no curso dos sistemas culturais. Para além das considerações especulativas e precipitadas, inicialmente adotadas por catastrofistas, sobre o desaparecimento ou abandono dos meios precedentes, a Internet vem demonstrando outros desdobramentos. Suas características distintivas, relacionadas tanto a conteúdo verbal quanto visual, se mostram presentes em outras esferas da Comunicao, influenciando o fazer jornalístico dos meios precedentes de maneira direta, como se observa nas contaminações entre as linguagens gráficas de produtos editoriais ou, de maneira mais profunda, no âmbito simbólico da cultura jornalística, que se v totalmente inserida nesse processo. Dessa forma, não apenas a Internet aproveita-se da chamada “convergência de meios”, como os próprios meios mostram-se impelidos a dialogarem com o sistema virtual e seus códigos. Estabelecendo diversas relações, jornais e revistas mostram-se cada vez mais associados à linguagem produzida na rede de computadores, provando que os discursos de ambas as áreas estão envolvidos em uma confluência de sentidos.

Ao propor uma compreensão para o tema, faz-se necessário, sobretudo, o entendimento do caráter específico das mídias sugeridas como base de estudo – jornais impressos –, especialmente no que se refere a suas funções de textos no contexto cultural. Nessa perspectiva, a análise de produtos editoriais de cunho jornalístico cujo suporte  o papel merecem passar por debates e esclarecimentos, não são em relação  sua natureza física, mas também quanto ao seu desempenho simbólico.

O jornal é apenas um operador entre um conjunto de operadores sócio-simbólicos, sendo, aparentemente, apenas o último: porque o sentido que leva aos leitores, estes, por sua vez, remanejamos a partir de seu próprio campo mental e recolocamos-no em circulação no ambiente cultural. Se, na origem, o acontecimento não existe como um dado de 'fato', também não tem solução final. A informação não é o transporte de um fato, é um ciclo ininterrupto de transformações. (MOUILLAUD, 1997, p. 51)

O momento atual do jornalismo não demanda, portanto, apenas uma revisão sobre as características técnicas de seus produtos culturais, mas requer uma maior compreensão de sua ação sócio-cultural, que entra em diálogo e expansão, diante de novos fenômenos midiáticos e outras ambiências comunicativas. Apenas para expandir os horizontes de tal confluência e aventar outras expressões desse processo, recorreremos aos exemplos de Jhon V. Pavlik, em "Journalism and New Media", ao descrever as capacidades das mídias digitais, na atualidade: novas narrativas técnicas, que envolvem a audiência em um contexto mais fluido de reportagem; escrita não-linear ou hipermidiática; extraordinária customização; e alta participação de envolvimento (PAVLIK, 2001, p. XIV).

1.5. Um campo dialógico: para pensar a natureza dos meios e possibilidades de influência

Há evidências, portanto, que levam à percepção do tema e ao levantamento do assunto, a ponto de torná-lo pertinente à elucidação em pesquisa científica. A investigação a que se propõe este intento é analisar como as produções culturais do jornalismo estão sofrendo um processo de transformação para manter relações com esse novo momento da Comunicação. Em última instância, a pesquisa quer sistematizar as consequências dessa mudança e debater uma questão crucial (do ponto de vista de suas linguagens) para a mídia, atualmente: como a internet modeliza o meio impresso? O conceito de modelização deriva da teoria cultural desenvolvida pela Escola de Tartu-Moscou para o estudo da cultura.

Vale lembrar que o termo 'modelização' foi forjado no campo da informática e da cibernética, para designar a operação que, no contexto das máquinas, se encarregava da auto-organização e do controle sem os quais a comunicação não pode ser pensada como organização do que está disperso. No campo da cultura, passa a designar processos de regulação de comportamento dos signos para constituir sistemas. Diante disso, entende-se a palavra 'modelização' como um 'programa para a análise e constituição de arranjos' e não a simples 'reprodução de um modelo', uma vez que a ideia de um 'programa' permite a existência de configurações sócio-culturais particulares, específicas e ainda

comunicantes, como que postas em continuidade em uma cadeia de linguagens. (RAMOS, MELLO, CAVALCANTI, ROCHA, NAKAGAWA, PEREIRA, PEREIRA, NAKAGAWA. In.: MACHADO (org., 2007, p. 29)

Assim, nesta pesquisa, a partir das capacidades estruturantes ligadas ao conceito de modelização, surge o intento de apreender como se organiza, ou se atualiza, a linguagem nos produtos do meio impresso, mediante o surgimento de um novo sistema de signos no horizonte da cultura midiática.

Para análise das modelizações ocorridas no meio impresso em virtude da presença da Internet, se faz necessária uma visão aprofundada sobre um recorte específico dos produtos editoriais existentes no mercado brasileiro. Com a intenção de enfatizar o intuito dessa investigação científica e, de fato, conquistar a capacidade de enxergar tal influência, foram consideradas neste trabalho, as edições de domingo de alguns dos principais jornais brasileiros.

Por serem os exemplares de maior quantidade de cadernos e páginas, maior tiragem e circulação e ainda maior interesse dos leitores, espera-se que as edições dominicais sejam as que estão mais vinculadas às contribuições que os meios digitais têm promovido à comunicação, o que as tornariam a amostragem mais fecunda para observações dessa ordem. Os jornais de domingo são os que possuem edições mais elaboradas, a começar pelo número de cadernos especiais e encartes que oferecem. Também apresentam seleção noticiosa que considera os fatos mais relevantes da semana e ainda expõem o conteúdo com o reforço de melhores imagens, gráficos e outros recursos de apoio.

Foram selecionados tanto jornais em formato *standard* quanto em formato tabloide, para uma noção maior dos direcionamentos ocorridos no jornalismo impresso, de um modo geral. É da preocupação da pesquisa reconhecer, tanto em um formato, quanto em outro, quais são as mudanças ocorridas. Estão sob observação os jornais de formato *standard* *Folha de S. Paulo* (de São Paulo), *O Globo* (do Rio de Janeiro) e *Jornal do Commercio* (de Recife). E os títulos de jornais tabloides definidos são *SuperNotícia* (de Minas Gerais), *O dia* (do Rio de Janeiro) e *Zero Hora* (do Rio Grande do Sul).

Alguns desses títulos, como *Folha de S. Paulo*, estimularam, inclusive, os princípios dessa reflexão, uma vez que a empresa que o veicula anunciou em maio de 2010 sua reconfiguração gráfica, a partir de novas dinâmicas midiáticas. A Internet teria papel decisivo nessa ação – de um lado comercial e institucional, mas por outro,

também linguística e simbólica – que marcou a produção noticiosa recente no Brasil. Não houve investigação nesse estudo sobre atitudes semelhantes junto aos responsáveis dos outros títulos escolhidos para pesquisa; o que seria instigante para o estudo aqui desempenhado, abrindo perspectivas futuras para esta análise. O fator de influência para a seleção desses jornais, num primeiro momento, foi, sobretudo, sua expressão regional e nacional. *Jornal do Commercio*, de Recife, é um antigo noticiário impresso do país e o de maior influência no estado em que circula. Já *O Globo* é uma marca importante da Imprensa brasileira, ocupando posto de destaque no circuito carioca, além de representar, no setor impresso, uma das maiores empresas de comunicação do Brasil.

Já os tabloides foram aqui incorporados a título de análise por representarem uma parcela crescente e significativa da atividade editorial, nos dias atuais. *SuperNotícia* tornou-se um caso de notável repercussão na área de publicações impressas, tornando-se em 2010, o primeiro jornal em tiragem e circulação do Brasil, superando o posto anteriormente ocupado por *Folha de S. Paulo*. *Zero Hora* é outro título de peso da região Sul, além de uma das principais marcas de um importante grupo de mídia nacional, o conglomerado RBS. *O Dia*, do Rio de Janeiro, tem posição expressiva nessa cidade, fazendo frente a outros tradicionais títulos que circulam nesse centro urbano. Embora tenham surgido mais recentemente, esses três tabloides figuram como casos representativos do jornalismo impresso brasileiro, não só pelo posto que ocupam, mas por estabelecerem um novo formato de veículo no cenário da imprensa e na oferta ao público leitor – fator que certamente repercute no tipo de reportagem produzida por esses noticiários e nos gêneros de linguagem que aí se estabelecem. Esse motivo, aliás, também reverbera e se imbrica no tema central de pesquisa adotado.

A seleção de títulos foi orientada pela expressão dos veículos e por eles comporem uma amostra variada do exercício do jornalismo em diferentes regiões brasileiras. Os meses de março e abril de 2012 formam o espaço temporal de investigação. Ao todo, são oito edições dominicais dos seis jornais indicados que foram colhidas pelo pesquisador para a formação de *corpus*, totalizando 48 edições. Para visualização, a seguir apresenta-se a primeira seletiva de *corpus* da pesquisa, correspondente aos seis jornais do primeiro domingo do período mencionado.



Figura 1. Capas dos seis jornais definidos, do dia 04 de março de 2012

1.2. Primeiros esboços: breve olhar sobre os jornais brasileiros

A partir da seleção anteriormente descrita, a pesquisa foi de encontro às análises, inicialmente, a partir de exercícios comparativos, na busca de assimilar a composição do jornalismo em meio impresso e suas referências ao meio digital, tanto em conteúdo como graficamente. A construção da página, estruturação diagramática, leitura no espaço público são alguns dos termos da comparação realizada a fim de investigar o processo modelizante. E nesse sentido, tanto o pensamento teórico sobre o meio impresso, quanto as concepções semióticas formam a base dos princípios de análise.

Nesse levantamento de dados, estabelecido por meio de leitura e anotação de observações, foram elencados os assuntos que a seguir se descrevem, considerados como categorias de recorrências de inserções relacionadas ao tema proposto. Os primeiros dados levantados dedicam-se às observações presentes em reportagens. Num segundo momento (mas não menos importante), agrupamos as inserções que fazem parte do padrão editorial e gráfico – esquemas, caixas, complementos, textos, marcas e outros recursos – que remetem à Internet.

1) Internet presente em reportagens

Aqui, nos ocupamos especificamente das informações e dados que aparecem decididamente em reportagens; considera-se, portanto, tais apontamentos como indicativos da presença da Internet como parte da atividade rotineira de produção de notícias.

Reportagens com infográficos que ocupam mais de 30% da página. Observa-se que, a partir da utilização da tecnologia informática como ferramenta na elaboração de jornais, os recursos técnicos e as capacidades de criação da reportagem, sobretudo, da distribuição da informação pela página, ganha reforços. A reportagem amplia suas possibilidades de reprodução da informação, dando margem assim ao aparecimento de novos procedimentos e aspectos. Nos jornais analisados, foi constatada a aparição de matérias que além da informação textual, contavam com grande total de conteúdo formado por infografia. Nesses casos, tal estratégia não foi adotada apenas como recurso de apoio, mas como elemento central, criando assim a noção de que esse procedimento tornou-se essencial na produção dessas notícias. Tal repercussão aparece em diversas situações no conjunto de jornais analisado, como no exemplo retirado do *Jornal do Commercio* (edição de 25 de março de 2012; caderno de Economia, página 5, reportagem: “Uma fatura histórica”).

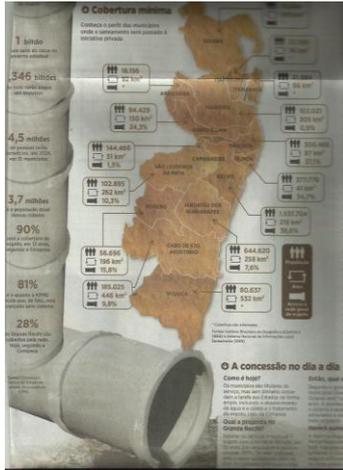


Figura 2. *Jornal do Commercio*. Edição de 25 de março de 2012, caderno de Economia, página 5

Reportagens sobre Internet ou tecnologia digital. O jornal é um mediador cultural; possui a capacidade de selecionar elementos da cultura e transformá-los em dado novo, ou debatê-los à luz de esclarecimentos. A partir dessa concepção, surge na pesquisa o intento de captar do *corpus* obtido textos que reportem às capacidades dessa linguagem em reproduzir, remeter ou interagir com o conteúdo presente na web – quase sempre trazendo à berlinda informações novas dessa esfera (inovações tecnológicas, por exemplo) ou debatendo sua influência em aspecto comportamental. Esse caso é representado pelos exemplos abaixo, retirados da capa do jornal **Zero Hora** e da página 3 do primeiro caderno do **Jornal do Commercio**, respectivamente. Ambos de 15 de abril de 2012.



Figura 3. *Zero Hora*, de 15 de abril de 2012, página 1



Figura 4. *Jornal do Commercio*, de 15 de abril de 2012, página 3

Reportagens que demonstram preocupações institucionais quanto à Internet.

Como instituição empresarial, o jornal também participa de seu próprio enunciado, recorrendo a “primeira pessoa” para debater determinados assuntos. A Internet é alvo dessa abordagem em casos frequentes dentro do *corpus* analisado; com essa constatação, esse tema mereceu destaque na pesquisa. Esse item é comprovado conforme as imagens dispostas a seguir (capa do jornal **Folha de S. Paulo** e página 2, editorial, no jornal **Zero Hora**, ambos do dia 11 de março).



Figura 5. *Folha de S. Paulo*, de 11 de março de 2012, página 1



Figura 6. *Zero Hora*, de 11 de março de 2012, página 2

Reportagens com complementos na Internet. Frequentemente, os jornais analisados dispunham junto às reportagens (quase sempre em notas de rodapé de página) informações adicionais sobre complementos de conteúdo das matérias na Internet, convidando o leitor a visitar sites e ter acesso a mais informações – acréscimos de dados, entrevistas, vídeos, entre outros. Tais inserções, muitas vezes, dividiam espaço com selos gráficos fixos, que registravam em cada caderno ou editoria, complementos adicionais daquela parte do jornal na Internet (esse recurso é listado à frente como fator referente ao segundo caso, formando uma característica do padrão gráfico/editorial). O primeiro caso apontado é exemplificado com as imagens abaixo, retiradas da reportagem publicada no dia 18 de março, no jornal **Zero Hora**. No box em detalhe se lê: “Assista a vídeo que mostra como é o prédio que abriga o Hospital Psiquiátrico São Pedro. Acesse zerohora.com.”



Figura 7. *Zero Hora*, de 18 de março de 2012, página 4



Figura 8. Detalhe de *Zero Hora*, de 15 de março de 2012, página 4

O número de ocorrências desses indicativos demonstrados referentes ao tema “**Internet presente em reportagens**”, na totalidade das 48 edições analisadas, no atual estágio da pesquisa, passa pela fase de contagem e tabulação de dados.

2) Internet presente no padrão gráfico e editorial

Nesse segundo momento, são levantados os aspectos residuais ou de fundo quanto à influência da Internet sobre os jornais analisados. Aqui ficam registrados os padrões, seções ou identidades fixas (presentes em todas as edições, e em geral sempre nas mesmas páginas) que possuem ligação com o repertório digital. Quanto a esse aspecto, não coube realizar levantamento de ocorrências, já que esses não são fatores isolados, mas gerais e arraigados na própria estrutura das publicações.

Contatos de membros da equipe. Em diversas situações, os jornais divulgam contatos diretos dos participantes de cada reportagem/artigo ou editoria. Em algumas das publicações, as reportagens eram assinadas com e-mail do repórter responsável junto ao nome. Em outros títulos, cada caderno dispunha de contatos diretos dos editores responsáveis no alto da página – caso do *Jornal do Commercio*, por exemplo, ilustrado

a seguir. Sem contar as seções já fixas, que estimulam a participação do leitor por cartas e também e-mail.



Figura 9. *Jornal do Commercio*, de 08 de abril de 2012, caderno Cidades, página 1

Figura 10. Detalhe de *Jornal do Commercio*, de 08 de abril de 2012, caderno Cidades, página 1

Boxes fixos em cadernos com remissões a conteúdo na Internet. Boa parte dos jornais analisados dispunha de pequenas inserções fixas em cada caderno ou editoria – em geral no rodapé de página – com acréscimos de reportagens, complementos ou informações na Internet. Muitas vezes, tais recursos permaneciam nas mesmas páginas, demonstrando a recorrência de repetições, motivo pelo qual esse recurso foi encarado como um padrão. Os exemplos abaixo foram retirados da seção de Economia do jornal *Folha de S. Paulo* e do cabeçalho do caderno de Esportes de *O Globo*, respectivamente.



Figura 11. *Folha de S. Paulo*, de 1 de abril de 2012, caderno Mercado, página B16

Figura 12. Detalhe de *O Globo*, de 1 de abril de 2012, caderno Esportes, página 5

Páginas com microrreportagens – adensamento de conteúdo. Ao lado de reportagens com “texto corrido” surgiram na análise dos jornais trechos com outras matérias muito curtas, que de tão pequenas, chamaram a atenção do pesquisador. Muitas delas continham apenas títulos simples e textos explicativos, reforçando a característica de agilidade na leitura e dinamismo nas páginas. Esse recurso foi encontrado, sobretudo, nos jornais tabloides, como no caso do jornal *SuperNotícia*, exposto abaixo.



Figura 13. *SuperNotícia*, de 22 de abril de 2012, página 9

Recursos gráficos que remetem à Internet: telas, caixas, ícones, setas, ilustrações. Aqui registrado por último fica o recurso mais evidente (no sentido lato da palavra) de aproximação entre Internet e jornalismo impresso. Notou-se, nessa análise primeira das 48 edições coletadas, que a maioria dos títulos adota recursos visuais que ficaram marcados por sua atuação no ambiente digital. Numa espécie de aproximação com a experiência de navegação no ambiente virtual, os jornais reproduzem inúmeros padrões de webdesign em suas páginas impressas, dando uma estática a esses recursos dinâmicos, “paralisando” a extensão do hipertexto. Tal iconicidade é constatada em diversos jornais analisados, conforme nos exemplos adiante, retirados de um exemplar de *O dia*.



Figura 14. *O Dia*, de 1 de abril de 2012, página 10



Figura 15. *O Dia*, de 1 de abril de 2012, página 18

1.3. Às margens de modelizações: transformações no horizonte semiótico

Possibilidades de interpretação e encaminhamentos de reflexão sobre os dados coletados no tocante ao tema estabelecido vão sendo constituídas diante da evolução das análises. A proposta de pesquisa exige acuidade metodológica e rigidez teórica frente às constatações até a hora enunciadas. Se por um lado, a descoberta afirmativa das incursões propostas torna a pesquisa bastante inclinada a apresentar resultados propositivos quanto ao surgimento de uma modelização, por outro, o entendimento mais aprofundado dessa teoria nos traz ressalvas quanto às conclusões sobre as observações constatadas.

Uma recuperação do conceito teórico central de nossa atenção merece aqui ser feita com clareza, para que não se banalize ou vulgarize a complexidade de seu alcance filosófico. Afinal, em torno desse tema é que foi constituído um projeto semiótico avançado, pelo grupo da Escola de Tártu-Moscou para o estudo da cultura, que se desdobrou ao longo de 30 anos e configurou todo o repertório teórico que hoje sustenta trabalhos científicos em largo campo. Além disso, não é só pelo respeito ao termo e pela expectativa de nos desviarmos de equívocos que estagnamos nessa equação. Há de se pensar que, se estamos falando de sistemas modelizantes, é impossível dispensar a complexidade das dinâmicas dos códigos culturais inerentes a esse processo ou descartar a profundidade das interações entre linguagens e sistemas, capazes de reconfigurar o campo cultural, próprios desse mecanismo. Traduzindo a teoria à nossa observação, isso significa se perguntar como a estrutura da linguagem (ou das plurais linguagens) que envolvem o jornalismo se reestrutura a partir de um dado novo, por meio de um “programa para análise e constituição de arranjos” (MACHADO, 2003, p. 49) em tensionamento.

Para além da obediência aos critérios terminológicos e conceituais, essa preocupação, por outro lado, também reitera um anseio ontológico, da práxis jornalística: de fato, há uma mudança dos produtos editoriais por conta da Internet? A aproximação gráfica/textual dos elementos digitais reproduzidos em páginas pode ser encarada como mudanças profundas, da ordem dos signos? Estamos falando efetivamente de uma transposição sobre a natureza dos jornais, de uma profunda modelização nesses textos culturais? O próprio conceito nos ajuda a pensar tais questões e guarda em si uma possibilidade de resposta:

Modelizar, contudo, não é reproduzir modelos e sim estabelecer correlações a partir de alguns traços peculiares. Implica antes a adoção de uma espécie de algoritmo cujo resultado mostre que o objeto modelizado jamais resultará numa mera cópia. (MACHADO, 2003, p. 50)

A compreensão mais detalhada dessa concepção não tem por objetivo, no entanto, barrar a constituição da linguagem jornalística em seu processo de evolução ou apontar melhores alicerces para a construção de uma efetiva cadeia de construção noticiosa que considere de fato os avanços da Internet – nem conseguiríamos o feito, se esse fosse nosso intento. O objetivo ao justapor o conceito ao fenômeno não é restringir exercícios ou condenar as práticas, mas sim, averiguar os resultados de evidentes propósitos dentro das atuações recentes na Comunicação. Apontar falhas ou inaptidões não cabe como escolha científica séria. Caminho melhor se mostra ao pensarmos as linguagens, todas elas, como resultado de um encadeamento de processos, numa ação sígnica contínua, que pode dar margem ao aparecimento de modelizações variadas em diferentes graus.

Tal como a arte, os mitos e a religião, alvo das investigações do grupo de Tartu-Moscú para o estudo da cultura, a Comunicação e o jornalismo podem ser considerados como um sistema de modelização secundário, afinal são constituídos a partir de estruturalidades e arranjos na formação de suas linguagens. Dessa forma, tais expressões culturais, repletas de sentidos, estão sujeitas a reconfigurações sígnicas, em sua evolução. Encontrar os fundamentos dessa reconstituição não se mostra pertinente e instigante apenas a fim de que se tenha maior compreensão da constituição das linguagens jornalísticas e suas funções, no momento atual. Mais do que apreender as especificidades das mídias em si, nasce com essa experiência científica uma preocupação de base, que busca entender as alterações propostas pela Internet (aqui enxergadas sob o viés do jornal impresso) como espelho de uma nova cultura. Interess-

nos, sobretudo, a formação do ambiente proposto por essa rede e como a presença maciça de novos padrões culturais altera produções de linguagens em diversas instâncias.

Num estudo abrangente sobre as transformações culturais, até mesmo ocorridas na formação de sociedades inteiras, Harold Innis relata como cada mídia altera seu contexto, gerando o progresso e o declínio de características culturais: “Um meio de comunicação tem uma importante influência na disseminação do conhecimento através do espaço e do tempo e se torna necessário estudar suas características a fim de avaliar sua influência sobre o quadro cultural” (2011, p. 103). Assim como a escrita rupestre, o alfabeto, a prensa, o rádio e a televisão, mecanismos operadores de transformações nas sociedades em que se inseriram, a Internet faz surgir novos padrões culturais, que estimulam o aparecimento (ou o sumiço) de procedimentos, linguagens e relações, abrindo assim novas perspectivas. Ainda é cedo para relatar alterações profundas em face dessa nova ambiência, mas a pesquisa aqui iniciada quer pensar nesses processos como indícios de mudança. Constatar um jornalismo modelizado é enxergar devires. Nessa busca, portanto, a pesquisa prossegue.

Talvez possamos admitir que o uso de um meio de comunicação durante um longo período determina, em certa medida, a natureza do conhecimento a ser comunicado e sugerir que sua penetrante influência criará, por fim, uma civilização na qual a vida e a flexibilidade se tornam extraordinariamente difíceis de manter e que as vantagens trazidas por um novo meio podem, por exemplo, levar ao surgimento de uma nova civilização. (INNIS, 2011, p. 104)

1.4. Encaminhamentos: adendo às primeiras impressões

Não há caminho, porém, para que se possa chegar mais próximo da ambição colocada que não seja o da investigação detalhada e criteriosa. No enalço dessa proposta de análise, a pesquisa pretende passar por leituras e checagens mais aprofundadas sobre o material coletado, de onde se espera extrair categorias de enfoque. Tarefa essa a ser desenvolvida no capítulo seguinte, onde a varredura das 48 edições, a partir dos critérios neste primeiro artigo mencionados, irá dar origem a uma noção completa sobre o material em mãos. De posse dos textos de cultura elencados, a análise semiótica em si se fará presente no percurso de construção desta dissertação. Na expectativa de averiguar modelizações, o estudo traz para perto outros conceitos desenvolvidos pelo grupo da escola de Tartu-Moscú para o estudo da cultura. Em seu

processo de análise, essa incursão tenta chegar a um momento decisivo para o entendimento da proposta de reflexão: como se imbricam a cultura digital e outras expressões midiáticas na mente na cultura. Qual o lugar para essa relação na Semiosfera, espaço etéreo onde as linguagens ganham sentido? Esse é um desafio que surge nos processos de análise e que permeiam toda a construção do pensamento formulado. Propor uma resposta ao questionamento é o que tentamos empreender, mais adiante.

O diálogo entre meios quer ser o centro da pesquisa desenvolvida nesse projeto. Como as linguagens de um e outro campo se relacionam e, em nossa hipótese, se reconfiguram é o objetivo aqui perseguido. Não há como pensar, porém, que esse processo será dado a partir de imediatismos e definições diretas. Traduções literais de um a outro espaço não correspondem, em legitimidade, a natureza da investigação. Diálogos pressupõem assimetria, como defende Lótmán (1990), e naturalmente, na expectativa de enxergar tais relações, a busca por correspondências, mesmo diante de aparentes inadequações, será necessária. Desvendar tais possibilidades, exercício árduo, como agora se constata, é o que se tem pela frente.

Capítulo 2

Instrumentos de pesquisa: amostragem de alcances nos jornais brasileiros

2.1. Convergência midiática, um esclarecimento no percurso desta reflexão

Começamos dando um passo atrás nas análises para prestar um esclarecimento que não coube no fluxo de apresentação das noções introdutórias por um viés semiótico empreendida no capítulo anterior. Trata-se do fenômeno da convergência midiática e, conseqüentemente, das contribuições que as mídias tradicionais deram às linguagens da Internet. Preocupamos-nos, com isso, em sinalizar a via oposta quanto ao trabalho proposto, tema que também valeria ser estudado a fundo e que poderia ser alvo de análises pertinentes – projeto que se fosse de fato articulado, certamente mereceria outro trabalho. Aqui, nos restringimos a apresentar esse viés complementar de estudo justamente para esclarecer que estamos seguros e cientes das possibilidades e imbricações dessa hipótese distinta.

Atuando quase como uma duplicação do assunto, investigar as semioses operadas nas linguagens dos jornais impressos implica pensar por via oposta: nas modelizações (consideradas aqui, sobretudo, por seu caráter estruturalizante) ocorridas nas mídias digitais, a partir de preceitos de comunicação já existentes. A repercussão dos próprios jornais, bem como o rádio, a TV, o cinema e outros sistemas culturais também se faz presente no meio digital. Pode-se admitir inclusive, que esse pensamento dual a todo o momento esteve implícito, de certa forma, nas plurais relações estabelecidas entre jornal impresso e Internet – e foram pensadas desde o início dessa incursão científica. Pela constatação de sua presença e real necessidade de prestar esclarecimento quanto a sua importância, iremos nos deter um pouco mais na modelização operada pelas mídias tradicionais sobre a Internet, neste preâmbulo.

Especialmente em seu surgimento, numa primeira configuração das páginas de Internet, aspectos do jornalismo impresso, em seu sentido elementar de tipografia, por exemplo, reverberaram em rede. A pressão pelo surgimento de jornais em versão online e o “boom” dos portais de notícia, pelas décadas de 1990 e 2000, podem ser encarados como uma vertente desse fenômeno, especialmente, no bojo da web 1.0 e início da web 2.0. Aqui, cabe esclarecer esses dois momentos distintos da formação da rede, para que se entenda até mesmo a dimensão do papel do jornalismo nessa situação dita

convergente. Definindo o momento inicial da Internet, a fase 1.0, como pouco interpessoal, a web 2.0 é caracterizada pela ação participativa, como resume Saad:

Bem objetivamente, a web 2.0 potencializa a ação do usuário na rede por meio da oferta, quase sempre gratuita, de ferramentas que permitem a expressão e o compartilhamento com outros usuários de opiniões, criações, desejos, reclamações, enfim, qualquer forma de comunicação interpessoal. (SAAD, 2003, p. 149)

A autora ressalta ainda a autonomia do usuário, nesse novo cenário, destacando “a redução da necessidade de mediação para que ele se comunique, se informe, opine, avalie, se expresse e se mobilize” (Ibidem, p. 150). Nesse sentido, ao propor “convergências”, o cenário web 2.0 também descentraliza o papel do jornalismo, mesmo aquele praticado em plataformas digitais, para voltar ao usuário o papel de produtor de discursos.

Porém, ainda que a participação individual caracterize o segundo estágio da rede, os portais, que podem ser um cenário para esses recursos de convergência, não abandonam totalmente suas heranças advindas do jornalismo tradicional. O caráter de comunicação massiva assumido pelos portais corrobora a influência do jornalismo padrão no desenvolvimento dessas páginas de web, conforme explica Ferrari:

Os portais tentam atrair e manter a atenção do internauta ao apresentar, na página inicial, chamadas para conteúdos díspares, de várias áreas e de várias origens. A solução ajuda a formar “comunidades” de leitores digitais, reunidas em torno de um determinado tema e interessadas no detalhamento da categoria de conteúdo em questão e seus respectivos hyperlinks, que surgem em novas janelas de browser. O conteúdo jornalístico tem sido o principal chamariz dos portais. Pela possibilidade de reunir milhões de pessoas conectadas ao mesmo tempo, os sites do gênero assumiram o comportamento de mídia de massa. (FERRARI, 2010, P. 30)

Há de ser colocado que essa transição de cenários web, anteriormente discutida, é responsável por mudar também as dinâmicas da reprodução noticiosa em rede e mesmo o papel dos portais, que passam de uma inicial simulação de interatividade à participação mais próxima do usuário (SAAD, 2003, p. 155). As proporções de alterações de posturas dos portais em rede demonstram o alcance e a própria evolução desses sistemas em embate. Nessa intersecção de linguagens, nesses caminhos evolutivos do jornalismo na web, constata-se alguma perspectiva da relação entre

meios. A própria mudança de apresentação determina a confluência de sentidos em andamento, sempre em transição.

Ou por outro viés, a questão pode ser pensada de acordo com McLuhan (1969), ao testemunhar que o surgimento de um novo meio não necessariamente aniquila outros precedentes, mas altera os já existentes em sua superação, criando mais que obsolescência, novos parâmetros e horizontes. Dessa forma, a permanência das lógicas de reprodução das comunicações de massa reforça a noção de que “mudanças culturais e materiais não são processadas em um vácuo histórico, mas são influenciadas pelos processos que as precedem” (BOCZKOWSKI, 2005, p. 10).

Embora num primeiro momento das experiências jornalísticas em Internet tais contribuições sejam mais evidentes, essas heranças de um passado noticioso também se apresentam num cenário mais recente e dinâmico de relações digitais. Na chamada web 2.0, atual estágio de apresentação da rede mundial de computadores, também localizamos outras manifestações “informativas”. A base colaborativa wiki, que tem na Wikipedia seu expoente mais famoso, pode ser considerada como uma plataforma com alguns referenciais de mídias já constituídas, embora seu principal caráter seja enciclopédico – seu maior objetivo é explicar de verbetes e temas. Porém, deve-se ressaltar que esse canal informativo destacado revela dois pontos, é uma via de mão dupla: se por um lado, a proposta é informar, de outro, seu funcionamento é sustentado por participação direta do usuário e construção de conhecimento coletivo. Novamente, encontramos neste exemplo uma mistura de papéis: as bases colaborativas da web 2.0 não são sustentadas exclusivamente pelas ideias dos usuários; sob uma plataforma forjada em algum plano midiático já estabelecido, o internauta é chamado a agir.

Fóruns de discussões e informações também possuem certa relação com o passado midiático, já que buscam apresentar dados e opiniões sobre os temas em questão. E mesmo os perfis em redes sociais de empresas de mídia, atividade já amplamente difundida, mantêm algo residual dos conhecimentos jornalísticos. Nesse contexto, essas instituições atuam não como “persona”, mas no papel de arautos de conhecimento prestando informação e serviços em rede. Nota-se dessa forma, que a Internet, em seu largo alcance, está permeada de valores simbólicos tidos como próprios da Imprensa, que penetram no plano digital por meio de referenciais de mídias tradicionais. Não podemos, no entanto, tratar tais fenômenos como modelizações ainda, afinal o alcance aqui obtido não é de uma transformação em toda a extensão de uma

nova sistematização. Tais nuances assemelham-se mais a ilustrações, talvez roupagens, de práticas jornalísticas realizadas em novos contextos.

O sintomático de todas essas expressões mencionadas é que elas se tornam exemplos de relações complementares onde o caráter referencial e a ação participativa se fundem – o que é autor e o que é discurso, nessa complexidade de feixes informativos? Nem tanto o jornalismo se posiciona de maneira convencional, nem a participação do usuário pode ser tomada como único alicerce do texto midiático instaurado, afinal há um repositório de produção noticiosa – talvez em seu aspecto linear ou mesmo em sua apresentação. Permanecem nesses exemplos citados, algumas lógicas da reprodução informativa das comunicações de massa, acrescidas do ímpeto de envolvimento, união e participação que as redes sociais, por exemplo, impulsionam. Embora a atitude experimental nos ambientes virtuais seja fortemente estimulada, há de se reconhecer que permanecem algumas heranças de velhos paradigmas nesse processo de transição. Ainda que por uma visão mais ortodoxa de Comunicação, e especialmente, advinda do jornalismo, sejam apontadas grandes divergências entre o jornal de papel e as práticas em rede, pode-se testemunhar, conforme os exemplos dados, alguma relação de aproximação entre esses campos de mídias.

Necessário enfatizar, porém, que não enxergamos tal relação como uma manifestação de filiação ou de replicação do jornal na web, mas como uma outra codificação em novos contextos, onde se dão transformações e o surgimento de uma original tessitura de sentidos, por meio de novas expressões. Afinal, é preciso respeitar e distinguir a natureza de cada meio: não estamos tratando jornal impresso, jornalismo on line, redes sociais (bem como as linguagens de cada um de seus ambientes comunicativos) como reproduções de um mesmo sistema. Ainda que o meio digital seja permeável ao hibridismo e multimidialismo, o jornalismo impresso, por exemplo, apresenta suas resistências, sobretudo, porque a linguagem impressa já deu mostras de ser flexível às mudanças – porém, dentro de suas proporções possíveis. Esse embate de sistemas é instigante, pois joga o meio para o confronto: coloca cada um desses universos comunicativos entre a iminência de concretizações e recuos de processos. Analisando a questão por esse aspecto, faz algum sentido falar em nova uma lógica – quando a interferência acontece no plano da codificação de cada sistema, estamos no terreno das modelizações.

Essa lógica de apropriação de padrões parece ser intrínseca ao próprio contexto de rede, onde a pluralidade de uma estrutura aglutinadora se faz atuante: “Hibridizam-se

igualmente as velhas formações discursivas (texto, som, imagem), dando margem ao aparecimento do que se tem chamado de hipertexto ou hipermídia” (SODRÉ, 2002, p. 13). O multimídiaalismo da Internet inclui aí, em seu escopo, parte daquilo que se constituiu ao longo dos anos como mídia de massa. Assim sendo, a Internet adota as linguagens do jornal impresso (assim como de demais meios) como parte de uma legítima semiose, em que os mesmos sentidos de uma performance comunicativa estabelecida anteriormente formam agora a constituição de um novo espaço simbólico (a cadeia de possibilidades da hipermídia).

Um ponto de discussão em relação a essa semiose merece ser colocado, porém. Num entrave em relação ao alcance do multimídiaalismo, o jornalismo online vive um impasse, pois não consegue se dobrar à vulnerabilidade das redes sociais e das plataformas interativas e multimídias. Registramos aí uma dificuldade de concretização de modelização dentro da própria estrutura hipermidiática – o que instaura o confronto não no suporte, mas na linguagem. É no corpo da linguagem que o conflito se desenrola, não na transmissão do conteúdo. Fenômenos de retração se antepõem às capacidades da convergência; nem tudo o que está em rede está efetivamente modelizado por suas capacidades.

Essa “passagem de uma comunicação centralizada, vertical e unidirecional” (Ibidem, p. 14), que vemos se instaurar na rede, a um processo de comunicação mais interativo e socializado deu margem a ufanismos ideológicos, que fizeram germinar conceitos como o de inteligência coletiva (LÉVY, 1999; 2009) ou a de culturas e identidades coletivas (CASTELLS, 2002). Ideários e expressões de efeito à parte, o hipertexto demonstrou como dinâmica preponderante a inclusão de processos e vozes, num desdobramento de infinitas (e particulares) possibilidades. Não à toa, a hipermídia tem ocupado lugar central nas preocupações das instituições e empresas, como Saad (2008, p. 29) flagra, relatando a importância desse processo aos interesses das corporações e da própria lógica da rede: “O momento vivenciado pelas organizações de mídia, em todo mundo, tem na convergência uma de suas pedras de toque. Percebemos nas referências recentes uma retomada da questão, quase que determinante para a sobrevivência das organizações de mídia de origem tradicional”.

Cabe aqui uma definição precisa sobre o termo “convergência”, sob responsabilidade daquele que tem se tornado o principal bastião do tema até o dado momento, Henry Jenkins:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão quase a qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. (JENKINS, 2006, p. 29)

A definição aceita de convergência, no entanto, torna-se questionável, diante da constatação da retração de possibilidades das linguagens no sistema digital. Como anteriormente relacionado às (in)capacidades do jornalismo on line, o fluxo de conteúdos convergentes não dão conta de extrapolar os limites dos processos de cada linguagem. Parece-nos que, antes mesmo de comprovar sua validade como um conceito de distintas possibilidades, a convergência ganha um novo *status*, um recobrimento de legitimação sem fundos concretos. Como defende Foucault, as classificações não definem a constituição interna do objeto: as relações discursivas imporiam ou limitariam a certas formas. “O discurso é algo inteiramente diferente do lugar em que vêm se depositar e se superpor, como em uma simples superfície de inscrição, objetos que teriam sido instaurados anteriormente” (FOUCAULT, 2008, p. 48).

O conjunto finito de enunciados que somos capazes de assumir diante de um novo meio, que carrega consigo uma auratização de sistema inaugural sob o prisma da convergência, cria adensamentos pouco esclarecedores – nesse sentido, convergência é um rótulo para aquilo que não comprovamos. Atermo-nos a linguagens nos fez entender a dificuldade de admitir uma homogeneização de um sistema convergente, que se apropria de dispositivos midiáticos anteriores, para se conclamar como uma unidade coesa de identidade própria. E como determina Foucault, “é preciso desalojar essas formas e essas forças obscuras pelas quais se tem o hábito de interligar os discursos dos homens; é preciso expulsá-las das sombras onde reinam” (Ibidem, p. 24).

A dificuldade de questionar tais discursos universalizantes, no entanto, aumenta diante de uma nova ambiência de comunicação. Dispositivos operadores de multimídia tornam as confluências midiáticas cada vez mais complexas e a convergência cada vez mais aceita – e, paradoxal e ironicamente, ao mesmo tempo, mais simples e muito acessíveis, uma vez que já estão completamente inseridas em novos contextos de uso. Celulares e seus muitos recursos levam à palma da mão textos de distintas linguagens; tablets expandem a percepção, linkando bases estáticas (livros, revistas e jornais) a movimentos dinâmicos de leitura. E a portabilidade desses itens só

expande ainda mais as possibilidades de reflexão, atestando que a instauração de uma então convergência não está somente no entrecruzamento “físico” das mídias.

Ainda assim, a reflexão sobre linguagens nos faz pensar esse fenômeno como uma via de mão dupla: ao mesmo tempo em que as mídias se entrecruzam na formação do perfil de um novo meio, os meios antigos dentro desses contextos apresentam suas limitações, através de suas mesmas características sempre evidentes. A convergência, teoricamente, une as linguagens, mas essas mesmas linguagens continuam interpondo ao sistema seu alcance.

A despeito desses questionamentos que sobram quando tratamos do assunto, a produção jornalística se vê completamente inserida numa nova lógica: a cobrança por inter-relações e respostas ao cenário camufla as possibilidades e inaptidões do meio impresso ou das linguagens jornalísticas; são exigidas novas funções e papéis, sem que haja uma consciência do todo. E essa pressão por participação é crescente, afinal, o novo meio já está presente em todas as esferas da vida social e, dessa forma, ganha, naturalmente, também o seu lugar na produção periodística – produzir notícia, nos dias de hoje, parte da relação homem-máquina, que atualmente já tem suas fronteiras quase apagadas. Há uma visão totalizadora que faz com que essa participação do pensamento digital exista independentemente das decisões particulares e mecanismos operadores de informação. Isso não significa, no entanto, que o argumento da convergência seja capaz de resolver os imbróglios que aparecem no caminho das atividades.

Embora Jenkins tenha conclamado comunicadores a venerarem no “altar da convergência”, assim como sugeriram outros autores, este trabalho aqui formulado, porém, procura apresentar outras perspectivas de investigação. Depois de alguns anos (e publicações) falando-se do curso e desenvolvimento do periódico eletrônico ou do webjornalismo, encarado como acréscimo trazido pela Internet ao exercício do periodismo, há de se pensar no caminho inverso: a rede influenciando o texto “estático” e a narratividade linear às quais os veículos sempre se prenderam. Nesse sentido, perspectivas sobre convergência serão aqui consideradas como balizadores para a reflexão. Mas por ora, o trabalho coloca à parte tais contribuições, numa tentativa de abrir campo para uma análise de caminho inverso. Para isso, a seguir, trazemos do *corpus* de pesquisa exemplos que nos ajudam a pensar por esse outro viés.

2.2. Diagnóstico: o impacto da introdução de novas tecnologias no jornalismo

Seguindo a linha de raciocínio daqueles que defendem a convergência como algo exterior ao suporte, poderíamos então dizer que as mídias de papel também possuem aspectos convergentes? É com desafio e provocação que levantamos aqui tal pergunta, pois, afinal, é certo que não conseguimos receber a frase com tranquilidade, sem de imediato nos ocorrer dúvidas incômodas e contestadoras, que nos levam a incredulidade dessa situação. Como a folha com tinta impressa, ou seja, um aparato físico “duro” e estático, é capaz de agregar outros conteúdos midiáticos? Como a ágil narrativa do vídeo ou a fluidez do som, por exemplo, poderiam aparecer ali, em meio ao frágil e cinza papel jornal, com sua expressão restrita a fotografias, figuras e letrinhas?

O lado absurdo e irônico dessa relação traz um refreamento à análise, que incita a ponderação. É necessário distinguir aqui o suporte do signo. Não é do ponto de vista da materialidade do veículo que acontecem os processos dinâmicos de transformações, mas do ponto de vista da linguagem e da signicidade. De novo, nossa defesa conceitual nos protege da armadilha que alguns conceitos em voga nos prepara. Ora, não seria possível instaurar ou sobrepôr um novo meio sobre outro (o áudio ou vídeo, no impresso, por exemplo), porém, sabemos que do ponto de vista das linguagens impressas, há tentativas de aproximação entre eles. Novamente, há de se questionar o *modus operandi* da convergência, para que se leve a análise a seu devido local. Ao situar a distinção, podemos nos inclinar à reflexão com mais argumentos e esclarecimentos. Vejamos um exemplo que guarda nosso *corpus* para nos fazer refletir sobre as possibilidades de aproximação e intersecção de meios.

No apanhado que temos em mãos para análise, aparecem diversas formas do que consideramos como parte de uma composição hipermidiática: remissões para conteúdo em sites, para tablets ou celular são indicados em diversas ocasiões, em títulos como *O Dia*, *Folha de S. Paulo*, *O Globo*. No primeiro, por exemplo, o informe no alto da caixa onde se coloca o título da seção “Conexão leitor” mostra um selo gráfico onde é informado o serviço de envio de notícias “direto do plantão da redação”, ao custo de R\$ 0,10 por mensagem. Parênteses: a se notar, o próprio título da seção, “Conexão leitor” induz aos mecanismos de operação na web, dando margem ao entendimento de que o jornal está “conectado” com seu público e realizando uma inferência sobre a relação de *O Dia* com a Internet.



Figura 16. Detalhe de *O Dia*, de 1 de abril de 2012, página 18

O sintomático é que esse recurso não é apenas tido como uma aproximação espontânea realizada pelo jornal, mas funciona como uma prestação de serviços, pela qual a empresa cobra – e lucra. Outro aspecto capcioso desse fragmento de jornal é que essa seção ocupa em *O Dia* o papel de “painel do leitor”, tradicional página em jornais e revistas impressos, que conta com a participação do público por meio de opinião, críticas e comentários. Esse é, portanto, o espaço do noticiário onde se expõe, numa forte explicitação, a maior aproximação entre emissor e receptor. Dada essa constatação, é curioso notar como o celular cumpre aí uma função de extensão dessa relação entre os polos da informação (muito conflituosa por sinal, que obtém merecidamente alguns debates e reflexões da área), tornando-se um operador físico e simbólico – simbologia esta reforçada, inclusive, com ícone que reproduz graficamente um celular – de uma dependência que, obviamente sempre existiu, já que emissor não existe sem receptor (ou seja, sem público leitor), no jornal. Dessa forma, o celular é um atributo ou um apoio na interação da comunicação, instrumento de garantia e suporte ao fluxo informativo.

Por último, vale a observação quanto a esse caso de que a seção de *O Dia* é composta por um conjunto textual, que envolve recursos verbais e gráficos, numa composição dinâmica, semelhante às telas de computador, com seus sites em movimento – especialmente, das *homes* dos portais de notícias, a nosso ver. Uma representação pictórica, numa espécie de reprodução dos meios digitais, que reflete o espírito de convergência e dá sinais da importância do mundo virtual na comunicação massiva. Não à toa, retomamos, o título da seção é tão perspicaz.



>> Receba as últimas notícias do DIA no seu celular

Saiba as últimas notícias direto do plantão da redação. Envie um texto sms com a palavra PLA para o número 50000. R\$ 0,10 por mensagem.

CONEXÃO



FRASES



"GOSTO MAIS DA MANEIRA COMO O COI LIDA COM O BRASIL EM RELAÇÃO À OLIMPIADA DO RIO: VEM AQUI, DISCUTE OS PROBLEMAS E TRABALHA PARA RESOLVÊ-LOS, E NÃO FICA TAMBÉM USANDO PALAVRAS DEMAIS".
Miriam Belchior
Ministra do Planejamento, em resposta ao presidente da Fifa, Joseph Blatter, que cobrara mais ação



TUITADAS
de @ChiquinhaDiva:
"Ir pro BBB13, ficar 3 meses sem fazer nada"

E-MAILS E CARTAS

O DIA - Rua Joaquim Palhares, 40 / 6º andar, Cidade Nova CEP - 20260-080 RJ. Fax: 2507-1228. E-mail: cartas@odia.com.br ou conexao@odiainet.com.br. O leitor deve enviar nome completo, endereço e telefone. Toda semana, uma carta publicada nesta coluna servirá de tema para uma reportagem. Escreva para nós suas sugestões e reclamações.

Parlamentares pecam pela omissão

Demóstenes está certo em ser amigo de contraventor. Ele foi coerente com os princípios éticos e morais da maioria. A sua turma é essa, mas ele abusou do deboche com o povo e com quem o elegeu. Curtiu sua imunidade e fez do plenário o seu jardim. Isso já virou rotina no nosso parlamento, todos os políticos sabem que existe e todos se calam, porque o próximo pode ser um deles. Ele pecou, sim, mas muitos coleguinhas também, pela omissão.

>Teresa Abreu de Almeida
Maracanã

Armas em estádios não têm explicação

Inúmeros membros de torcidas organizadas paulistas vão aos estádios para brigar e até matar, não torcer por seus times. Dá arrepios ver a imagem das barras de ferro e

Tapumes geram insegurança na Central

Todos os dias, pego o trem na Central do Brasil. Além de a prefeitura ter instalado grades nos canteiros da Av. Presidente Vargas, agora a SuperVia resolveu colocar tapumes no entorno da Central, mas não há sinal de obras. A minha insegurança só aumenta, pois sou mulher e alvo certo dos pivetes e usuários de crack do local. Já sofri uma tentativa de assalto e, encurralada do jeito que estou, a tendência é isso se repetir.

>Luiza Paes, Oswaldo Cruz

Título de eleitor é arma da população contra o caos

A reportagem 'Tecnologia contra o pânico', publicada em O DIA domingo passado, nós dá a impressão que os gatunos são hollywoodianos que assaltam mansões em Beverly Hills. O que também nos causa pânico é a sensação de estar propensos a uma blitz de bandidos; é vê-los explodirem caixas eletrônicas e controlarem a venda de gás, 'gatonet' e vans. A questão é política. Mas o povo tem uma arma: o título de eleitor.

>José Reinaldo Franco, Por e-mail

Praia de Mauá sofre com caos diário

A Praia de Mauá, em Magé, é mesmo o paraíso do caos. Ônibus sem ar-condicionado para a Central do Brasil custam R\$ 8, e para Duque de Caxias, R\$ 6. O esgoto é despejado diretamente na Baía de Guanabara. Para ter água, precisamos pagar R\$ 60 pelo fornecimento (sem tratamento), ou então tentamos a sorte com um poço artesiano. A Ampla nos brinda com apagões diários de madrugada. Os pedágios da CRT são caros, e sofremos com assaltos.

>Sérgio Henrique Ramos Silva
Magé

CLICK DO LEITOR



Figura 17. O Dia, de 1 de abril de 2012, página 18

Assim, de maneira análoga ao processo que vemos nas superfícies telemáticas, onde as relações plurais compõem a natureza do espaço, o jornal impresso deste início de milênio também assimila aspectos de variações midiáticas, valendo-se desse recurso, inclusive, para aproximar-se dos hábitos de seus leitores em relação a outras mídias, como acontece no caso analisado, onde há envolvimento e participação do celular.

Mas, sem fugir da dúvida que nos colocamos inicialmente, podemos falar, dessa forma, de uma convergência dentro dos jornais impressos? Ora, pela lógica dos apontamentos sobre convergência, essa é sim uma possibilidade, visto que esse fenômeno, como explica Jenkins, vai além dos aparatos físicos. Mas investigando a possibilidade e analisando a questão mais a fundo, é possível falar de convergência midiática sem rede digital? Para alguns pensadores da cibercultura, como André Lemos, essa vertente de análise se comprova, uma vez que tais vinculações mostram-se como parte das próprias características do hipertexto: "A ideia de hipertexto não é somente aplicável ao ciberespaço. Na leitura clássica, por exemplo (textos impressos), o leitor se engaja em um processo também hipertextual, já que a leitura é feita por interconexões (à memória do leitor, às referências do textos, aos índices) que remetem o mesmo para fora de uma 'linearidade' do texto" (LEMOS, 2007, p. 123).

Ao contrário de referendarmos as definições amplas das possibilidades da rede (o que apresenta estranhezas conceituais, como exposto acima), trazemos para perto uma outra noção para essa possibilidade de extensão das identidades digitais. Do ponto de vista semiótico, o suporte interfere na construção do signo, a partir de outros signos, logo essa amplitude sónica do hipertexto é tão somente um encontro para a construção de um novo processo mediador – não é a rede em si que causa as alterações de linguagens, mas os sentidos expressos na cultura, que conduzem a novas formas de ver a mídia.

Assim, se estivéssemos diante de uma convergência midiática ao abrirmos as páginas de um jornal, nesse caso, porém, não poderíamos falar de um modelo tradicional de confluência entre mídias – ao menos essa ressalva mereceria ser acrescentada pelos defensores desse preceito. Afinal, nas folhas impressas, as conexões não estão dadas – linkadas! – a um mero clique de serem executadas. O papel do *hiperlink* como signo merece aqui ser inserido: é preciso realinhar o *link* não como uma possibilidade física, mas como um recobrimento conceitual, que vai além das expectativas mais imediatas e da visão ambígua de um hipertexto sem relações físicas.

Analisando a questão pelo ponto de vista dos processamentos dos *links* nos sistemas digitais, há de se reconhecer a longa distância entre o papel jornal e a TV, o rádio, a rede de computadores... As mídias não estão todas concentradas no jornal, formando hibridamente uma linguagem uníssona, como querem os defensores dessa opinião. Ali, elas existem de maneira dispersa e são capturadas pelo leitor, conforme suas expectativas – sua capacidade de assimilação e seu ímpeto de envolvimento; a formação de uma rede “hipertextual”, nesse sentido, demanda certa curiosidade e uma vontade de que aquele sentido textual se complete em algum lugar. E acrescentamos a isso um dado evidente, mas de enorme importância: o “entrecruzamento” de repertório e memória na leitura individual não se inicia com o hipertexto; pelo contrário: é o cenário hipermidiático que se aproxima das manifestações do pensamento humano, em seu labirinto não linear. Dessa forma, o comportamento do *link* não pode ser tomado como algo similar pelos diferentes meios nos quais se interpõe: o *link* das redes e o *link* que queremos enxergar nos jornais não são da mesma natureza.

Dessa forma, tais noções sobre o conceito de hipertexto e convergência, no entanto, mostram-se contraditórias. O viés apresentado como parte característica desses repositórios não nasce exclusivamente com o surgimento da Internet. Afinal, toda e qualquer leitura, é pessoal, seletiva e acontece ou se desdobra de acordo com o

repertório daquele que lê. Conforme afirmaria McLuhan (1977, p. 218), a palavra impressa tem o poder de instalar o leitor num universo subjetivo, no qual a liberdade e a espontaneidade não têm limites. Traduzindo o conceito em ações e aproximando o pensamento da atitude cotidiana de leitura, Cardoso aponta: “Para o leitor de um jornal em papel a interatividade é muito maior em termos da gestão da informação, pode passar folhas, saltar notícias, gerir o seu tempo muito mais de acordo com a sua agenda de interesse individual” (CARDOSO, 2007, p. 233).

É nessa perspectiva, a partir de noções críticas da noção de hipertexto aplicada ao jornal, que preferimos pensar por outra vertente: a presença da Internet no jornal impresso não nasce como um resultado de hibridismos midiáticos, mas a partir da emergência dos textos de cultura ligados ao universo digital dispersos num espaço mais amplo de expressão comunicativa. Retomando Cardoso, a defesa aqui presente é “de um outro nível de influência das novas tecnologias, ou seja, a demonstração de como a lógica da internet pode modificar também a nossa forma de organização mental e de apresentação da informação, mesmo em mídias que tecnologicamente não funcionam com um apoio de hipertexto” (Ibidem, p. 232).

Vemos nos casos analisados, o texto jornalístico valendo-se do repertório em circulação no plano cultural para conclusão de seu intento de aproximação a outras mídias. E para que isso se efetive, é preciso que o jornal (enquanto instituição e no exercício de sua criação através de seus executores) venha a captar essa mensagem (codificada em diversas linguagens da cultura) e a apanhar sua demanda, sua exigência a partir dos discursos dispersos em âmbito maior, concluímos. De acordo com nossa interpretação, esse fenômeno é mais complexo e menos estanque do que uma mera justaposição de mídias. Para que se efetive essa confluência, antes que se efetue sua concretização no jornal, é preciso que se configure um plano propício ao aparecimento de novas iniciativas a partir de referenciais já expostos. E que depois dessa apreensão, tal texto cultural se reestruture, numa simbiose de linguagens.

A situação exposta, assim, torna-se dialógica, não de mera reprodução ou repetição. A simples explicação dos fenômenos de alteração de linguagens (impacto em jornais, por exemplo) a partir do conceito de hipertexto fere uma lógica básica do processo comunicativo, a noção de partilha e precedência de discursos anteriores. Ora, o hipertexto não inaugura as linguagens e muito menos as inventa; não é ele o responsável pelo fluxo de pensamento, pelas sinapses do cérebro ou pela orientação desconhecida de nosso repertório diante de algo novo. O entrecruzamento aleatório de informações e de

discursos se dá muito além dos *links* em sua perspectiva digital somente; quase ao contrário: acontece fora de processos delimitados e orientados, surge na linguagem, constitui-se na herança linguística que pertence a toda a humanidade.

A formulação teórica de Mikhail Bakhtin sobre dialogismo, que fundamenta esta pesquisa, serve-nos aqui como instrumento de defesa diante de raciocínios imediatistas, que querem ver ligações diretas entre distintas expressões, ou que buscam relações de causa e consequência entre elas. Qualquer elocução é um elo de uma complexa cadeia de comunicação (BAKHTIN, 1992) deixaria como legado o filósofo da linguagem russo. E pela força dessa reflexão, pensar o jornalismo impresso no período pós-Internet requer estar atento à contribuição do imenso apanhado de enunciados que a web propaga (a todo o momento) e a influência maciça de seu repositório; considerando-se, sobretudo, o invólucro de seus textos: seu perfil, sua dinâmica de leitura, suas possibilidades de extensão...

2.3. Amostragem: os jornais impressos apontam mudanças

Iniciativas recentes no plano editorial e, especialmente, jornalístico marcam o contexto de produção desta dissertação. A preocupação com as transformações nos negócios dos jornais entre os anos de 2012 e 2013 é evidente. O anacronismo do periódico impresso diante da era digital talvez justifique as reações, alterações e descenso por parte das empresas envolvidas com essa área. Embora esse possa não ser o único motivo, afinal, muitos títulos e empresas têm conseguido manter-se de pé, mesmo diante das emergências trazidas pela Internet. O tema é particular à área, mas também de interesse social; muitos desses debates saem do plano das preocupações de grupo, da importância da casta dos comunicadores, para atingir todo o público leitor; é tema que se expande, firma-se em sociedade. Afinal, a todo o contexto dos partícipes da Comunicação, incluindo aí os receptores, se voltam todas as transformações na área.

Embora mais preocupada com o plano sógnico dos jornais impressos do que com os mecanismos financeiros que os produzem, esta pesquisa não pôde deixar de lado tais impressões e considerações, afinal, não é possível inferir o quanto dessa pretensa modelização sobre o jornal impresso que aqui está sendo investigada é ou não resultado de tais impactos sobre os saldos das organizações de mídia. As linguagens que investigamos não são criadas aleatoriamente, num vácuo, sem vínculos materiais; ao contrário, elas dependem, embora não somente, de seu contexto de produção, de oportunidades e expectativas.

Mesmo que não queiramos realizar inferências sobre o comportamento empresarial ou empreender tal investigação em estudos de caso, já que não elencamos esse assunto como critério de pesquisa, o debate nos ocorre a partir das 48 edições dos próprios jornais que constituem nosso *corpus* – realidades mais próximas de nossa pesquisa e dos seis títulos escolhidos para acompanhamento também levam ao tema em questão. De nosso *corpus*, no período analisado, março e abril de 2012, apanhamos inserções que demonstram preocupações institucionais quanto aos avanços da Internet. Essa categoria (apresentada inicialmente no capítulo 1), agora estimula uma análise mais estreita e uma reflexão mais detida. Realizamos aqui, um estudo mais aproximado de reportagens e trechos específicos, que ilustram sua presença e confirmam a relevância dessa temática. Esse recorte vertical sobre o quadro que temos em mãos permite-nos definir melhor o tema de pesquisa, a fim de interpretá-lo adiante. Os textos de cultura selecionados estão longe de demonstrar rupturas drásticas e saltos radicais do plano das folhas impressas, porém sinalizam interesses, participações, ações e reflexos da relação entre o jornal impresso e outros mecanismos de operação midiática.

No domingo, 25 de março de 2012, por exemplo, aparece um dado significativo quanto ao tema de nosso interesse. A coluna de Hélio Gaspari, publicada nas primeiras páginas tanto de *Folha de S. Paulo* (caderno “Poder”, página A10) quanto o *O Globo* (caderno “O País”, página 16), mostra a preocupação com o debate sobre os rumos do jornalismo impresso. O trecho do artigo, intitulado “Uma pista para imprensa de papel”, inicia-se com dados de um instituto americano que atesta mudanças nas futuras publicações de jornais: “Um estudo do instituto americano Pew informa: ‘Um número crescente de executivos prevê que dentro de cinco anos muitos jornais circularão em papel somente aos domingos’. Nos outros dias servirão aos leitores em edições eletrônicas”. O articulista finaliza o texto debatendo a hipótese a partir de um ponto de vista mais comercial, para as finanças das empresas jornalísticas: “Como as edições dominicais são as mais gordas e versáteis para publicidade, o gradual desaparecimento das edições impressas nos dias de semana não seria o fim do mundo”.



Figura 18. Folha de S. Paulo, de 25 de março de 2012, página A10

Trazer o debate à frente das discussões mostra o enlevo com que o tema vem sendo discutido. Ao transpor o assunto (inclusive em seu âmbito organizacional, do ponto de vista da própria empresa) para o receptor, o articulista desloca o tema do plano de questões particulares; situa o problema no eixo das discussões sociais relevantes. Levar o futuro da mídia impressa a público, por meio de um comentário em coluna de opinião, demonstra o quanto essa preocupação se expande, não só para os que produzem jornal, mas também para aqueles que o leem.

A posição da Internet frente ao periódico impresso do ponto de vista corporativo também aparece pontualmente em *Zero Hora*, mas nesse caso, em vez da discussão ou da expressão de pontos de vista sobre o tema, o jornal vai além, mostra outra abordagem: uma criação, uma exploração midiática, acompanhando avanços do mundo digital. Na edição de 11 de março de 2012, a Carta do editor, na página dois do tabloide, é assinada por Filipe Speck, editor de conteúdos para *tablets*. O texto apresenta o aplicativo do ZH para o novo aparelho, bem como a criação do “Núcleo de Conteúdos

para Tablets”, “uma fábrica de aplicativos instalada na redação de Zero Hora”. Descreve o editor: “No começo de 2011, Zero Hora deu início a uma detalhada pesquisa sobre como fazer você, leitor, ter um conteúdo no tablet com uma experiência única. Em fevereiro deste ano, lançamos o nosso aplicativo, para leitura do jornal impresso e das principais notícias. Foi só o começo”. A página descreve a experiência e ainda apresenta, em box na lateral do texto, os aplicativos de serviços relacionados aos cadernos ou suplementos do jornal, que foram elaborados por esse braço da equipe.



Figura 19. Zero Hora, de 11 de março de 2012, página 2

O editorial de Zero Hora demonstra dessa maneira a experiência de mídia pela qual o grupo se orienta. É uma descrição institucional de ação que evidencia preocupações e reestruturações.

O caderno de Economia do *Jornal do Commercio*, de 18 de março de 2012, não demonstra uma nova iniciativa, como a anterior, mas destaca um projeto na área digital de sua autoria, com 15 anos de existência. A reportagem “NE10: portal do SJCC comemora 15 anos” faz o papel de um editorial que “publiciza” ações do próprio jornal, tendo como marco o aniversário do portal *NE10*, ligado ao JC.



Figura 20. *Jornal do Commercio*, de 18 de março de 2012, caderno de Economia, página 8

A reportagem, não demarcada como publiceditorial, fala de uma nova etapa do portal, onde “os leitores têm ao alcance das mãos um produto mais moderno, multimídia e antenado às novas tecnologias de comunicação”. O texto ressalta a posição do portal como uma entidade de cobertura regional e nacional independente. Aborda ainda os recursos de interatividade aplicados ao site, que os leitores ou internautas ganharam na navegação, no ano de 2012. Demonstrando números expressivos de acesso às reportagens, blogs e parcerias com outros portais, a reportagem firma a importância da *NE10* para o grupo SJCC e, conseqüentemente, para os leitores atingidos pelo *Jornal do Commercio*.

Outra iniciativa publicitária para consagrar propostas editoriais (relevantes no que diz respeito à presença da Internet) realizada por parte dos grupos dos jornais analisados foi encontrada no *SuperNotícia*, que circulou no primeiro final de semana de coleta de *corpus* para a pesquisa. O tabloide de quatro de março traz na página 13 uma reportagem (novamente aqui, sem demarcações da seção como publiceditorial) sobre o lançamento de uma coleção de dez livros e DVDs, que ensinam “a usar vários programas de texto, gráficos e redes sociais”. O título “Faça parte da era digital” atraiu a leitura seletiva num primeiro instante, pois é bastante expressivo quanto ao envolvimento da iniciativa ao repertório que buscávamos.

SUPER NOTÍCIA DOMINGO, 4 DE MARÇO DE 2012

COLEÇÃO CLIQUE FÁCIL - GOLD EDITORA

FAÇA PARTE DA ERA DIGITAL

● Nova coleção do Super Notícia vai te ajudar a ficar fera no computador; você vai aprender a usar vários programas de texto, gráficos e redes sociais

Serão dez livros e DVDs a cada semana, a partir da próxima

Você já ouviu seu filho falar de um tal facebook e Twitter? Já pediu a ele para digitar um currículo ou fazer uma tabela com os gastos da casa, e ele responde que não tinha tempo para fazer? Então, chegou a hora de você aprender a utilizar todos esses programas.

Que tal digitar aquelas velhas receitas no Word, restaurar fotos antigas no Photoshop, fazer cartões de aniversário no Corel Draw? Gostou da ideia? A nova promoção do Super Notícia vai te ensinar a mexer com todos esses programas.

A promoção Clique Fácil começa na terça-feira, dia 6. Fique ligado nessa super novidade. Para você que não entrou na era digital ou precisa aprimorar seus conhecimentos, a nova promoção vai ser muito proveitosa.

Serão dez semanas de novidades. A cada semana um novo livro e um DVD, que vão trazer informações e dicas fáceis para operar programas no computador. O livro e DVD ensinam o passo a passo das tarefas e mostram que as novas tecnologias estão aí para ajudar os usuários. Tudo com linguagem simples e acessível. Com a coleção você vai descobrir como é fácil acelerar suas tarefas e simplificar suas rotinas. Além disso, aprenderá a operar os principais programas.

A coleção traz dez cursos, entre eles, Excel 2010, PowerPoint 2010, Redes sociais, Photoshop e muito mais. O primeiro curso será o Excel 2010 - Básico, que estará disponível a partir desta terça-feira.

Para participar dessa promoção é fácil! Basta comprar um exemplar do Super e, com mais R\$ 8,75, levar um livro e o DVD correspondente explicando tudo sobre o software.

Você pode adquirir o primeiro livro e DVD a partir de terça nas bancas, com os ambulantes e lojas Super. Confira os endereços das lojas: av. Amazonas, 100, centro de Belo Horizonte; rua Pernambuco, 712, Savassi, Belo Horizonte; av. Babita Camargos, 1.043, Cidade Industrial, Contagem; rua Romualda Augusta de Melo, 41/loja 2, centro de Betim; rua Maçon Ribeiro, 45/loja A, Venda Nova, Belo Horizonte. A promoção é válida em todo o Estado de Minas Gerais.

No interior o leitor deve procurar o posto de troca na sua cidade ou cidade mais próxima, consultando o Cronograma de Trocas publicado durante a semana no jornal.

Você não vai ficar fora da era digital? Vai? Não perca a chance de adquirir essa supercoleção Clique Fácil. Essa é mais uma promoção do jornal Super Notícia, o mais lido no Brasil. Participe!

PHOTOSHOP básico

Figura 21. *SuperNotícia*, de 04 de março de 2012, página 13

A sugestão da coleção, apresentada por meio desse anúncio, é propor ao público a compra de um segundo produto editorial, que tem fins de lecionar sobre usos de programas de computador. Supõe-se, dessa forma, que a proposta seja dirigida a um leitor leigo no assunto, que entende pouco das ferramentas básicas de informática e Internet, o que é reforçado, inclusive, através dos argumentos de seu texto: “Que tal digitar aquelas velhas receitas no Word, restaurar fotos antigas no Photoshop, fazer cartões de aniversário no Corel Draw? Gostou da ideia? A nova promoção do **Super Notícia** vai te ensinar a mexer com todos esses programas”. Outro trecho que denota a suposição de pouco envolvimento e familiaridade do leitor do *SuperNotícia* com o assunto pode ser identificado na seguinte frase: “Para você que não entrou na era digital ou precisa aprimorar seus conhecimentos, a nova promoção vai ser muito proveitosa”.

Exceto pela cor das caixas sobre as quais são dispostos o título e a linha-fina, a matéria não diverge da apresentação do restante do conteúdo do jornal, embora seja evidentemente o anúncio de uma “promoção”; ou seja, não há nada que sinalize uma proposta distinta por haverem intenções comerciais nesse anúncio, embora o texto explicita de maneira bem “vendedora” o método de compra pelo qual se tem acesso semanalmente aos exemplares.

Diferentemente dos demais casos analisados, a proposta do *SuperNotícia* aqui destacada, no entanto, não é uma reação contra à informática e à Internet, mas, ao contrário, trata de um incentivo aos leitores, para que participem ainda mais, e até dominem as ferramentas, desse universo.

O período compreendido pelo levantamento de *corpus* para análise nesta pesquisa contou com o acaso de flagrar mais uma iniciativa editorial por parte de outro jornal analisado. A *Folha de S. Paulo* também esboçou reações e mostrou novos projetos em seu próprio corpo editorial, durante os meses de coleta. A edição dominical de 11 de março teve logo em sua primeira página o anúncio da estreia da “TV Folha”. A manchete na parte superior da capa do jornal ocupa a posição de maior destaque e prestígio no diário. A reportagem indicada pela chamada foi capa do caderno de cultura daquela edição.



Figura 22. *Folha de S. Paulo*, de 11 de março de 2012, caderno Ilustrada, página 1

Na primeira página da “Ilustrada”, a matéria aborda a estreia do programa, apresenta seu formato e integrantes, além de fazer uma síntese de sua concepção e linguagem. Esse último quesito, em especial, merece atenção a partir de nosso ponto de vista. Ao explicar a tomada de um rumo audiovisual por parte de um jornal impresso, o editor do programa, entrevistado para a reportagem, relacionou a iniciativa às possibilidades digitais: “A instauração da cultura do vídeo dentro da redação de um jornal impresso é hoje um processo essencial à luz das novas tecnologias que estão

surgindo’, afirma Fernando Canzian, editor do programa. ‘É uma chance de ver jornal, além de lê-lo. Com a Folha disponível nos tablets, faz mais sentido ainda.’” Também quanto ao perfil do programa, outra revelação, no tocante à Internet, foi feita pelo diretor, João Wainer: “‘E as imagens são surpreendentes, mais próximas do que se faz na internet do que na televisão’, diz.”

Embora o meio ocupado pela “TV Folha” seja, especialmente, o televisivo, e o programa esteja voltado, sobretudo, a essa dinâmica midiática, seus produtores reconhecem e demonstram a influência que tem a Internet em sua produção. Além de ser veiculado também de modo on line, o jornalístico dá os devidos créditos à linguagem digital em sua formulação, atestando que as novas experiências no impresso (seja nas páginas do jornal, ou fora delas) passam por questões levantadas pelo repositório digital e partem de padrões já difundidos em rede e inculcados nas novas práticas midiáticas.

A automatização e a dispersão eletrônica faz com o que os textos abandonem progressivamente a fixação que caracteriza o impresso, defende Landow (2006, p. 49). A nosso ver, esse avanço de um tradicional título impresso a outro meio de Comunicação, tendo a Internet como canal de veiculação e linguagem de influência, configura uma determinação compatível com o que pensa o estudioso americano. “Como outras formas de mudança, a expansão da escrita parte de um sistema verbal de linguagem para outro que certamente envolve informação não verbal – informação visual em forma de símbolos e elementos representacionais assim como outras formas de informação, incluindo som” (Ibidem, p. 49).

Desde o surgimento da escrita, a adoção e o domínio de tecnologias criam capacidades de mudar campos. A apropriação das ferramentas digitais moldam as experiências na área da Comunicação, dessa forma, de modo diferencial. Porém, há de se assinalar que, pelos exemplos dados, os novos mecanismos inserem-se de maneira natural, quase intuitiva, nos processos, ainda que sejam apresentados aos contextos (e repassados aos receptores-leitores com esse viés) como novidades, acréscimos, vantagens. No contexto das produções midiáticas, a Internet não é, portanto, um elemento invasor. Se é dada ao comunicador a capacidade de informar em outras plataformas, porque deveriam as instituições e os profissionais se desfazerem desse benefício? O digital é uma soma, um acréscimo para os textos de cultura produzidos pelo jornalismo. Vimos, nesses casos expostos, que é, sim, de interesse dos jornais a

aproximação entre as mídias impressas (e conseqüentemente, das empresas que as produzem) e os demais meios.

Por que ocupar-se das preocupações das empresas e seus interesses de negócios? Se o propósito deste estudo é pensar as linguagens da Comunicação, a partir de suas construções sógnicas, deveriam essas questões permanecer de fora das análises, portanto. Ora, desde o princípio, nos detivemos para não incluir tais experiências como balizadores de interpretações, já que nosso estudo não alcança essa possibilidade, porém, o tema veio até à pesquisa no bojo da própria expressão das mídias analisadas. Pelo que constatamos, a preocupação com o digital é tema implícito, que inaugura novos modos de operar e reconfigura os mecanismos tradicionais de informação. Ao voltar suas preocupações aos recursos de web, as empresas demonstram novas vertentes, outros caminhos; e dessa incursão nascem novos produtos ou novos planos para o impresso.

Se questões deontológicas, ligadas às empresas de mídia, tais como competições, riscos e perda de participação, “desafiam sua identidade, os seus nichos de mercado e suas fontes de receita” (CARDOSO, 2007, p. 207) por um lado; por outro, ampliam a diversidade de suas linguagens e o alcance de suas expressões, como demonstrado nos exemplos coletados. Impelidos por emergências de competitividade, os grupos de negócios que têm nos jornais suas bases de lucro trazem novos parâmetros e iniciativas para suas publicações. Essa é uma grande motivação para alterações das linguagens no jornalismo impresso, que não pode ser deixada de lado como elemento de análise. Não desconsideramos o forte motivo como propulsor de modelizações no jornal, afinal, acreditamos que o contexto ambiental de produção determina a codificação do texto cultural. Mas resta a grave suspeita de que esse talvez não seja o único fator a influenciar tal implemento. Dizer que os textos de cultura movidos pela Internet são exclusivamente resultado de interesses financeiros não considera o campo ampliado de significação gerado pela Internet e seus possíveis desdobramentos; não só aos empresários de mídia pertence o repositório cultural advindo dos produtos digitais. A web, e todos os seus mecanismos de operação, é legado à condição humana.

Colocado o problema pelo seu aspecto econômico e social, partimos para a investigação de sua influência em âmbito cultural e simbólico, sua expressão em linguagens constituintes das mídias, a fim de propor uma leitura do encadeamento dos interpretantes dos textos de cultura analisados. Para atender ao intento, buscamos valorizar a experiência de pesquisa, os dados coletados, a observação atenta sobre o

corpus. É a partir de nosso objeto de pesquisa que queremos investigar as hipóteses; para tanto a seguir apresentamos exemplos colhidos, que se destacam no conjunto pesquisado, ilustrando com clareza o debate e dando margem a interpretações e análises.

2.4. Seleção de *corpus*: definição de pertinência à análise, tabulação de dados e levantamento geral de conteúdo

A pesquisa qualitativa a que se propõe este trabalho, tendo como critério a atribuição de significados e interpretações a partir do assunto observado, ganha, neste momento, contornos de métodos quantitativos, com maior delimitação e protocolos para análise, valendo-se de recursos para aferir dados que, mais adiante, poderão render novas visões sobre o fenômeno estudado. Na busca de uma coleta escrupulosa de elementos e indícios que possibilitem análises, este trecho que se segue relata a investigação pela qual passaram as 48 edições dos jornais analisados.

Para levantamento de dados, foi realizada leitura seletiva criteriosa, repetida, ao menos quatro vezes, ao longo dos meses iniciais de coleta do *corpus* e dos dois meses subsequentes. Partindo de observação inicialmente assistemática, de leitura voluntária, desenvolveu-se, a partir das repetidas checagens, uma técnica própria de sistematização de conteúdo. De início, a própria leitura do jornal, com sua cadência costumeira, foi adotada pelo pesquisador; a única regra internamente estimada nesse primeiro contato com o *corpus* foi o encadeamento de observação, do início para o fim dos cadernos, obedecendo à apresentação das páginas. Esse contato visava o levantamento de primeiros impactos e perfis mais evidentes, nas páginas dos jornais. Sobretudo, estavam sob observação a formação da página e os assuntos expressos em títulos e linhas finas das reportagens. Esse método levou ao surgimento de temas e categorias, que foram sendo agrupadas de acordo com sua repetição, ao longo da leitura das edições. Ao final, foram definidas oito categorias, agrupadas em dois macrotemas: “Internet presente em reportagens” e “Internet presente no padrão gráfico e editorial”. Definiu-se que este último tema será observado na pesquisa de forma geral, a partir das ocorrências relevantes para análise e não por meio da quantificação de aparições, porque, afinal, esses demonstrativos estão completamente inseridos e arraigados no próprio perfil do jornal. Tais demonstrativos merecem ser pensados como parte de um impacto sobre a estrutura do jornal diário impresso, mas sua enumeração (extremamente vasta) não iria garantir nenhum novo dado ao trabalho. Apenas a categoria “Internet presente em

reportagens” pareceu merecer ser tabulada, a fim de se verificar possíveis indícios; e, para isso, um último processo de observação foi empreendido, na análise.

A partir dessas decisões de método, realizou-se nova checagem das 48 edições, página a página, levantando-se o número de aparições de cada categoria estipulada. As reportagens que se enquadravam em cada quesito foram anotadas em arquivo de texto à parte, cada arquivo era correspondente à ordenação das aparições nos seis jornais estudados, em cada um dos domingos definidos como datas de coleta – ao todo foram criados oito arquivos, portanto, contendo a lista de reportagens apresentadas por título e anotação de sua respectiva categoria. Ao final do levantamento, a checagem foi refeita, para assegurar que nenhuma observação havia sido esquecida. Então, foi feita a contagem dos dados para o tema “Internet presente em reportagens”, separados em tabelas correspondentes aos meses de pesquisa: março e abril de 2012, como a seguir se demonstra.

04 de março

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo	1	3		3
O Globo	4	1		2
J. do Comércio		2		1
Zero Hora		2		1
O dia	3			2
Supernotícia			1	1

11 de março

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo			2	4
O Globo		1		
J. do Comércio		2		
Zero Hora	1	3	1	2
O dia	2			1
Supernotícia				

18 de março

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo	1	5		5
O Globo	1			
J. do Comércio		3	1	3
Zero Hora	2			
O dia	2			1
Supernotícia				1

25 de março

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo	2	2	1	4
O Globo	5		1	2
J. do Comércio		3		3
Zero Hora	4			1
O dia	3	1		2
Supernotícia				

01 de abril

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo	2	3		8
O Globo	2	1		4
J. do Comércio	1	2		1
Zero Hora		3		3
O dia	3			3
Supernotícia				

08 de abril

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo		2		9
O Globo	7	2		3
J. do Comércio		1		2
Zero Hora	3			4
O dia	3			1
Supernotícia				2

15 de abril

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo	4	8		10
O Globo	3	3	1	6
J. do Comércio	2	3		5
Zero Hora	2	3		1
O dia	1	3		3
Supernotícia				2

22 de abril

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Folha de S. Paulo	3	2		6
O Globo	2	2		4
J. do Comércio	1	1		4
Zero Hora	2	3		5
O dia	2			2
Supernotícia				1

A contagem total dos resultados, nos meses de março e abril, formalizaram as duas tabelas gerais, de acordo com cada mês:

Março

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
<i>Folha de S. Paulo</i>	4	10	3	16
<i>O Globo</i>	10	2	1	4
<i>J. do Comércio</i>		10	1	7
<i>Zero Hora</i>	7	5	1	4
<i>O dia</i>	10	1		6
<i>Supernotícia</i>			1	2

Abril

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
<i>Folha de S. Paulo</i>	9	15		33
<i>O Globo</i>	14	8	1	17
<i>J. do Comércio</i>	4	7		12
<i>Zero Hora</i>	7	9		13
<i>O dia</i>	9	3		9
<i>Supernotícia</i>				5

Os quadros anteriormente dispostos, que comparam os jornais por datas (cada domingo) e por meses (março e abril) ajudam a apreender quais dos títulos utilizam mais ou menos dos recursos observados. Esse comparativo traz à tona evidências salutares sobre os jornais, mostrando que alguns deles valem-se de determinados efeitos insistentemente e abandona outros, dando margem a algumas indagações. O que faz, por exemplo, um jornal como o tabloide *SuperNotícia* apresentar tão poucas referências à Internet ou se valer timidamente de recursos gráficos/visuais oriundos das ferramentas digitais, como os infográficos? Ou ainda: de maneira oposta, por que *Folha de S. Paulo* demonstra comportamento tão agressivo quanto a esses critérios?

Embora os temas definidos formem categorias relevantes de observação, não apresentam estritamente critério de comparação entre si; não se trata de características de mesma ordem, como se vê. É claro que um tema como “preocupações institucionais

em reportagens” não seria tão recorrente como “complementos na Internet”, por exemplo – afinal, o jornal não pode usar seu espaço para falar apenas de si mesmo. Não cabe, dessa forma, dar maior ou menor valor à determinada característica frente à outra, porque, não estamos diante de medidas de pesos equivalentes.

Esse mapeamento, no entanto, ajuda a formar uma melhor visualização da composição do jornal impresso, em seu conjunto, demonstrando critérios de relevância para a constituição da página e da reportagem, atualmente. O quadro a seguir, que apresenta a soma de todas as ocorrências dos temas abordados, permite uma constatação geral do *corpus* em mãos e, conseqüentemente, uma definição mais exata do quanto cada um desses recursos se propaga nesse espaço.

Tabela 1. Quadro geral de inserções para os temas relativos à presença de recursos digitais nas 48 edições constituintes do *corpus* de pesquisa

	Complementos na Internet	Sobre Internet ou Tecnologia	Preocupações Institucionais	Infográficos em mais de 30%
Todos os jornais	74	70	8	128

Em síntese, os dados totais mostram que o peso da infografia no jornal impresso dos dias atuais é evidente. Pelo tocante em relação aos números levantados, conclui-se que, dentre todo o acervo dos jornais elencados, o tema observado como o mais significativo foi “Infográficos em mais de 30% da página”. Fenômeno que merece nossa atenção neste estudo, portanto. Complementos na Internet também aparecem como característica relevante na produção da reportagem impressa, mostrando que a discussão anterior sobre convergência, que inaugura este capítulo, de fato tem seu lugar frente ao tema colocado nesta pesquisa em debate. No entanto, o assunto permite ainda outros pontos de vista e discussões, como adiante será empreendido, a partir de casos específicos dessa rotina editorial. Reportagens sobre Internet ou tecnologia aparecem também em número significativo, mas merecem ser vistas mais de perto, para que se comprovem como um dado transformador da imprensa escrita – restam dúvidas de que tal constatação possa fazer parte apenas da “agenda” dos jornais e não ser parte de uma remodelação estrutural desse meio. As preocupações institucionais, embora tenham poucas ocorrências, possuem grande relevância para análise, oferecendo boas

possibilidades de interpretação da atividade do jornalismo impresso. Formaram um conjunto de expressão tão significativa que já foram tomadas em sua maioria como exemplo para a definição do tema, esboçado no subitem anterior deste capítulo.

2.5. Levantamento de reportagens: escolha a partir de relevância à pesquisa

Por que tomar como critério de investigação o tema “Internet em reportagens”? Diante da constatação de que a rede é comparável a qualquer outro sistema de mídia e, dessa forma, tão noticiável quanto a TV, o rádio ou o cinema, o que faz dos mecanismos digitais um conjunto com caráter especial, em nossa análise? Seria apenas a indução do olhar do pesquisador na ânsia por seu tema, poderiam pensar os leem este relatório. A ameaça de diminuir a cientificidade com esse direcionamento de enfoque torna o levantamento frágil e pouco significativo, num primeiro momento.

Porém, ao relatar o número de aparições do assunto no escopo de jornais impressos tomado para averiguação, a observação ganha condição notável, difícil de ser desprezada, tampouco, manipulada. Investigando mais a fundo as 70 reportagens que tratam do universo digital, verifica-se uma pluralidade de interpretações para o tema em cadernos de diferentes editorias: Comportamento, Cultura, Negócios, Política, Cidades... Na tabela abaixo, estão listados títulos e linhas-finas de matérias publicadas, no período, que demonstram a variedade da composição no jornal impresso, a partir desse recurso.

Tabela 2 – Internet presente em reportagens de cadernos avulsos de distintas editorias, no conjunto formado por 48 edições de periódicos impressos

Periódico e data	Caderno ou editoria	Título e linha-fina
<i>Zero Hora</i> Dia 15 de Março	Caderno Donna (especial feminino dominical de comportamento) Seção Relacionamento	Corações conectados Dividir senha é a base da intimidade no século 21? Leia a reportagem no New York Times sobre o tema na seção Relacionamento
<i>Folha de S. Paulo</i> Dia 18 de março	Caderno Cotidiano	Casamento sem site já é como casamento sem bolo Cada vez mais popular, noivos organizam lista de presentes à comemoração do grande dia em endereço na web

<i>O Dia</i> Dia 25 de março	Primeiro Caderno Brasil	Chip controla frequência escolar País aprovam o fardamento digital
<i>O Globo</i> Dia 01 de abril	Economia Seção Digital & Mídia	Milan entra em campo no Brasil para fazer três gols no mundo digital Novas mídias transformarão patrocínio Executivo acha que futebol nacional deveria ser mais digital
<i>Folha de S. Paulo</i> Dia 01 de abril	Caderno Veículos	Carro com acesso à internet está próximo
<i>Jornal do Commercio</i> Dia 08 de abril	Caderno Arrecifes (especial dominical de comportamento) Retranca Saúde	Aliado virtual contra a diabete Aplicativo gratuito, da Sanofi, é lançado no Brasil para oferecer ao paciente com doença um bom controle da glicemia e de doses de insulina
<i>Zero Hora</i> Dia 15 de abril	Caderno Dinheiro	É bolha? Negócios bilionários, como a compra do Instagram pelo Facebook, reacendem debate sobre supervalorização de empresas na internet

A insistente repetição do assunto em diversas páginas dos títulos elencados, das quais a composição no esquema anterior é apenas um exemplo, reforça a ideia, nesta pesquisa sustentada a priori, de que cada novo meio traz um ciclo cultural que lhe é próprio. Vistas dessa forma, as recorrências e as variações da temática formam um conjunto que vai além da mera organização orientada – torna-se um aspecto relevante da vida social, relatado pelo jornal em diferentes frentes.

Essa interpretação dos recursos digitais pelos veículos massivos (como os jornais em questão) é bom exemplo do que Santaella chama de “cultura das mídias”, descrevendo a aceleração do tráfego entre as múltiplas formas, níveis, setores, tempos e espaços, por diversas dimensões dos suportes, tecnologias e instrumentos de Imprensa; e relatando a penetração do fenômeno em todas as esferas da vida social, econômica e da vida privada (SANTAELLA, 2002, p. 49).

Chegamos à constatação, portanto, de que as aparições do tema em reportagens não é um dado pouco significativo, que pode ser deixado de lado, já que não se equipara à expressão de outras mídias. Embora essa qualidade não demonstre nenhum tipo de reestruturação material no jornalismo impresso, sua presença é sobressalente à mera “noticiabilidade”. Não enxergamos aqui traços de uma reestruturação sgnica, alvo de nossas buscas, nem a geração de novos padrões ou diferentes usos das linguagens jornalísticas. Porém, a ampla repercussão e a insistente aparição do assunto Internet em nossos jornais dá margem a outras interpretações; leva à verificação de um campo maior de forças sgnicas que paira e age sobre a produção editorial. Especificando a tipologia da cultura, Iúri Lótman apontaria: “O valor das coisas  semiótico, uma vez que ele é determinado não pelo próprio valor destas, mas pela significação daquilo que ele representa” (LOTMAN, 2010, p. 37). Imersos num contexto disperso e entrópico de informações, podemos até não nos dar conta do quão significativo  essa presença, que vista isoladamente, na unicidade de cada notícia, beira a banalidade. Mas o olhar atento que a pesquisa exige fez notar, a partir da apreensão de uma repetição sistemática do tema, que esse não é dado irrelevante.

Os vários níveis de influência e participação da Internet no jornal impresso (como elencado pontualmente acima) comprova essa inserção ampla e diversa de um meio sobre o outro. Por um lado, a web  tomada pelo periódico como algo externo (alheio à produção do jornal), um “lugar” onde se produz conhecimento, serviços, negócios etc. Esse é o viés que se instaura em reportagens que cuidam de noticiar os “fatos” do mundo digital. Porém, por outro aspecto, a web  vista como um mecanismo próximo, capaz, inclusive, de dar suporte, embasamento ou acréscimo às notícias produzidas no decurso da produção jornalística. As ferramentas utilizadas pelos títulos analisados como apoio à produção noticiosa comprova a necessidade de adoção de recursos que estão além do papel. A extensão da reportagem para a web (por meio de indicações e remissões do jornal à rede)  um sintoma de mudança nos procedimentos da notícia: ao criar complementos no meio digital para reportagens do impresso, o jornal explicita a relevância dos mecanismos de comunicação atuais que tomam a rede por base.

Como nos exemplos abaixo, onde estão reproduzidos os dizeres de notas de rodapé de matérias ou legendas, a reportagem, nos dias de hoje, já conta com esse recurso, que denota contato com a rede.

Tabela 3 – Recursos hipermediáticos adotados como acréscimo em reportagens dos jornais analisados

Jornal e data	Reportagem (título e linha--fina)	Nota ou legenda de acréscimo
<i>O Globo</i> Dia 04 de março	Quanto mais Marilyn melhor Às vésperas do aniversário de 50 anos de sua morte, a atriz é homenageada em uma série de eventos no Brasil e no mundo	O Globo na Internet Veja um especial multimídia sobre Marilyn Monroe
<i>Folha de S. Paulo</i> Dia 04 de março	Onde os fracos não têm vez João Emanuel Carneiro cria mocinha com jeito de anti-heroína para nova novela das 21h da Globo, “Avenida Brasil”	Leia íntegra da entrevista: folha.com/no1056052
<i>Zero Hora</i> Dia 08 de abril	A capital da fé revelada	Zerohora.com Conheça a Via Dolorosa, em que Jesus enfrentou o martírio até a crucificação, e outros marcos religiosos em galeria de fotos. Acesse www.zerohora.com
<i>Folha de S. Paulo</i> Dia 15 de abril	Bem na foto O que ensinam os centros de empreendedorismo norte-americanos, como o que formou os criadores do bilionário Instagram	Inspiração gratuita A Folha selecionou sete vídeos para conhecer histórias dos gurus do empreendedorismo digital – sem intermediários

É notável como a noção de *link* é aqui tomada como recurso para realizar a união remissiva e imaginária de uma plataforma e outra. Embora as legendas sejam demonstrativas e induzam apenas verbalmente o leitor ao conteúdo, a ideia de ampliar a leitura evoca os hábitos de imersão digital. De maneira análoga ao que nos proporciona

o hipertexto, o jornal repete a confluência de expectativas advindas da experiência de navegação. É como se o texto estivesse fadado a abandonar seu caráter fixo e linear também em sua versão impressa, assim como acontece no meio digital, onde a dispersão da informação eletrônica redundava em leituras complexas, variadas, hipertextuais. “O encaminhamento para a hipertextualidade desvirtua o texto e a experiência de leitura como nós os conhecemos”, afirma Landow, que ainda apontaria que a “progressão linear agora foi fraturada, quebrou e assumiu identidades mais individuais” (LANDOW, 2006, p. 53). No entanto, o autor não abandona a ideia de permanência do texto, não institui sua destruição; para ele as noções não convencionais de separação textual não necessariamente aniquilam o texto. Isso poderá, talvez apenas reconfigurar o texto e a expectativa que se tem dele.

O conteúdo e a ordenação da informação pelas páginas dos jornais, portanto, mostraram-se como indicativos relevantes diante de nossa investigação. Seja com propósitos comerciais e financeiros advindos de interesses corporativos, seja pela força da presença da Internet em âmbito social, o jornal impresso estabelece evidentes aproximações e ligações com a rede, como mostram os exemplos dados. Essa justificativa, porém, ainda não nos cabe como solução para o problema apontado em nossa investigação, mas determina, com a percepção de outros critérios, um passo adiante no decurso desse empreendimento.

Cabe realizar uma ressalva, no entanto, diante das pistas constatadas: evidentemente, nem todos os textos no escopo dos cadernos consultados (ou mesmo, nem todos os títulos de jornais analisados) são marcados por esses procedimentos anteriormente descritos. Assim como demonstram aproximações e indícios do repertório digital, em alguns momentos, os jornais, em outros aspectos, mantêm perspectivas tradicionais de reprodução de notícias. Havendo, dessa forma, necessidade de avaliarmos também suas heranças e mecanismos usuais de formação de produto editorial. A conveniência de cada reportagem selecionada determinou, aqui, o caminho de observação da pesquisa. É preciso, porém, desbravar outros direcionamentos e possibilidades de análise. É atrás desses vestígios que a investigação prossegue.

3. Sob o prisma semiótico: linguagens jornalísticas no universo dos signos

3.1. A semiótica como método: preceitos para compreender os sentidos na dinâmica da cultura

Se a dinâmica fundamental dos sistemas inteligentes é a transformação da informação em texto, como localizar possíveis modelizações na Semiosfera? Se a cultura tem como condição inerente a capacidade de gerar dados novos na formação de linguagem, ou seja, operar semioses e modelizar, de que forma tais alterações (em profundidade sógnica) podem ser investigadas, constatadas e apreendidas? Qual é a materialidade de uma modelização?

Encontrar respostas para a hipótese de pesquisa aqui encabeçada – a Internet modeliza o jornal? – supõe o enfrentamento e a superação do paradoxo anteriormente colocado. Uma vez que esta investigação científica concentra seus esforços em avaliar os diálogos entre o meio digital e o impresso, cabe agora a tentativa de tomar a medida de tais relações. A investigação coloca-se, antes de qualquer coisa, como uma comprovação de uma reflexão, um escrutínio de uma dúvida. O desafio da modelização semiótica é um processo a ser absorvido, no *continuum* de produção de significados que se estabelece nas linguagens da Comunicação Social.

Como nos foi dado de saída, a partir de preceitos semióticos, toda a cultura, em seu conjunto de plurais sistemas e linguagens, é um mecanismo gerador de estruturalidade. Ou seja, toda expressão cultural humana se constitui a partir de arranjos sógnicos, passíveis, em sua maioria, de mudanças e transformações. Mas retomando o ponto: como entender tais processos na dinâmica cultural? Se sabemos que a sobreposição de sentidos, o deslocamento do signo, é condição apriorística de tudo aquilo que constatamos como linguagem, não nos restam dúvidas de que tais linguagens se formam e se reconstituem a todo momento, estão em constante movimento – ou seja, o mundo dos significados, assim como a natureza, a sociedade ou as máquinas, também está em evolução.

Para tentar resolver a questão, ou ao menos tomar posição diante dela, partimos do princípio de que essa averiguação fundamental exige participação intrínseca daquele que apanha os significados que se apresentam, do observador: o movimento de formação de sentido, ou de estruturação de linguagem é espontâneo (nasce na dinâmica da cultura), mas sua revelação só se demonstra àqueles que estão cientes de sua existência. Os sistemas semióticos existem para todos, mas a apreensão de seus sentidos

depende de estímulos individuais e coletivos a partir de repertório adquirido. Flagrar o momento da semiose e, por necessidade, demonstrá-lo, requer a adoção dos preceitos de uma teoria e, mais que isso, a clara consciência dos mecanismos envolvidos no movimento incessante de estruturação de sentidos. De acordo com Lotman, a linguagem não modeliza só uma determinada estrutura do mundo, mas também o ponto de vista do observador. Temos aí uma eminente responsabilidade de compreender detalhadamente os aspectos de construção dos textos semióticos, antes de apontá-los; e como se demonstra no pensamento lotmaniano, ao definir esses critérios, o semioticista também constrói sua visão semiótica à medida que busca compreender a formação das linguagens, textos e sistemas culturais. “Ao semioticista compete, pois, compreender não apenas a construção do texto, isto é, o processo modelizante de seus códigos e linguagens, como também propor a leitura do encadeamento de seus interpretantes” (MACHADO, 2010, p. 161). Isto porque, a posição de um observador sempre depende de por onde passa as fronteiras de uma dada cultura (LOTMAN, 1996, p. 29).

Assim, o conflito anteriormente colocado – as bases para uma investigação de uma modelização – ganha respaldo na evolução do entendimento de signicidade sob a qual os sistemas de nosso particular interesse se apresentam; na construção das linguagens, por meio da observação e da análise, é que se esclarecem as dúvidas sobre sua formação. Feita essa ressalva, nos inclinamos mais abertamente para as proposições semióticas que se apresentam nos mecanismos de produção de sentido, a partir das plurais linguagens que envolvem o jornal impresso, vistas no momento que sucede o advento da Internet.

Em suas etapas de estudo, como se avaliou, o percurso de análise engendrado diante do *corpus* demonstra perspectivas de constatação de modelizações. Como sugerem os dados apresentados no capítulo anterior, algumas relações começam a se esboçar no cenário investigativo proposto (jornais impressos) e circulam nesse ambiente comunicativo a ponto de se formalizarem como parte constituinte dessa linguagem. Compreender o status e a profundidade dessas transformações nos força à evolução dos parâmetros até aqui adotados. O que demonstram tais constatações do ponto de vista semiótico é o que colocamos à prova neste capítulo.

3.2. O jornal modelizado: expressões de um sistema em processo de semiose

Todo texto cultural, em sua condição de base e origem, está codificado a partir da língua, do conjunto de códigos que capacita e expressa a comunicação humana. A

partir desse repertório de origem, os textos de cultura se amplificam, se codificam, ganham seus sentidos. Daí a noção de que todo texto cultural está duplamente modelizado – a partir da língua e por meio de sua própria organização interna. Caro à Semiótica da cultura, o conceito/fenômeno de modelização, primária e secundária, corresponde a um princípio fundamental para a compreensão das linguagens sígnicas. “Portanto, um sistema de modelização pode ser considerado como uma língua. (...). A língua natural está proposta como a infraestrutura primária ou básica de todos os demais sistemas de signos humanos” (SEBEOK, 1996, p. 132).

Como descreve Machado (2003; 2009), as bases da semiótica sistêmica estão apoiadas na dinâmica da modelização: todo texto da cultura é codificado, no mínimo, por dois sistemas diferentes. Por consequência, todo texto da cultura é um sistema modelizante. Chave para compreender a produção de mensagens resultantes das relações entre os mais variados sistemas semióticos da Comunicação, diz a autora, a modelização merece ainda ser compreendida como um programa para a análise e constituição de arranjos entre as linguagens. Sua presença engendra um esforço de compreensão de signicidade nos objetos culturais, que leva à percepção do processo de construção do sistema semiótico.

Retomamos aqui esse princípio fundamental para explicitar desdobramentos que surgem no percurso de análises. “A modelização apresenta-se como capacidade cognitiva de um princípio heurístico para configurar distintas semioses na dinâmica da cultura” (MACHADO, 2009, p. 161). Assim, se tomamos toda a cultura como um mecanismo gerador de estruturalidade, temos a modelização como um fundamento para as formulações ou reformulações dos textos culturais, para as construções de linguagens e formação de sistemas. Sendo a modelização propulsora de organizações estruturais internas na cultura, dessa maneira, explica-se o porquê de esse ser um conceito determinante no processo desta pesquisa. Ao entender as modelizações dos textos culturais que envolvem o jornalismo impresso, compreendemos mais do que impactos, mudanças econômicas e perspectivas editoriais para os jornais. O âmbito semiótico permite-nos reconhecer os periódicos enquanto linguagem sistêmica em evolução.

Antes de identificar e apontar a atual modelização pela qual passa o impresso (diante do ambiente digital), cabe pensar e admitir o jornal como texto cultural resultante e passível de distintas resignificações, ao longo de seu surgimento e existência. Cumpre dizer que sua própria origem pode ser tida como resultado de uma evolução no sistema de comunicação da humanidade; e ainda que sua evolução, a partir

de fenômenos como o surgimento da prensa e do folhetim, é resultado de frequentes modelizações e reconfigurações sógnicas dos ambientes comunicacionais. O jornal, enquanto criador de significados e ainda como signo (de informação, por exemplo), está imerso em um processo de semiose – aliás, como tudo está, se pensarmos de forma mais ampla, no âmbito de uma Semiosfera.

Não iremos retomar aqui uma visão sincrônica, histórica do desenvolvimento das páginas impressas, mas apenas para ilustrar essa noção e atestar sua firmação como texto de cultura, pensemos na configuração dos diários diante do advento da fotografia, ou no momento seguinte ao surgimento da dinâmica mágica do cinema, com a pressão pela instantaneidade deflagrada pelo rádio ou depois da imersão de entretenimento trazida pela TV. Não à toa, as páginas de textos corridos de seu nascimento evoluíram para outras dinâmicas de apresentação, de leitura, de experiência com os sentidos. Está claro concebermos, portanto, que em seu longo período de existência, o periódico impresso atravessou alguns períodos de reestruturação, em âmbito profundo, ou seja, sofreu modelizações, pode-se dizer.

Contudo, não se pode tomar toda e qualquer alteração no conteúdo ou visual de um jornal como uma reestruturação de linguagem. Embora tenha estrutura relativamente fixa, de apresentação, cadernos, seções, colaboradores, colunistas e até de perfil editorial, o jornal impresso sempre esteve aberto a mudanças, por motivos variados. Desde a criação de uma edição especial por conta de um fato realmente importante (segundo sua agenda, antes de qualquer coisa, diga-se) até a incorporação de uma nova coluna, passando pelas constantes alterações de padrões gráficos, que acompanham, geralmente, os saltos tecnológicos, tudo isso vem a reformular os periódicos, ao longo de seus anos de vida. Algumas dessas alterações não chegaram a mudar o jornal enquanto signo de informação, derrubar preceitos de reportagem ou romper a natureza de suas linguagens. Outras, porém, repercutiram de maneira complexa sobre o jornalismo, abrindo novas possibilidades e remodelando de modo significativo sua posição. O surgimento *do new journalism*, gênero jornalístico surgido na imprensa dos Estados Unidos, na década de 60, que tem como principais expoentes Tom Wolfe, Gay Talese, Norman Mailer e Truman Capote, por exemplo, pode ser entendido como um desses fenômenos de natureza regeneradora do fazer jornalístico, já que influenciou diretamente no estilo de reportagem, foi adotado de maneira insistente na época, repercutiu na criação de novos produtos e padrões editoriais e deixou legado de peso na história das práticas e dos modelos de reportagem.

O novo jornalismo, seja o americano, seja o que se originou no Brasil a partir das correntes estrangeiras, modelizou parte dos noticiários (jornais e revistas) e, sobretudo, da linguagem e da cultura jornalística. No entanto, a proporção em que isso se deu não foi total, o alcance dessa influência não fez dos jornais outro produto. Muito mais do que recriar linguagens e reconstruir sentidos, essa transformação apenas agregou repertório, somou-se ao sistema do jornalismo; embora o impacto do *new journalism* tenha sido grande à época, em visão evolutiva, sua presença não foi estritamente maciça e seu legado não é definitivo na produção dos jornais – mesmo que suas heranças sejam visíveis até hoje.

Esse exemplo nos leva a pensar na proporção de uma modelização; o caso ilustra as capacidades, o alcance e a até mesmo a instabilidade, ou a capacidade de mudança, dessa ocorrência sígnica. Assim como a própria cultura, a modelização é volátil, está em constante processo; de maneira análoga ao deslocamento de significado operado pelo signo – sempre na iminência de ocorrer – a modelização também possui variáveis; não detêm limites restritos, definitivos ou irrevogáveis. Isso ocorre porque a modelização não é dada, não está fixa: “(...) mas se trata de um perpétuo ‘ato de estruturação’ (a semiótica processual de Peirce) em vez de um estado de ‘estar estruturado’ (a semiologia saussureana)” (MERRELL & ANDERSON, 1990, p. 35).

Seja pelos interesses em manter padrões editoriais, seja pela preservação de tradições, o jornal manteve seu reconhecido perfil, durante toda sua existência. Mesmo que tenham existido algumas modelizações ao longo de seu percurso, é notável a manutenção de sua estrutura. O que nos leva a considerar a pretensa modelização atual (em face da Internet) como mais profunda e distintiva que as anteriores, é que diante da web, o sistema modelizante do jornalismo não parece contar apenas com uma contribuição, um acréscimo ou ajuste. A modelização de seu próprio meio (o impresso, o papel), ligado a obsolescências e anacronias evidentes, é apenas uma das profundas e radicais transformações a serem consideradas por seus produtores. Certamente, a perda de raízes tão fixas deverá acarretar em ajustes em diversas ordens, na produção de um novo periódico. A transição de um jornal impresso a um jornal da era digital, embora tida como urgente, não pode ser considerada um fenômeno tão simplista. Afinal, se “o meio é a mensagem”, um diário em escala web jamais será o mesmo produto noticioso de antes. Por mais que se mantenham títulos e marcas, evitando-se ou camuflando-se com isso a perda de participação, a dinâmica do jornal eletrônico mostra a evidente ruptura entre uma esfera e outra. Estamos afinal diante de discontinuidades, na

iminência de movimentos explosivos. Dotados de mecanismos pensantes, os textos culturais carregam consigo a possibilidade de operar resignificações profundas, a ponto de alterar substancialmente e definitivamente a dinâmica da cultura.

Sim, o legado herdado dos meios pode ser oriundo, em parte, das pressões espontâneas por participação e inserção advindas dos interesses das instituições jornalísticas tradicionais, admitimos; assim como pensam em primeira instância outros autores, repercutidos neste estudo. Mas antes de chegar aos cofres das empresas, tais mudanças acontecem na linguagem – no conjunto de significados partilhado por todos, nos códigos que constituem a ordenação do repertório coletivo. As evidentes transformações no jornal mostram que seu âmbito sógnico não está alheio às ocorrências extrapostas à sua linguagem; sua própria estruturação, de intricada relação para a composição de sentidos, revela suas potencialidades semióticas. É justamente essa conjuntura densa de significados, passível de reconfigurações como seu percurso demonstra, que assegura sua condição de texto cultural; a dinâmica do jornal e seu inerente arranjo é o que, a priori, possibilita pensar na viabilidade de uma modelização recente. É o mecanismo interno, organizado e hierárquico, dos textos culturais produzidos pelo jornalismo que dá margem às possibilidades de mudança – sua própria codificação é pressuposto para recodificações. Muito mais do responder a propósitos e interesses comerciais, as estruturas sógnicas dos jornais emulam-se nas vagas das constituições das linguagens, dispersas pelo mundo dos significados.

A modelização, tomada nesse sentido, acarreta um movimento sógnico contínuo ao longo dos trilhos do significado em direção a um fim qualquer, indefinido e indefinível. Nada permanece imóvel, nada é absolutamente determinado. (MERRELL & ANDERSON, 1990, Pg. 35)

Assim como o surgimento de outras ambiências comunicativas, advindas com a configuração de novos meios, repercutiram nos noticiários impressos, a Internet, cremos, também opera o mesmo feito. A questão é saber o tamanho de tal empreendimento e suas consequências. Que há uma resignificação do jornalismo impresso diante do meio digital é evidente, estamos diante desse fenômeno. O quão profunda será essa modelização é o que tentamos apreender.

3.3. Estruturação e mobilidade: da constituição de textos culturais às fronteiras da cultura jornalística

“Uma acumulação amorfa de signos não é um texto” (LOTMAN, 1988, p. 119). Haja vista a densidade de sentidos presente em uma única edição de um título de diário impresso, há de se reconhecer que a composição jornalística está imersa numa intrincada teia de relações sógnicas, uma plenitude de elementos textuais da cultura. Demonstrando seu alto grau de complexidade, o periodismo dos canais analógicos expresso em folhas de papel, constitui-se de uma variedade de textos semióticos – não compostos apenas por elementos verbais, cabe esclarecer, mas de variadas fontes e de recursos gráficos. Todo texto deve ser entendido como espaço semiótico onde há interação, interferência e auto-organização. Em sua composição, há uma relação hierárquica de códigos e linguagens. Textos são dispositivos pensantes, dialógicos e produtores de sentido.

A composição interna dos textos semióticos determina, assim, em larga medida, seus potenciais de formação e renovação: constituem-se de elementos portadores de sentido e possuem caráter de codificação de mensagens. Por suas características internas, textos detêm a capacidade de ordenação e de direcionamento de linguagens e sistemas; atuam na preservação do fluxo de comunicação, portanto. Da mesma maneira, apresentam potencial de descontinuidade e ruptura. Tanto um como outro efeito de organização interna – estruturação e desestruturação – próprio de sua consolidação é fundamental para o funcionamento da cultura, fazendo com que sistemas culturais possuam a capacidade de se manterem estáveis ou em progresso. O processo inerente desse mecanismo elementar de significação demonstra que os estados e as transformações na cultura são essenciais para o entendimento da mesma. “A exigência duma constante autorrenovação, de conversão em outro, conservando-se embora ele próprio, constitui um dos mecanismos fundamentais de funcionamento da cultura” (LOTMAN & USPENSKII, 1987, p. 57). A ação do signo não ocorre apenas de maneira abrupta, também se processa em cadeia ritmada, por meio de processos consecutivos.

É significativo notar que a semiótica se divorcia de dicotomias e taxonomias particularizadoras, bem como de diversas outras formas de retrabalhar e mutilar (...) e de domar e de domesticar (...) o universo. A semiótica envolve uma lógica da identidade e da diferença, abrange tanto a sincronia como a diacronia, simetria e assimetria, equilíbrio e desequilíbrio, continuidade e descontinuidade. (MERRILL & ANDERSON, 1990, p. 31)

Processos de mudança na ordem dos signos devem ser encarados, portanto, com a mesma naturalidade com que ocorrem fenômenos de estabilidade. Para Lotman (1999, p. 19) “todos os processos explosivos se realizam em um complexo dinâmico com os mesmos mecanismos de estabilização”. Assim, por mais aterradoras que possam parecer as mudanças em curso na área de Comunicação, especialmente para seus partícipes emissores, do ponto de vista da cultura, essa aparente alteração é apenas um movimento gradual e legítimo. “Neste sentido, a continuidade é uma previsibilidade implícita. Seu contrário é a imprevisibilidade, a mudança realizada nas modalidades da explosão” (Ibidem, p. 19).

Ao explicar o “processo gradual”¹, que também pode levar a explosões na ordem da cultura, Lotman revela que a imprevisibilidade dos processos explosivos não é a única via que leva ao surgimento de um texto novo. “Pelo contrário, esferas inteiras da cultura podem realizar seu próprio movimento solo abaixo na forma de mudanças graduais” (Ibidem, p. 19). Diante de tais considerações, evoluímos em nosso questionamento e reformulamos assim nossa indagação: ao constatar modelizações no jornal impresso, estamos diante de uma ruptura nesse sistema semiótico? Um dos exemplos mais latentes sobre a questão encontrado no *corpus* de pesquisa adotado é demonstrado por meio da nova composição gráfica no periódico de papel. Infográficos traduzem informações em imagens, evoluem o percurso dos sentidos do plano das palavras ao plano da composição visual – mais densa e mais plena de significados; outro enredo, acima de tudo. O exemplo retirado do jornal *Folha de S. Paulo*, do domingo, 15 de abril, nos leva a refletir na possibilidade de reconfiguração em profundidade de discursos no periodismo impresso.

1 - Em “O processo gradual”, Lotman explica que é através de um processo contínuo, de uma previsibilidade implícita, que nascem as mudanças realizadas nas modalidades da explosão. (LOTMAN, 1999, p. 19).



Figura 23. *Folha de S. Paulo*, de 15 de abril de 2012, primeira página

O que nos impressiona neste caso é a inovação da publicação, que apresenta em sua primeira página, um infográfico no papel de manchete, destacando o conteúdo da revista *São Paulo*, que acompanha a edição dominical como um encarte adicional. A própria composição visual em si realiza o papel de informação, dispensando grandes aportes com palavras, como ocorre tradicionalmente. Já conhecemos de perto os potenciais da infografia² para com o jornal impresso, mas a dinâmica desta primeira página leva a perceber que o movimento visual, a percepção gráfica e agilidade na compreensão da notícia extrapolam os limites da organização das primeiras páginas, como usualmente conhecemos.

2 - Segundo Caversan, a infografia no jornal é composta por todas as informações disponibilizadas ao leitor na forma visual, sejam gráficos, mapas e tabelas, ilustrações, *storyboards* etc. (CAVERSAN, 2009, p. 29).

Esse mero elemento gráfico poderia ser sintoma de um início de modelização sobre o jornalismo impresso; porém a dinâmica com que esse recurso se insere no arranjo da primeira página do jornal não nos possibilita acreditar que esse título vivencia um movimento explosivo. Não poderíamos afirmar que se trata de uma drástica ruptura, pois continuamos localizando as mesmas funções, papéis e expressões anteriores – nossa percepção sobre o título impresso permanece, perdura. Pode-se dizer que a infografia aqui se instalada como uma continuidade, afinal, não é essa evolução visual impressa que rompe com o modelo tradicional de periodismo praticado pela empresa. Vale ressaltar que utilizamos *Folha de S. Paulo* como caso em especial, por trazer à primeira página esse recurso sob a forma de chamada principal (o ápice dessa característica em nosso *corpus*, portanto); porém, o planejamento gráfico elaborado com a contribuição de infográficos também ocorre, em maior ou menor grau, em todos os títulos analisados, além de ser elemento usual para toda a atividade impressa jornalística, o que demonstra a presença corriqueira desse tipo de reprodução informativa.

Está certo que a natureza dos discursos sofre profundas mudanças, de acordo com as trocas de técnicas comunicativas. E não podemos negar que a cultura digital nos insere em uma outra ambiência no plano da Comunicação. Porém, as expressões dos jornais, mesmo as mais inesperadas, como a que anteriormente citamos, não foram capazes de provocar uma implosão interna nos periódicos a ponto de desestabilizar seus fundamentos. Não estamos negando a possibilidade de uma semiose, de uma nova constituição sógnica, sobre o jornal; nem deixamos de acreditar na possibilidade de modelizações. Mas o fato é que a infografia, por mais que represente um avanço em direção aos ditames digitais, não basta para romper com essa estrutura rígida e com a noção arraigada a respeito do jornalismo impresso. O que seria necessário para o surgimento de um movimento explosivo no periodismo analógico? Atermo-nos aos instrumentos do mecanismo da cultura pode ser a melhor saída para explicitar as inclinações e limitações para o fenômeno de explosão na atividade dos diários, tal como a conhecemos atualmente.

3.4. O momento da explosão reside entre a estática e a dinâmica de jornal e Internet

“As questões fundamentais de todo sistema semiótico são, em primeiro lugar, a relação do sistema com o extrassistema, com o mundo que se estende além de seus

limites e, em segundo lugar, a relação entre estática e dinâmica. Esta última questão poderia ser assim formulada: de que maneira um sistema pode desenvolver-se permanecendo o mesmo?” (LOTMAN, 1999, p. 11). A equação primordial sobre o mecanismo do sistema semiótico tem correspondência direta com a discussão a que nesta pesquisa nos detemos: a relação entre o sistema de signos empreendido pelo jornalismo impresso e aquilo que existe fora desse sistema (mas dentro do plano de Comunicação) configura nossa principal indagação.

Consideramos aqui o viés da cultura digital como algo externo à lógica do periodismo impresso, nesse sentido um extrassistema semiótico ao universo do jornal. Não negamos, com esse pensamento, as aproximações de diversas ordens entre o periódico diário em papel e as linguagens digitais, o webjornalismo, por exemplo, poderia ser indicado como um desses pontos de contato. Tratamos, no entanto, a Internet como um extrassistema, uma vez que, no repertório do jornalismo impresso, as expressões digitais não estão totalmente formalizadas; no tocante às suas linguagens, tais áreas não se equiparam em totalidade. Partindo desse pressuposto, a relação estática e dinâmica entre sistema e extrassistema determina as evoluções sob o noticioso de papel, como no caso demonstrado anteriormente (discussão sobre a influência da infografia apontada).

Sobre a relação entre sistema e extrassistema, Lotman define tal dinâmica como um mecanismo próprio da Semiosfera (LOTMAN, 1998). É na relação dinâmica dos textos culturais no amplo sistema de signos, e no próprio embate entre eles, que se formalizam as linguagens, ou que se estruturam sentidos. É tal relação, mediante um espaço de contato (fronteira), que as questões se posicionam semioticamente no espaço de sentido da cultura. “Tomar consciência de si mesmo no sentido semiótico-cultural significa tomar consciência da própria especificidade, da própria contraposição a outras esferas” (Ibidem, p. 28). Assim, o movimento de transição entre centro e periferia, dentro e fora, sistema e extrassistema, representa um mecanismo essencial de transformação na Semiosfera, dualidade responsável pelo surgimento da informação nova.

Inovação acontece quando os princípios de um gênero são reestruturados de acordo com as leis de outro, e este “outro” gênero organicamente provoca uma nova estrutura e ao mesmo tempo preserva uma memória desse outro sistema em codificação. (LOTMAN, 1990, P. 137)

Sistemas ordenados e em desorganização são geradores de sentidos – agindo numa perspectiva tanto de transformação, quanto de estabilidade. De maneira semelhante, a mesma relação entre a estruturação interna e a vaga de signos existente fora desse sistema também determina uma característica oposta: a permanência da estrutura rígida no periodismo impresso, por outro lado. Assim, a reconfiguração sónica do jornal, ainda que em estágio latente, supomos, está o tempo todo sendo dirigida por fenômenos de ruptura e estabilização. Isso explicaria os diferentes gradientes modelizantes sob o sistema cultural do noticiário impresso, tal como vemos nos jornais que tomamos como emprego para as análises. Ao mesmo passo que, no jornalismo tradicional, novas incorporações gráficas, visuais, rítmicas etc. demonstram uma apreensão da visão simbólica advinda do repertório digital, o jornal, não obstante, permanece com sua estrutura, ora marcadamente tradicional, ora mais maleável, em relação às mudanças, dependendo dos casos analisados.

Essa mesma relação de estruturação de textos a partir de mecanismos externos e internos, ou de processos estáticos e dinâmicos, nos leva a outro axioma da linguagem semiótica: “Para o pensamento semiótico, todo sistema só realiza semiose porque está em relação com outros sistemas” (MACHADO, 2009, 283). Esse aforismo advindo das bases da teoria formulada na Estônia, ao mesmo tempo em que atesta as operações dialógicas e de trocas na cultura, nos coloca em um terreno movediço, de instabilidades, diante de significações. Estamos à frente de um frontispício de signos, na berlinda das formulações das linguagens, na margem das produções de sentido. É nessa zona fronteira, de estruturação de códigos, antes dispersos, a favor da constituição de novos textos, que se formalizam as alterações dos sistemas. No sistema do jornalismo, esse mecanismo não opera de forma diferente. Essas trocas de conteúdo, vistas de certo ângulo como pressões e emergências, também constroem novos textos junto aos jornais. Tais instabilidades geram acréscimos positivos ao conteúdo e ao visual das páginas impressas, como vimos; da mesma forma, levam a ajustes necessários, como as lamentáveis desaparecimentos de títulos, a exemplo dos casos recentes, no Brasil.

A relação entre o diário impresso e a Internet se dá num espaço de contato, numa fronteira. Pode-se dizer que o limiar semiótico entre esses dois sistemas é o fenômeno mais significativo do processo modelizante e das semioses que ocorrem junto a eles. Se cuidamos, nesta pesquisa, de apontar aspectos dialógicos entre os meios digital e impresso, é sob a intersecção de uma fronteira que devemos instalar nossa atenção. Afinal, é nesse intervalo que se processam os diálogos entre suas linguagens e a partilha

de significados que leva a reestruturações de seus textos. Mais do que valorizar e descrever os arcabouços semióticos interiores e exteriores pertencentes a esses dois conjuntos sógnicos, a fronteira entre eles revela as operações de codificação de um para outro sistema. E esse ímpeto de codificar determina aquilo que buscamos apreender nas análises: as aparições de textos, modelizados por códigos alheios e considerados na formulação das linguagens.

A transmissão da informação através dessas fronteiras, o jogo entre diferentes estruturas e subestruturas, as ininterruptas desobediências semióticas orientadas a partir de uma ou outra estrutura em um território alheio, determina as gerações de sentido, o surgimento da nova informação. (LOTMAN, 1996, p. 31).

É reconhecido “que o limite que separa o mundo fechado da semiose de sua realidade extrassemiótica, é penetrável” (LOTMAN, 1999, p. 160), portanto, as trocas de informação na fronteira levam à recodificação do sistema. O tensionamento dessa relação mostra-se propício para analisar as capacidades de recodificação dos conjuntos sógnicos estudados: “Todo este sistema de intercâmbio de textos pode ser definido em sentido amplo como um diálogo entre geradores de textos diversamente organizados, mas que estão em contato” (LOTMAN, 1996, p. 48).

A adaptação do espaço externo ao jornalismo em codificações de seu espaço interno faz emergir a estruturalidade de novos textos. Mas não é de maneira equilibrada, direta e estanque que o fenômeno projeta-se. Isso se dá num espaço de relações assimétricas. Apoiado na noção de não correspondência entre o corpo humano e o funcionamento das partes direita e esquerda do cérebro, Lótman (1990, p. 133) busca bases antropológicas para desenvolver a semiotização do conceito de assimetria.

Embora estejam, de certa forma, interligadas, não existem correspondências diretas entre uma e outra esfera de Comunicação. Nesse estudo, a dificuldade de reconhecer as contaminações das linguagens entre jornalismo impresso e o repertório digital sempre nos colocou em situações complexas de análise. Correspondências e não correspondências apareceram o tempo todo na reflexão proposta, sob a forma de aproximações e conflitos entre esses dois conjuntos de signos. Ocorre que estamos tentando enxergar ligações entre dois sistemas que, embora pareçam semelhantes, possuem vastas diferenças. As linguagens da Internet e do jornal não se ajustam completamente, não são idênticas. De novo, vale insistir: a estruturação dos textos não está dada; mas em processo.

Ao contrário do que possam parecer, tais assimetrias não anulam o surgimento de novos textos e não impedem a formulação de sentidos. É particularmente por conta das relações desajustadas entre esses dois sistemas, que surgem significações variadas em ambos os contextos; as instabilidades e as dessemelhanças entre as áreas promulgam a criação de inovações na linguagem. “Todas essas simetrias-assimetrias não são mais que mecanismos de geração de sentido” (LOTMAN, 1996, p. 40). Em relação ao nosso caso analisado, poderíamos dizer que é a relação assimétrica entre Internet e jornal a grande responsável pelo transporte de referências, pelas respostas às comparações trazidas pelo digital, pelas aproximações, pela reconstituição das linguagens, enfim, por modelizações. Sobretudo no impresso, essa relação paradoxal de assimetria mostra-se em ação – as adaptações a que temos nos apegado demonstram a inclinação ao surgimento de aproximações com digital, diante de um cenário em que o jornal fica aparentemente obsoleto.

Contudo, os recursos adotados pelo jornal para acompanhar as tendências inauguradas pela Internet redundam em uma linguagem nem sempre estruturada de maneira homogênea ou elaborada de modo eficaz – haja vista, a discussão sobre hipertexto, convergência e hibridizações, empreendida no capítulo anterior. Na ânsia de seguir índices de comportamento ou padrões culturais, o jornal adapta sua linguagem, apenas simulando o arcabouço da Internet; o que dá margem a uma espécie de escamoteação de proposta no conjunto de seu sistema de signos. A natureza do meio papel leva a reproduções visuais, gráficas e de conteúdo que não se equiparam efetivamente às características do meio digital; são em última instância, adaptações a partir de semelhanças. Antes de condenar tais recursos por suas limitações, recorreremos à noção semiótica de dialogismo, que pode ser capaz de explicar os fundamentos dessa relação e a origem do que apontamos como um problema: “diálogos pressupõem assimetria”, diria Iúri Lótman (1990, p. 143). Mais do que considerar a eficácia do jornal impresso em acompanhar os mecanismos digitais, essa troca deve ser entendida pelas características e capacidades de seus meios. Os aparentes desajustes nada mais são do que o desenvolvimento concreto daquilo que é possível ocorrer no papel jornal, no noticiário impresso. Sendo assim, o desequilíbrio e as não correspondências entre os textos de um e outro universo comunicativo não podem ser apontados como falhas ou incapacidades. São, na verdade, expressões do diálogo e da assimetria inerente a essa troca de conteúdos entre as partes. “A assimetria é a condição dinâmica da unidade” (MACHADO, 2009, p. 281).

O que se mostra nos textos discretos³, ou seja, formalizados e constituídos significativamente (prontos para nossa leitura), do jornalismo impresso, a partir de reconstituições advindas da influência da Internet, é parte de uma imbricação dos conjuntos de signos tanto do jornal, quanto do digital, nesse espaço limítrofe de integração e diálogo. Pensar em uma fronteira, uma divisão entre tais esferas, nos conduz à relação de troca entre esses sistemas de signos. É nessa “membrana filtrante” que se dá o fenômeno da estruturação de não textos em textos; na zona fronteira existente entre essas duas ambiências ocorrem confluências de sentidos, que permitem formalizações de suas linguagens. Justamente por não possuírem correspondências diretas nos modos de operar em seus meios, jornalismo e Internet estão em processo de semiose, num espaço de relações assimétricas, de onde emergem novas informações.

Como já dito, tanto jornal quanto Internet são modelizados um pelo outro, em suas expressões de sentidos. Se por um lado, temos, por exemplo, a presença de portais de notícia na Internet, por outro, movimentos de reconstituição gráfica e de conteúdo demonstram a evolução do impresso, diante do repertório digital. Essa troca de significações que tangem ao aspecto informativo, decorrida no limiar entre os sistemas, reflete um outro imbróglia da interdependência entre as mídias digitais e o meio analógico impresso: se o fenômeno de modelização ocorre num processo de passagem da periferia ao centro dos sistemas semióticos, como define a lógica dos mecanismos culturais, compreender os eixos e as transições entre esses sistemas é equação capciosa dessa relação. Aquilo que está à margem, fora do conjunto de linguagens de cada sistema, infiltra-se, penetra e forma novos arranjos sígnicos, reconfigura-se no espaço interno desse mesmo sistema. A fronteira entre jornal impresso e Internet nos coloca diante de uma difícil posição de análise: o que é centro e periferia nessa intersecção, que aos nossos olhos, inverte rapidamente de papéis? Numa visão evolutiva, o jornal pode ser considerado um sistema de signos nuclear, já que surgiu séculos antes da Internet e sofre, atualmente, um processo de resignificação operado por um sistema nascido recentemente. Porém, num olhar dirigido aos papéis dessas mídias na atualidade, é inevitável a constatação de que a Internet ganha mais espaço e poder na grande área da Comunicação, abrindo possibilidades inigualáveis de influência e, notavelmente, criando conflitos e fazendo frente ao jornal. Seu poder é central e coloca-se como

3 - A habilidade de separar a informação em partes, característica dos textos discretos, é a lei de todo o sistema dialógico.

superior diante das antigas mídias; por esse viés, a Internet é o núcleo sógnico. Centro e periferia, dessa forma, se colocam como uma relação sistêmica, de dupla possibilidade – que depende, sobretudo, de onde se localiza o observador de ambos os sistemas, se dentro ou se fora deles.

Não vivenciamos ainda uma passagem efetiva e definitiva de um a outro sistema informativo, de maneira a se constatar a obsolescência do meio impresso – se é que iremos de fato ver isso se concretizar. Ainda que tenhamos um movimento progressivo de transformação do analógico ao digital, como se pretende na tevê, no rádio e, involuntariamente (como nos nossos exemplos), no jornal, as mídias tais como as conhecemos estão em fase de transição, em movimento de reconfiguração para garantir suas sobrevidas. Passíveis a transformações, é legítimo afirmar, as mídias impressas se empenham em buscar novos parâmetros; pode-se dizer, com isso, que operam modelizações em seus conjuntos sógnicos, na transição de seus meios. É dessa continuidade de relações assimétricas, num espaço adaptativo de fronteira, que surgem novos textos de cultura – e porque não pensar, a partir desse preceito, numa ruptura no jornalismo impresso? Inevitável a associação, portanto, desse fenômeno a uma drástica mudança de rumos, uma descontinuidade, conclui-se. O impacto de tal transformação, aventado pelas especulações daqueles que se preocupam com o tema, poderia ganhar a proporção do que para a teoria semiótica russa ocupou o conceito de explosão. “Qualquer estrutura vive não somente segundo as leis do autodesenvolvimento, sem que também esteja exposta a colisões multiformes com outras estruturas culturais” (LOTMAN, 1999, p. 96).

Cabe esclarecer que a formulação teórica do termo “explosão”, amparada nas reflexões de Iúri Lótman (1999), não tem relação com aquilo que conhecemos vulgarmente por sua acepção. Mais do que representar uma metáfora teórica correspondente ao fenômeno como o mentalizamos, o momento explosivo corresponde a uma consequência em um processo dialógico (entre partes) e ecológico (no sistema). O momento da explosão não deve ser concebido fora de uma cultura, pois nasce a partir de uma inteligência coletiva de significações, de processos graduais e de mecanismos de controle (MACHADO, 2006, p. 251). Deve ser afastada, portanto, a noção de ação inesperada em consequência de fatores externos, típica do juízo vulgar que fazemos do termo.

Diferentemente da noção de impacto, que parte de movimentos alheios em direção ao núcleo da cultura, a noção de explosão ocorre dentro do sistema, a partir de

uma inesperada transição de sentidos em suas margens. É de se supor, portanto, que o movimento explosivo na cultura seja antecedido por um cenário entrópico⁴ de informações, nasça a partir de novas relações entre seus textos e linguagens. Tal como vemos acontecer recentemente, em relação ao jornalismo: os conflitos originários na práxis (do cotidiano das organizações) e em âmbito simbólico (da ordem das reproduções textuais do meio) dão margem às possibilidades de modelizações e, a partir delas, de mudanças no sistema. O conflito entre as linguagens, ocorrido na fronteira desses sistemas, Internet e jornalismo impresso, operam resignificações. É no interior do núcleo de seus conjuntos textuais e sógnicos que as relações provocam o aparecimento de sentidos inesperados, de informação nova. Tais conflitos demonstram a entropia e a imprevisibilidade às quais a cultura do jornal se envolve, atualmente. O cenário conflituoso, mais que representar catástrofes, permite dizer, portanto, que o jornalismo inicia um período de movimento explosivo.

O momento da explosão é o momento da imprevisibilidade. A imprevisibilidade não é entendida como possibilidades ilimitadas e não determinadas por nada, de passagem de um estado a outro. (...) Cada vez que falamos de imprevisibilidade, entendemos um determinado complexo de possibilidades, das quais somente uma se realiza. (LOTMAN, 1999, p. 170)

Se linearidade e imprevisibilidade convivem a um só tempo na cultura (processos decorrentes da introdução constante de elementos exteriores ao espaço interno do sistema), podemos dizer que os movimentos explosivos na cultura são paralelos aos momentos de estabilidade, ou seja, podem se estruturar no mesmo compasso que a geração cadenciada de linguagens: explosões são um elemento inevitável do processo dinâmico linear. “No geral, se produz uma combinação de explosão em algumas esferas culturais e em desenvolvimento gradual com outras como fenômenos simultâneos” (Ibidem, p. 231). Ao passo que constatamos modelizações como processos adaptativos do jornal impresso diante de nova ambiência, não desconsideramos, por esse mesmo viés, a possibilidade de emergirem momentos explosivos dentro da cultura da Comunicação. E ao contrário do que temem aqueles que se relacionam de maneira direta com esse circuito de produção cultural, a análise

4 - A tendência para a desordem e o estímulo para que a entropia aumente em sistemas isolados é a segunda lei da Termodinâmica. Tal noção foi apropriada pela Cibernética de primeira geração, para a explicação do progresso em sistemas maquímicos e humanos. Ver Wiener, 1968, p. 18.

semiótica aponta outra visão para essa perspectiva de mudança: “As distinções de sentido se enriquecem continuamente, assumindo matizes de sentido sempre novas” (Ibidem, p. 170).

Em contradição àqueles que se contaminam de desesperança ou aos que se aproveitam da ocasião e do momento de incertezas para estabelecer ditames e previsões perniciosas, o entendimento da cultura propõe outra forma de análise. É por meio da memória e da inteligência do sistema semiótico que se fundamentam as possibilidades de transformações culturais. Segundo suas leis, toda essa diversidade a que assistimos, antes de indicar de fato rompimentos drásticos na cultura das mídias, direciona a um mecanismo pensante, que aponta tais decorrências em um processo evolutivo. “O sistema possui uma memória dos estados precedentes em um potencial ‘pressentimento de futuro’” (Ibidem, p. 230). Cabe entender o que se reconhece como inteligência do sistema semiótico, a fim de extrair da mente da cultura alguma outra resposta para os questionamentos que se colocam.

3.5. Jornal e Internet na mente da cultura – a consciência responsiva como parâmetro de evolução

Um dos fundamentos da Semiosfera é sua heterogeneidade: a diversidade cultural constitui a base de seu mecanismo. Sua regulação aparece sob a qualidade de sentidos que se chocam, que oscilam no espaço entre uma plena identificação e uma absoluta divergência (LOTMAN, 1999, p. 159; e 1990, p. 230). Pelas suas infinitas possibilidades e constante semiose, “a cultura mostra sua capacidade geradora de informação semioticamente constituída” (MACHADO, 2009, p. 281). Não obstante, cultura pode ser entendida como a geração de uma mente ou de inteligência (Ibidem, p. 278).

Da mais valiosa importância é a definição de inteligência para Lotman, para quem, sem o esclarecimento do termo, seria impossível falar em um mecanismo pensante. Ao evidenciar os parâmetros do conceito para o semiocista, Machado (2009, p. 280) descreve suas principais características na conceituação semiótica da cultura: 1) transmissão de informação disponível; 2) criação de informação nova; 3) memória.

Para que exista a constituição de sistemas, textos, linguagens é necessário intelecto e dispositivos pensantes. O caráter responsivo, bilateral e dialógico da cultura é apontado como o aspecto inaugural de sua constituição inteligente. “O dispositivo pensante não pode trabalhar isolado. (...) O pensamento é um ato de intercâmbio

(diálogo) e, por conseguinte, supõe uma atividade bilateral” (LOTMAN, 1996, p. 17). A capacidade de resposta é a mais distinta qualidade do sistema, enquanto mecanismo pensante. Sebeok busca nas teorias da informação a comprovação da resposta, feedback ou alimentação como recurso operacional dos sistemas inteligentes:

Todos os sistemas de comunicação são ao mesmo tempo, não só dinâmicos, mas também adaptativos; ou seja, são autorregulados para servir tanto ao contexto externo (condições ambientais) como ao interno (circunstâncias inerentes dentro do próprio sistema, tais como as pressuposições e implicações que caracterizam as sentenças). Sucessivamente, mecanismos de inteligência entram em jogo para verificar o status do sistema, que pode ativar e moldar respostas; o seu fluir é comumente descrito como “processo de alimentação”. (SEBEOK, 1997, p. 59)

O estatuto da mente da cultura indica ainda um fluxo: tal consciência responsiva dos sistemas é autogeradora e estabelece-se a partir de precedentes. A independente circulação de signos e as semioses que decorrem de suas ações demonstram a vaga semiótica sob as quais todas as linguagens se constituem, a partir de uma memória partilhada. Isso aniquila a “suposição de que o único objeto inteligente que nos é dado de fato é o mecanismo individual do homem” (LOTMAN, 1996, p. 12).

A semiótica da arte e a semiótica da cultura permitem atualmente, por um lado, ver na obra de arte criada pelo homem um dispositivo pensante e, por outro, considerar a cultura como um mecanismo natural historicamente formado de inteligência coletiva, possuindo memória coletiva e capaz de realizar operações intelectuais. Isto arranca o intelecto humano do seu estado de unidade, o que nos parece ser um passo científico substancial. (LOTMAN, 1978, p. 29)

Admitir um pensamento na cultura pressupõe a atividade de uma inteligência cultural coletiva, que regula as relações sígnicas na Semiosfera. Feito esse esclarecimento, dirigimos a reflexão aos mecanismos que condicionam tal mente da cultura ao exercício do jornalismo na contemporaneidade – seu repertório, suas técnicas, sua simbologia e suas imbricações semióticas. Pensaremos aqui, portanto, a relação entre o jornal impresso e Internet, no espaço das semioses, como um movimento dialógico, de trocas sígnicas, e num cenário ecológico, de relações interdependentes.

Sem desconsiderar a experiência “laboratorial” de levantamento de dados, anteriormente empreendida, e que nos atesta a legitimidade de tal tensionamento, nos dedicamos a um estudo aberto, de levantamento de hipóteses no espaço de sentidos que constitui as linguagens. Há uma comunicação responsiva entre a produção jornalística e a comunicação digital que nos cerca, no âmbito da Semiosfera? Podemos atribuir a um

dispositivo pensante da cultura a responsabilidade pelas trocas entre esses sistemas? Em que grau tais transferências ocorrem e quais seus pontos de intersecção?

Compreender o campo ampliado de significação gerado pelo advento das mídias digitais e como as experiências da hipermídia estendem-se para o plano da cultura é a principal preocupação dessa reflexão. O objetivo traçado com essa tentativa de aproximação entre áreas é enxergar possibilidades de transbordamento de conceitos e práticas, assim como perceber confluências de ideias no plano cultural. Para isso, partimos da máxima lotmaniana de que todo texto (da cultura) é um mecanismo de espaços semióticos heterogêneos nos quais mensagens sígnicas contínuas circulam. Sem, no entanto, apontar aqui textos discretos que demonstrem tais conexões, iniciamos a especulação pela análise dos sentidos em circulação.

Poderíamos aqui vislumbrar tal crítica pelo imbricamento de campos que apresentam identidades semelhantes, tais como a Cibernética, a Semiosfera, o ciberespaço. A noção de uma mente da cultura admite paralelismos entre sistemas: pensamentos correlatos circulam na vaga de interpretações sobre os fenômenos. Mas preferimos iniciar o apontamento, recuperando McLuhan, para quem “os efeitos da tecnologia não ocorrem aos níveis das opiniões e dos conceitos: eles se manifestam nas relações entre os sentidos e nas estruturas da percepção” (MCLUHAN, 1964, p. 34).

De sua lógica dos meios de comunicação como extensões do homem, resgatamos a noção de consciência humana transferida à esfera da informática: “Tendo prolongado ou traduzido nosso sistema nervoso central em tecnologia eletromagnética, o próximo passo é transferir nossa consciência para o mundo do computador”, dizia o pensador canadense (Ibidem, p. 81). O processo de mudança está implícito nas tecnologias dos meios de comunicação; a inserção da Internet como meio afeta “todo o complexo psíquico e social”, criando novas formas de relação. O guru de Toronto vislumbrou a criação de uma só consciência do globo inteiro e a formação de uma família humana. O que para nós, evidentemente, não parece nenhum acréscimo substancial, já que estamos inseridos nesse contexto, comprova, no entanto, o estabelecimento do meio de comunicação como instrumento conformador de uma nova ambiência comunicativa – o que se torna revelador e de total interesse a esta pesquisa.

Prolongando a mentalidade teórica do mestre, Kerckhove, coordenador do McLuhan Program, no Canadá, analisa as perspectivas de suas teorias em face das evoluções presentes, admitindo que o cérebro tecnologicamente prolongado projeta exteriormente a sua rede de sensores inteligentes (KERCKHOVE, 2009, p. 64). Por esse

viés, cabe ressaltar que o domínio da técnica traz uma nova mentalidade ao sistema das mídias, que se traduz em mecanismos particulares de reprodução informativa: “Inteligência artificial, sistemas periciais e redes neurais estão invadindo todos os media integrando todas as tecnologias eletrônicas – através da digitalização universal –, fazendo convergir o áudio, o vídeo, as telecomunicações e as tecnologias computacionais” (Ibidem, p. 57). Novamente, a convergência midiática aparece aqui como recurso indicativo de uma outra linguagem; o que nesta pesquisa, conforme anteriormente debatido, não necessariamente demonstra os potenciais da Internet como meio.

Índice evidente de ruptura ou não, a integração de tecnologias não é nossa maior preocupação. Retomando a discussão, interessa-nos o caráter transformador de uma consciência (além de social, midiática) operado pelas mídias digitais. A própria natureza da rede assegura sua principal característica: a conexão entre partes e a formação de uma consciência partilhada. Estimulada pelo perfil intrínseco do meio, nasce a noção de cibercultura:

Cibercultura é a expressão que serve à consciência mais ilustrada para designar o conjunto dos fenômenos cotidianos agenciado ou promovido com o progresso das telemáticas e seus maquinismos. Afinando o conceito um pouco mais, poderia bem ser definida como a formação histórica, ao mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação. (RÜDIGER, 2011, p. 10)

Embora a cibercultura tenha, de início, adquirido os contornos de uma expressão acadêmica (suas discussões se dão, especialmente, entre intelectuais das ciências) é no âmbito social, na propagação do conceito pelas diversas manifestações da cultura, que seu potencial simbólico mais se manifesta na Semiosfera. É também nesse aspecto, acreditamos, que a discussão sobre as linguagens da rede mais alcança o jornalismo.

Não iremos nos deter na discussão eufórica ou disfórica sobre o ciberespaço, tampouco apontar os diversos estudos que cuidam de tomar por base a análise de uma cultura da Internet. Desse pensamento, basta-nos pouco: a identificação de sua presença assegura sua manifestação no contexto ambiental da comunicação. Continuemos com nossas preocupações quanto à esfera do jornalismo impresso, portanto: em face de uma cibercultura latente, como os jornais dirigem os seus sentidos?

Ora, se o surgimento de uma tecnologia altera todas as esferas da cultura, o jornalismo não está imune a esse movimento, portanto. Porém, mais do que imiscuir-se

em novas técnicas, os sistemas da cultura já estabelecidos demonstram mecanismos internos de alteração. Para Lotman, a inteligência do sistema é sua capacidade distintiva de oposição aos outros, de contribuir para a diversidade interna do sistema sem a qual não se pode considerá-lo um dispositivo pensante. Assim, tal mente da cultura condiciona, em cada uma de suas partes, características próprias de expressão, de acordo com as possibilidades internas de codificação – dentro dos sistemas, os signos se rearranjam, há modelização; e esse é o principal índice de inteligência no sistema. Não é para a integração e para a uniformidade que a cultura caminha, mas para a diversidade, para o surgimento da informação nova. Se existem respostas dadas pelo jornalismo impresso ao contexto ambiental das mídias digitais, esses retornos são propostos de acordo com as capacidades de suas linguagens, a partir do alcance de seus sistemas. Esperar grandes saltos na cultura jornalística é criar projeções, às quais não podemos confiar esta pesquisa.

Todos esses pressupostos analíticos seriam, a nosso ver, resultado de uma expansão da cultura digital e de sua conseqüente atuação em movimento dialógico sobre outros textos e códigos culturais; daí nesta pesquisa enxergamos a Internet e os recursos digitais “para além dos *links*”, ou seja, em sua extensão ao plano cultural e seu alcance sobre outros campos. Embora não seja o único alvo da cultura em toda a amplitude que se propaga com a informática, o jornal não está inerte à lógica que se expande em torno dessa recepção. Entender como isso se processa no curso evolutivo do jornalismo impresso sob a interferência do papel do *hiperlink* é tarefa do capítulo seguinte.

4. Jornalismo pós Internet: as relações do jornal diário impresso num contexto de mente da cultura

4.1. Do surgimento da tipografia aos desafios contemporâneos

As vanguardas intelectuais tendem a dar limites aos fenômenos – porque o jornalismo impresso ficou subjulgado no meio acadêmico? Na ânsia de compreender o advento das novas mídias, de desvendar a caixa-preta digital, as comunidades científicas, aparentemente, admitiram o descenso de uma esfera inteira da Comunicação. Qual é o propósito de valer-se dos jornais diários para demonstrar hipóteses de pesquisa, nos dias atuais? Sob a perspectiva cultural, temos no jornalismo impresso, e em sua suposta derrocada diante do meio digital, um dos mais proeminentes suportes para a compreensão de como um novo meio de Comunicação se expressa na cultura. Se o interesse em desvendar a ação da Internet sobre a sociedade e sobre o homem sempre foi preocupação latente e alvo de investigações e pesquisas, desde a popularização da rede, porque não começar a entender o seu mecanismo transformador a partir das linguagens estratificadas e já consagradas na Comunicação? Aí, acreditamos, poderia cristalizar-se o seu perfil formador, enquanto sistema cultural.

O viés de investigação que vem se constituindo majoritariamente nos diferentes campos de pesquisa admite, porém, a superação definitiva dos antigos modelos, a promulgação de arcaísmos ligados às práticas tradicionais e certo descaso quanto aos métodos das mídias de massa pré-estabelecidas; o jornal impresso fica, assim, à margem das principais investigações, como se esse fosse um sistema pouco relacionado à ambiência midiática inaugurada.

O inevitável fatalismo em torno da atividade do jornalismo impresso levou a mudanças de perspectiva nas pesquisas e no interesse acadêmico, mas assola, principalmente, as bases dos investidores financeiros e preocupa as empresas do setor. Se do lado das ciências, a inovação das pesquisas impele aos fenômenos mais recentes, do lado das práticas comunicativas, a Internet é vista mais como ameaça do que por qualquer outro efeito. Ao perscrutar a economia da mídia tal como se apresenta na atualidade, Ken Doctor ironiza o papel do jornal, colocando-o no rol das “sete palavras proibidas que não podem mais ser proferidas nos prédios dos jornais”: “Jornal: A própria palavra transmite a ideia de uma época que já passou” (DOCTOR, 2010, p. 254). O analista de mídia americano é um dos muitos estudiosos que admitem o fim da

linha para o jornal impresso, corrente que tem tomado vigor e arrebanhado inúmeros decretos, nos dias atuais.

“Você vai escrever sobre um produto em extinção”. A observação nada animadora foi feita por um amigo jornalista de Luiz Caversan, enquanto o autor redigia seu livro “Introdução ao Jornalismo Diário”, onde relata: “Bem, já faz pelo menos dez anos que a morte dos jornais no formato que conhecemos foi ‘decretada’ por muitos analistas de comunicação que, de uma forma ou de outra, veem, ou pelo menos viam, esse veículo como ‘animal em extinção’” (Caversan, 2009, p. 79). O jornalista, porém, diverge da opinião do colega pessimista:

Como costuma ocorrer com esse tipo de previsão peremptória e fatalista, a realidade está se encarregando de mostrar que não é bem assim. O jornal como o conhecemos vai acabar, abatido pelas mídias digitais, eletrônicas? É provável. A questão é quando. E pelo jeito vai demorar. Fato é que, depois de amargar um largo período de perda de circulação e publicidade, os jornais brasileiros caminham para o final da primeira década do milênio na direção contrária das previsões mais pessimistas. (CAVERSAN, 2009, P. 80).

Nos entremeios e instabilidades que cercam as mudanças nos jornais surgem sinais antagônicos inerentes ao processo de transição: ao mesmo passo que o periódico impresso mostra-se impelido a caminhar de acordo com as lógicas digitais, revitalizando suas páginas, por exemplo, por outro, alguns diários demonstram apego a estruturas tradicionais e conservadoras de apresentação – sem “medo de morrer”. Ora o periódico impresso apresenta-se como um “novo jornal”, mas como um “velho” jornal, em outras situações.

Exemplos do caso acima descrito apanhados em nosso *corpus* de pesquisa podem ser citados, tais como a dupla de páginas da seção “Opinião” de *O Globo*, com as duas páginas ocupadas quase totalmente por apenas textos e integralmente em preto-e-branco; ou ainda: as longas entrevistas de *O Dia*, ocupando quatro páginas do tabloide com a estrutura de pergunta, resposta e aspas. Nota-se nesses dois casos específicos, uma estrutura mais rígida, com maior massa de texto, poucas imagens distribuídas, e ainda, nenhum recurso de infográfico, ausência de legendas com remissões e outras estratégias mais dinâmicas, como as que foram constatadas neste estudo. Esses casos pontuais, longe de serem desprezados neste estudo, ampliam o campo de análise sobre o jornal no período atual por outra perspectiva: a necessidade de manutenção de estruturas vigora no periódico impresso, em certos casos. Se por um lado, a Internet impele em novas descrições visuais, de outro, o jornal não abre mão de determinados recursos que

o formalizaram, o que nos leva a refletir: quais os limites para as mudanças no impresso? Até que ponto é possível um produto com um certo padrão estabelecido por décadas avançar?

Diante de constatações como essas, consideramos que o jornal situa-se, por vezes, enclausurado por sua própria determinação; não apenas por sua composição física e material, mas também pelas tradições do fazer jornalístico, que se acumulam ao logo do tempo, bem como do conhecimento transposto e repassado através dos anos, na produção de sua atividade. “A criação de autodescrições metaestruturais (gramáticas) aumenta bruscamente a rigidez da estrutura e torna mais lento o desenvolvimento desta” (LOTMAN, 1998, p. 30). Do ponto de vista do engendramento do sistema semiótico, é justamente a formação de textos discretos e específicos que darão margem à composição e identificação de suas linguagens: “Esta é a premissa indispensável para o destaque do conjunto dos traços distintivos que vão comparecer como unidades estandardizadas na descrição de cada sistema separado e, por isso mesmo, na descrição do sistema completo” (ZALIZNIÁK; IVANOV; & TOPORÓV. In.: SCHNAIDERMAN (org.), 1979, p. 83).

4.2. Sob outros olhares: vertentes e possibilidades, de acordo com discussões teóricas

“Sem dúvidas, a mídia nos Estados Unidos tem sido a alma da democracia.” O ponto de vista de Doctor (2010, p. 135) em relação ao papel da mídia na sociedade estadunidense reflete uma das principais funções pela qual o jornalismo, em especial, o impresso, ficou conhecido, nos países onde essa atividade se estabeleceu de modo independente: o debate político, a responsabilidade de cobrança dos poderes públicos, a função de vigilância e denúncia. Merece ressalva, no entanto, “a mística de defesa incondicional dos direitos da cidadania regional ou mundial” (SODRÉ, 2009, p. 13) que se formou em torno dos jornais na manutenção desses papéis. “A busca de uma transparência discursiva ou ideológica, mas apoiada nas opacidades de seu próprio mito, é a ambivalência constitutiva do jornalismo.” (Ibidem, p. 13)

Deixando à parte a discussão sobre a independência ou autoridade da Imprensa (que não poderíamos aqui resolver), trazemos para o conflito para uma nova ambiência comunicativa, que alimenta ainda mais essa discussão e apresenta outros aspectos para ela. Em face do advento da Internet, a Imprensa passa a ser vista de maneira mais autoritária, por conduzir a informação, por meio de um grupo de interesses. Nada se

compara à possibilidade de participação atingida com os recursos digitais. Nesse contexto, a Internet seria mais democrática por permitir o envolvimento, e jornalismo “manipulador”, por conduzir a informação? De que lado estaria a democracia, portanto, e por qual meio ela seria melhor defendida?

Cabe ressaltar que os choques entre esses dois modelos, essas duas instâncias comunicativas, também está de certa forma relacionada às esferas de tempo e espaço nas quais cada um desses sistemas da cultura surgiram: o jornalismo nasce como repositório das atividades dos centros urbanos, é uma expressão cultural das metrópoles. Estimulada pelo contexto industrial, surge uma imprensa burguesa e europeia, tempos depois, tecnicamente aperfeiçoada pelos norte-americanos.

O jornalismo é um fenômeno universal, mas suas raízes são europeias, concebido como um processo social que se articula a partir da relação (periódica/oportuna) entre organizações formais (editoras/empresas) e coletividades (públicos receptores), através de canais de difusão (jornal/revista/televisão/cinema/internet) que asseguram a transmissão de informações (atuais) em função de interesses e expectativas (universos culturais ou ideológicos)”. (MELO. In: BENETTI e LAGO (orgs.), 2007, p. 7)

“Os periódicos, a princípio, funcionaram primordialmente como diários comerciais para as novas classes mercantis. Seu conteúdo, geralmente, incluía anúncios de chegada e partida de barcos, manifestos de carga e o preço de bens, assim como uma variedade de itens informativos de terras estrangeiras” (FIDLER, p. 115). A Internet, por outro lado, é uma atividade de um mundo globalizado, em conexão.

Tais conflitos ficam evidentes numa fase de convivência simultânea entre os sistemas existentes. “[Os novos meios de comunicação] não surgem por geração espontânea nem independente. Aparecem gradualmente, pela metamorfose dos meios antigos. E quando emergem novas formas de meios de comunicação, as formas antigas geralmente não morrem, continuam evoluindo e se adaptando” (Ibidem, p. 57).

Assim como neste estudo proposto, Fidler também acredita que os meios se transformam através de linguagens: “Os traços característicos dos meios se incorporam e se transmitem através de códigos comunicativos que chamamos linguagens. As linguagens tem sido, sem comparações, os mais poderosos agentes de mudança no curso da evolução humana” (Ibidem, p. 59). Por meio dessa relação, a que o autor deu o nome de mídiamorfose, Fidler promulga uma visão mais alentadora para o futuro do jornal, assim como dos demais meios: “As formas de comunicação emergentes coexistirão com

formar estabelecidas (o princípio de coevolução e coexistência), também obrigarão a essas formas com as que competem a adaptar-se e evolucionar para sobreviver (o princípio de superveniência)” (Ibidem, p. 199). E assim o autor resume o aporte teórico, do qual aqui nos aproximamos:

Mídiamorfose: A transformação dos meios de comunicação, que geralmente é resultado da interação complexa entre as necessidades percebidas, as pressões políticas e da competência e das inovações sociais e tecnológicas. (FIDLER, 1997, P. 21)

Como instrumento operador de uma mídiamorfose, nos atentamos ao papel do *link* – através dos muitos exemplos de remissões e da noção hipermediática tangenciada pelo impresso. É atrás desse sinal, que escapa à materialidade do papel, que nos inclinamos, arriscando a investigar a questão através de um diagrama de pensamento.

4.3. Hiperlink: como todo signo, em eterno deslocamento

Repousa em um mero clique sobre palavras sublinhadas todo um mecanismo de atualização da cultura atual. Forjado no meio digital e nas origens da criação da rede mundial de computadores, o *hiperlink* passa por uma realização mais plena, com seu estabelecimento em outros papéis nas relações contemporâneas. Mais que uma “ferramenta invisível” de acesso e articulação no uso da Internet, esse fragmento da linguagem digital demonstra-se como uma ocorrência cultural que atravessa seu lugar de origem e se estabelece como parte de uma lógica, um pensamento, na vaga de sentidos que articula as linguagens e, portanto, a Comunicação.

Ao mesmo passo que surge e se coloca como um ícone que demonstra o engendramento e a processualidade da rede de computadores, o *link* adquire uma outra dimensão no plano da cultura, causando embates e transformações em linguagens diversas, especialmente, aquelas já estabelecidas e demonstradas. Por esse viés, é necessário entender aqui a Internet mais do que como um sistema de códigos articulados por um dado, um ícone. *Link*, portanto, não realiza apenas o gesto de juntar, de conectar páginas da web. Não estamos aqui entendendo as capacidades de *links* apenas em sua “materialidade”, em seu propósito convencional, mas como um todo, na amplitude de seu mecanismo lógico, e, portanto, em sua noção diagramática: como um comportamento geral do raciocínio nas atividades contemporâneas engloba a dinâmica dos *links*?

Se pudermos enxergar o *hiperlink* para além de seu lugar de origem, de seu aparato físico e duro, conseguimos, assim, compreender o recobrimento de sentidos que envolve esse código cultural também em outros planos, ou seja, estamos, dessa forma, pensando um *hiperlink* semioticamente. Assim, essa investigação proposta nasce de uma visão semiótica sobre os *links*, sem a qual, o problema aqui colocado não teria propósito algum. Aquilo que estamos discutindo e colocando como objeto de pesquisa não é da ordem do suporte – o *link* a que iremos nos ater não está apenas nas páginas da Internet (não está sequer no computador, somente). Esse *link* está no signo (é signo!), está na dinâmica de linguagens pertencente ao repositório de vocabulário codificado semanticamente, está na própria cultura. Daí pensarmos e termos como objeto de pesquisa as linguagens “para além dos *links*”, ou seja, na superação de sua especificidade, em uma outra margem de sua interpretação.

Como esses códigos em torno da noção de *link* cumpre uma condição gráfica de gestor de uma outra linguagem, de organização sistêmica dos sistemas? Está aí nossa equação, nosso problema de base. Se a noção de *hiperlink* se desenvolve como código e se superpõe em várias linguagens, poderíamos falar da acepção de *link* na televisão, na propaganda, nas artes e em outros sistemas. Mas pela emergência de adaptação a um novo cenário informativo, o jornal impresso parece ser o meio de maior penetração desse caráter dinâmico de *link*. Tal abdução nos conduziu a verificar se no *corpus* composto por jornais brasileiros esse juízo percepto se mostra evidente ou não.

Reside aí, nesse embate e nessa busca, um sinal do caráter transformador da Internet sobre os meios. É preciso, no entanto, sublinhar que a investigação científica (aberta para hipóteses e resultados) nos afasta da noção muito difundida, mas pouco fundamentada, da tomada da Internet como um meio “revolucionário”, o que tanto tem gerado ufanismos ideológicos e determinismos tecnológicos. Não estamos aqui nos ancorando na vulgarização deslumbrada sobre o meio digital, que lhe conferiu uma posição privilegiada de um *status quo*. Se existe de fato uma atualização dos sistemas de linguagens e de signos a partir da Internet, é preciso, antes que se declare, constatar tal alteração – ou seja, cabe duvidar: como aquilo que já conhecemos tem se tornado algo novo? Se existe de fato um atual arranjo de sentidos para as linguagens que conhecemos, é necessário que se constate e se demonstre tal processo. Assim, o que se propõe aqui como comprovação dessa “realidade” é um entendimento de transformações das linguagens no jornal impresso, portanto, uma modelização, nos temos da teoria semiótica formulada pelo grupo de Tartu-Moscou.

Ao aceitar a transposição de seu lugar de origem, queremos propor que o *link* faça parte um pensamento diagramático, surgido como uma ferramenta lógica de reprodução de comunicação. Assim, enfrentamos aqui o juízo de se falar sobre uma maneira de raciocinar, sobre um diagrama de pensamento, que perpassa por uma “mente” de cultura, sendo esse nosso maior desafio teórico, nossa hipótese mais arriscada.

Se o conceito de mente, tal como postulado pelos estudos da Semiótica da cultura, nos leva à condição e exigência de se gerar textos ou construir sentido, poderíamos afirmar que de fato existe uma influência do *hiperlink* em um plano geral de raciocínio que cria informação nova? Assim, é a partir dos preceitos de mente cultural que se extrai um questionamento vital para se entender o *link* como parte de um pensamento sistêmico: há uma disseminação e geração de sentido designada como informação nova no contexto do jornalismo impresso? Estaria o jornal, por meio de sua expressão contemporânea, transformado em seu sistema e em suas linguagens?

O primeiro passo em direção a essa resposta pode estar na observação da própria trajetória dos diários: cabe lembrar que o sistema do periódico impresso já deu mostras de ser flexível às mudanças dos códigos e linguagens que surgem na cultura. Ou seja, o jornal diário não é impassível às transformações culturais. Essa constatação evidencia que esse meio está sempre em confronto, no embate de sentidos. Tanto é assim, que podemos admitir que a mudança editorial de um jornal faz parte de sua própria natureza, é recurso para sua sobrevivência. É nesse aspecto que podemos, portanto, falar do surgimento de uma nova lógica, e aceitar que a formação de um diagrama de pensamento em conjuntura com a noção de *hiperlink* possa estar agindo sobre o meio impresso.

4.4. Pela organização de sistemas, relações entre os princípios de mente da cultura e diagrama de pensamento

Para o pensador russo Iúri Lótman, a função do signo é organizar o sistema. Na cultura, o surgimento ou a renovação de sentidos não se processa de maneira aleatória, mas no encadeamento dos interpretantes a partir dos referentes em circulação. É na densidade dos sistemas de signos que surgem novos textos culturais, que se processam outras significações. Os signos da Comunicação não fogem a essa máxima teórica – partem da circulação de sentidos em atuação e se propagam em novos elementos

discursivos, num movimento contínuo. Tais evidências teóricas reforçam nossa hipótese: existiria um diagrama responsável por operar tais transformações na comunicação? Como esse “mapa” de pensamento insere-se sob as linguagens e as moldam, fazendo surgir novos fenômenos?

Assim, antes de referendar novas modas tecnicistas, buscamos nos antepor às explorações, partindo do conceito de que os fenômenos não acontecem num vácuo, mas são resultados de heranças. Nenhuma mídia se superpõe a outra como soberana, mas se apresenta como um repositório de um contexto cultural que provoca uma reorganização dos signos de cultura. O próprio surgimento do digital e, mais precisamente, do *link*, que aqui buscamos retirar de seu fulcro original, demonstra esse deslocamento do signo da Comunicação no cenário cultural. Nesse sentido é que buscamos pensar a existência do *link* como resultado da ação de uma “mente”, traçando, evidentemente, uma relação com o conceito definido no contexto da Semiótica da cultura, mais precisamente, do legado teórico de Lótman.

De acordo com o pensador russo, a cultura detém uma capacidade geradora de informação semioticamente constituída e esse papel tem ligação profunda com a mente ou a inteligência do sistema. Por trás do sentido dicionarizado do termo, apanha-se seu conceito, segundo a semiótica da Escola de Tartu-Moscou. A definição de inteligência e raciocínio teriam bases evidentes, na concepção lotmaniana; como anteriormente apontado, cabe reiterar: 1) transmissão de informação disponível; 2) criação de informação nova; 3) memória. São essas capacidades apresentadas por uma mente, que permitem ao sistema se renovar: operar semiose é o destino do sistema. Assim, tem-se que a condição da mente é gerar textos ou gerar sentido.

É na amplitude de uma mente cultural a operar semioses diversas e formalizar ou resignificar textos, que admitimos o funcionamento de mecanismos inteligentes no sistema. Essa reflexão é a chave conceitual para pensarmos no papel do *link* entre outras mídias. Daí, enxergarmos o *link* como parte de um raciocínio diagramático, que perpassa sistemas culturais aleatórios, gerando novos textos de cultura, como ocorre tanto hoje nos jornais, quanto em outros casos, desde seu surgimento.

Coincidentemente ou não, nosso ponto de investigação, o *hiperlink*, possui uma reconhecida relação com o processo de pensamento: a própria “invenção” da Internet reproduz os mecanismos de cognição do cérebro humano – uma rede instantânea e não linear de relações. Data de 1945, a publicação de “As We May Think”, de Vannevar Bush, artigo publicado na revista *Atlantic Monthly*, que relata o projeto de uma máquina

mecânica a qual seu autor deu o nome de Memex, responsável por armazenar e relacionar o conhecimento de forma semelhante ao cérebro. A teia de cognições do cérebro, com suas relações por associação, seria, pelo intento de Bush, reproduzida de forma automatizada.

Embora existam experiências anteriores, o conceito de hipertexto, que dá efetivamente margem a existência de *links*, surge formalmente em 1965, criado por Ted Nelson. O cientista americano escreveu em “Literary Machines”, que computadores seriam capazes de publicar em um novo, não-linear formato, chamado hipertexto. Hipertexto seria um texto “não-sequencial”, no qual um leitor não seria obrigado a ler em alguma ordem particular, mas poderia seguir *links* e se aprofundar num documento original a partir de uma pequena parte dele. “Ted descreveu um projeto futurista, Xanadu, no qual todas as informações do mundo poderiam ser publicadas em um hipertexto” (BERNERS-LEE, 2000, p. 5).

Como se reconhece por suas heranças teóricas constitutivas, a web, rede mundial de computadores, possui intrínseca relação com os mecanismos da mente (aqui, nos referimos ao próprio cérebro humano), recuperando heranças teóricas de pensadores anteriores. Criada por Berners-Lee na década de 1990, a world wide wibe, www, parte de outros contributos teóricos que também asseguram essa relação entre Internet e pensamento. Ao descrever seu desejo para o protótipo, o inventor Berners-Lee explica que:

Um computador tipicamente guarda informação em hierarquias rígidas e matrizes, como a mente humana tem a especial habilidade de ligar pedaços aleatórios a dados. Quando eu sinto cheiro de café, forte e imediatamente, eu posso me encontrar novamente em uma pequena sala numa cafeteria de esquina em Oxford. Meu cérebro faz um link e instantaneamente me transporta até lá. (BERNERS-LEE, 2000, p. 3)

Se conseguimos traçar relações entre os pensamentos que orientaram o surgimento da dinâmica dos *links*, se isso se deu de maneira cadenciada e num movimento contínuo, então podemos evoluir essa noção de que o mecanismo do pensamento, que determinou a criação desse suporte, obedece a um processo mais amplo. Existe uma herança diagramática, que se reproduz sistematicamente, portanto. Nesse ponto, nos aproximamos conceitualmente do que Pierce chamaria de diagrama *in actu*: obedecendo a um conjunto de lógicas, o diagrama de pensamento determina uma mudança de estruturas, como um ato de continuidade de construção diagramática.

Detalhando o procedimento, Pierce explica que a parte central do processo de raciocínio diagramático é a dedução: a demonstração do fato de que certa versão do diagrama necessariamente segue de outra.

Pierce, no entanto, desloca esse raciocínio da atividade do cérebro humano – não são as sinapses as responsáveis pela atividade da mente de que fala o filósofo americano, mas o signo. Tal concepção assegura o distanciamento de que o pensamento e a mente partem de uma consciência particular: “(...) tudo o que está presente a nós é uma manifestação fenomenal de nós mesmos. Isto não impede que haja um fenômeno de algo sem nós” (PIERCE, 2010, p. 269). Com a noção de “signo-pensamento” pierciana, o processo de transferência de signos (como no fenômeno de nosso *link*, aqui estudado) num plano mais amplo ganha novo respaldo e fundamentação: é no encontro ocorrido fora das concepções particulares de *hiperlink*, que sua estrutura diagramática se fixa. A partir de tais reflexões, localizamos um dos pontos mais complexos da noção de mente e de sua ação: não estamos admitindo o pensamento como algo particular, individual; os processos mentais fazem parte de um contexto mais amplo, o que arranca o intelecto e a manifestação de uma reflexão da condição isolada do próprio homem, em sua particularidade, como Lotman nos ajuda a definir.

É nessa perspectiva que acreditamos que os avanços da tecnologia digital poderiam ser um exemplo da evolução desse diagrama, agindo em busca de novas fontes. Arriscamos pensar, a partir de então, que esse diagrama, transborda dos limites das telas digitais e se ancora em outros horizontes da cultura. Queremos enxergar o alcance do diagrama no limite da esfera cultural de outras mídias, mais precisamente em jornais impressos.

4.5. Da natureza do diagrama de pensamento em jornais impressos

Qual é o estado ou proporção de um diagrama executado por um *hiperlink*? A dúvida sobre a representação e o alcance desse esquema é inevitável, dada a natureza do fenômeno estudado. De certo ponto de vista, ao abordamos o *link*, tratamos de uma mera relação entre partes, de uma ligação apenas, o que refutaria a princípio a ideia de uma ilustração esquemática precisa sobre o funcionamento de seu mecanismo. Porém, há de assinalar que a preocupação desta reflexão está longe da busca por concretude, materialidade e explicação causal. Não é em sua expressão, mas sim em seu conteúdo que o signo do *hiperlink* apresenta desdobramentos sobre a cultura. Não se trata aqui de pensar um *hiperlink* como uma mapa, um desenho, uma imagem, simplesmente. Se

assim fosse, pouco teríamos a traduzir, já que os links não são precisamente uma ilustração grandiosa, uma categorização detalhada. É enquanto pensamento diagramático, como reflexão a partir de um grafo, que o *hiperlink* quer ser aqui entendido.

Da ideia simples de juntar e da ação corriqueira, imediata de estabelecer conexões fixa-se o atributo do *hiperlink*. Mas por trás dessa aparente correspondência imediata está localizado todo o gestual da internet. O *link* traduz a própria dinâmica da rede, condensa em si todo o mecanismo operacional da *web*. Sobretudo, se retomarmos aqui a trajetória do desenvolvimento dessa linguagem a partir dos procedimentos de funcionamento do cérebro, como anteriormente colocado, amplia-se essa visão restrita e inicial sobre o *link*. Duvidar dos juízos que fazemos sobre qualquer acepção dada é sempre um possível caminho para a interpretação.

Ora, no jornal impresso, um *link* em sentido lato jamais poderia ser encontrado – o que levaria por terra toda a hipótese até aqui sustentada. Vejamos, *porém*, mais um fragmento do corpus de pesquisa, sob esse outro olhar estabelecido, numa inclinação para leitura semiótica dos textos culturais e sua correlação com a dinâmica hipermediática no plano diagramático.



Figura 24. Capas dos três jornais em formato tabloide analisados, publicados no domingo, 25 de março de 2012.

contemporâneo, dos anos 2000, especialmente em sua primeira página, apresenta mais e melhores cores e fotos, conta com gráficos informativos e tem melhor indexação entre todas as partes. Além disso, em sua capa, possibilita uma leitura rápida, com um *preview* conveniente para as histórias mais importantes e os cadernos ou seções. O princípio que orienta tais dinâmicas é o de que leitores querem maior quantidade de histórias e mais curtas, segundo o autor.

A amostra dos jornais pesquisados do dia 25 de março obedece a grande parte desses critérios definidos. Em alguns deles, como *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, encontramos características do que Garcia define como uma combinação de um visual de revista com a tradicional orientação de jornal (GARCIA, 1987, p. 8). E como apontado antes pelo consagrado designer, identificamos também a indicação dos conteúdos das revistas e seções, numa distribuição mais dinâmica do que a tradicional manchete.

Além desses contributos dos padrões do design gráfico, as páginas de alguns dos jornais estudados avançam por caminhos mais inéditos. Sobretudo nos diários de formato tabloide, a dinâmica visual das primeiras páginas imprime mais movimento e impacto, devido à imagem ocupar boa parte da folha. A distribuição de textos também é menos convencional, cortando as ilustrações e não obedecendo rigorosamente a blocos ou colunas, como se vê em *Zero Hora*. A tradição da apresentação noticiosa procura por mais liberdade visualmente, ao mesmo passo, que esses jornais apresentam de saída, logo em sua capa, um caminho mais interpretativo e analítico. Essas características mostram-se presentes especialmente nos tabloides *Zero Hora* e *O dia*, por exemplo. Já em *SuperNotícia*, é a distribuição em blocos enfaticamente demarcados que compõe a marca registrada do noticiário. A propriedade da informação direta e rápida não é descartada, mas ganha autonomia com a divisão em uma estrutura rígida e condensada de apresentação.

Em ambos os formatos, é notável a organização das informações em caixas, por ícones, demarcação por linhas. O design do jornal mostra um conjunto segmentado, de pequenos fragmentos, de conteúdos independentes, de apresentação seletiva. Dessa análise, sobressai a relação com telas – possivelmente, novas dinâmicas vindas do audiovisual ou da Internet? Torna-se inevitável a comparação com as *homes* de portais e sites, com sua apresentação mais comprimida da notícia – que pode é, claro, ser desdobrada com apenas um clique.

Os ícones e remissões a outros conteúdos também se mostram bastante visíveis e são um capítulo à parte nessa análise. Essa característica surge na inserção dos endereços dos sites dos jornais no alto da página, como acontece em todos os diários apresentados, com exceção de *SuperNotícia* – vale ressaltar que alguns deles posicionam o site de maneira mais evidente (como em *O Globo*) e outros de modo bastante discreto (como em *Folha de S. Paulo*). As remissões a outros conteúdos acompanha cada fragmento noticioso apresentado. E mais do que a indicação verbal, essa posição se dá, sobretudo, pela plasticidade da distribuição da informação pela página.

Por esses fragmentos observados, nota-se que as capas de jornais possuem contribuições tanto do design gráfico para veículos impressos, desenvolvido ao longo do tempo, quanto de novas experiências e demandas, como marcas e características do meio digital. Não podemos considerar, evidentemente, que a condição visual do jornal impresso se manifesta exclusivamente pelas dinâmicas do on line; afinal, o sistema do jornal dirige seus códigos, sobretudo, a partir de suas regulações internas. Porém, a manifestação de uma dinâmica típica da *web* nas páginas dos jornais não pode ser descartada.

Não arriscamos, no entanto, definir um limiar preciso entre uma e outra origem. A modelização atingida não pode ser rigorosamente apontada; não cabe aqui distinguir ou estratificar as características de um ou outro sistema semiótico, realizadas por meio de uma expressão gráfica/visual nos jornais. Trata-se, antes de tudo, de identificar uma confluência de sentidos, numa perspectiva de reestruturação do jornal. Dessa forma, a evidência que aqui procuramos demonstrar nada mais é do um percepto, que se mostra como inferência, como probabilidade – nem tudo no diagrama é demonstração, como Machado nos inclina a perceber.

É nessa linha de conexão e transporte que se localiza a possibilidade da ação de *link* como parte de um pensamento diagramático. O *link* ocupa o lugar de uma ferramenta lógica e não de um substrato distintivo. Assim, as capas de jornais não são mais que uma potencialidade; estão longe de serem compreendidas como provas ou testemunhos. Aos poucos, o não-texto da Internet (diga-se, “não-texto” para o jornal) vai sendo semiotizado, tornando-se textos, constitutivos de uma nova linguagem nos diários impressos; sem necessariamente obedecer ou delimitar alcances. E são os processos de raciocínios que dão margem a tais interações, nesse *continuum*. O diagrama de pensamento merece ser apreendido pelas relações que proporciona e não

pela quantificação de sua presença. É em sua potencialidade que as capacidades diagramáticas se estabelecem e remodelam os sistemas da cultura.

Considerações finais

Encerramos esta pesquisa, em junho de 2013, num momento determinante para a vida do País, em que protestos espalham-se pelas principais capitais brasileiras. A tensão política vivida durante este período acompanhou a finalização da revisão conceitual e teórica desta dissertação. Insuflados inicialmente por questões ligadas ao transporte urbano – especialmente, o preço da passagem de ônibus nas principais capitais brasileiras – os manifestantes acabaram por levantar reivindicações paralelas, de todas as ordens. Para o jornalismo e, conseqüentemente, para o contexto desta pesquisa também existiram conseqüências... O palco de reivindicações formou um cenário em que até a Imprensa foi colocada em debate – nas ruas, na Internet, nas redes sociais, na TV e também nos jornais. O papel do jornalismo esteve em revisitação, não apenas pela crítica teórica e acadêmica, mas nas próprias ruas e no próprio exercício ontológico das práticas de Comunicação, nesse período.

Uma pressão por participação do usuário/leitor e o questionamento da representatividade da grande Imprensa foram as grandes questões observadas sobre mídia, nesse levante. Ancorados pela participação e divulgação na Internet, em especial, pela rede social Facebook, a massa militante orgulhou-se e ostentou sua independência em relação aos meios tradicionais, atacou os grandes conglomerados de mídia e questionou a representação parcial dos veículos. Nas ruas, cartazes sobre a mediação jornalística, representada, sobretudo, pela ironia e afronta à emissora Rede Globo, deram o recado dos manifestantes.

Por outro lado, por mais independente que tenha sido a organização dos protestos, a mídia mostrou sua presença na cobertura dos manifestos, sofrendo, inclusive, ameaças e violências por parte da Polícia Militar. A grande Imprensa não deixou, portanto, de manter suas atividades e levar as informações sobre os acontecimentos – boa parte do que viemos a conhecer em relação às manifestações ocorridas no País nos chegaram por meio dos recursos de veículos tradicionais. Esse prisma da questão trouxe à tona, por outro viés, a dependência ou relevância dos mecanismos de mediação, pelos quais as mídias tradicionais se pautam. Por esse olhar para a questão, o jornalismo se fez presente diante das ocorrências, no seu papel de intermediador social, como representante dos interesses coletivos e como detentor de mecanismos para registro dos acontecimentos. No mínimo, mostrou-se como um

instrumento importante de cobertura e análise, por mais queixas e contestações que existissem, nos horizontes de protesto.

Por que colocamos um conteúdo novo, tão recente, da ordem dos fenômenos e que não fez parte dos assuntos de análise até então, logo nas conclusões desta pesquisa? Poderiam perguntar aqueles que lêem esta dissertação. A resposta é muito simples: sob o olhar do pesquisador, essa ocorrência sintetiza o propósito de toda a investigação aqui encabeçada; mais que isso, os fatos (noticiados, evidentemente) avançam os questionamentos e apresentam posições, na prática. A qualidade relacional, dialógica com que mídias digitais e mídias impressas se colocaram nesse cenário é um dado a ser observado e que precisa ser registrado. O conflito de posições ilustra o impasse e o mal-estar que se desenvolveu entre uma esfera e outra no campo da Comunicação, nos últimos tempos. De um lado, está o cidadão, com seu poder de participação e suas ferramentas “independentes”; de outro, o grupo empresarial e todo seu aparato midiático, realizando a cobertura com seus suportes e mecanismos – ironicamente, para divulgação e conhecimento em favor desse mesmo público, em busca de informações sobre os fatos.

Em face dessas emergências, abrimos aqui a exceção de trazer a esse debate conclusivo um acréscimo pontual. As edições posteriores do jornal *Folha de S. Paulo* às principais manifestações ocorridas trazem uma informação relevante sobre embate entre mídias digitais e jornalismo. Em reportagem de 4 de julho de 2013 (“Jornalismo domina rede social em protesto”), é apresentado em seu lead: “O noticiário produzido por jornais, portais e TVs brasileiros dominou os compartilhamentos em redes sociais durante os protestos que pararam o Brasil em junho”. A matéria discorre sobre o assunto apresentando índices e opiniões de entrevistados que acreditam que a credibilidade da imprensa tradicional foi essencial para a reprodução via Facebook. O que se vê, por parte da instituição, é uma tentativa de defesa ou posicionamento do jornalismo padrão num fenômeno que ficou marcado simbolicamente pela participação na Internet. A ideia parece ser, à primeira vista, a de “demarcar terreno”, defendendo a importância da ação do jornalismo profissional, diante de fenômenos pretensamente independentes.

Uma posição ainda mais crítica em relação à participação democrática do Facebook nesse cenário está impressa nas páginas dos editoriais do mesmo jornal, com o artigo intitulado “Cidadão Face”, de autoria do editor-executivo de *Folha de S. Paulo*, Sérgio Dávila, do domingo, 7 de julho de 2013. No texto, Dávila defende que “há uma contradição entre meio e mensagem nas manifestações que tomaram o país”. O editor

retoma a informação publicada no dia 4 de julho, de que “80% dos links compartilhados no Twitter com ‘hashtags’ ligadas aos protestos no auge do movimento tinham origem na mídia dita tradicional”. O argumento inaugura a defesa no texto do autor de que a grande mídia, indiretamente, por meio dos compartilhamentos em redes sociais, teve papel importante de informar a população e contradizer boatos que surgiam nas redes. Essa análise serve de base para uma crítica que ataca a ideia de que tudo que está ligado ao digital e suas consagradas empresas é livre de interesses secundários: “Nos – jornalistas incluídos – gostamos de pensar em Apple, Facebook, Google e Twitter como organizações etéreas sem fins lucrativos, em vez de empresas bilionárias que visam o lucro, que é o que são. É preciso desvestir a fantasia”.

Trazendo à tona informações de participação da *Folha* nas redes sociais diante dos fenômenos recentes, Dávila desconstrói a noção da Internet como território livre e ironiza essa visão totalitária, que camufla a existência de interesses financeiros por parte das grandes empresas de mídia digital: “Se a geração MPL [Movimento Passe Livre] quer fazer a revolução anticapitalista, fazê-la no Facebook é como se rebelar contra o imperialismo ianque morando na Disneylândia”. A informação sobre a posição da mídia tradicional nas redes sociais e a defesa de participação nos fenômenos noticiados traz outros aspectos de análise para as hipóteses aqui desenvolvida: com toda a sua pluralidade e democracia, a Internet daria conta de criar e reproduzir conteúdo noticioso com o mesmo rigor e confiabilidade que o jornal? E se isso for possível, como realizar tal intento de maneira independente e sem esconder as intenções financeiras por trás das interfaces?

Por mais inesperadas que possam parecer tais aparições, aqui nesta finalização de pesquisa, tal questão não poderia ter ficado de fora das perspectivas de alinhamento analítico, embora, evidentemente, não tenham feito parte do roteiro de análises, já que o problema de pesquisa não poderia contemplar esses novos dados. Mas jamais estariam de fora da orquestração do pensamento do pesquisador, afinal o “sujeito é considerado como parte integrante do processo de conhecimento, atribuindo significados àquilo que pesquisa” (SANTAELLA, 2010, p. 91). Por sorte, ao longo da pesquisa científica, os métodos nos protegem da inclinação de congregar nossos juízos de valor, quando não dispomos de instrumentos de pesquisa para isso. Porém, busco a permissão de introduzir essa visão assistemática em consonância com as inferências obtidas por meio dos procedimentos técnicos adotados, durante todo o curso das análises. O que se extrai dessa livre tentativa é o registro de um embate conceitual e até mesmo físico entre

mídias de massa e recursos digitais. O conflito dá margem ou ilustra o desajuste de linguagens, que tanto perseguimos aqui. É essa estruturação rígida e antagonica dos meios que permitem dizer que o advento de modelizações é conveniente no cenário atual. Estamos de fato tratando de sistemas de signos próximos à primeira vista, mas distantes em sua estruturação; no entanto, imbricamentos entre eles, acontecem a todo instante – e nos momentos mais tensos, como nas manifestações recentes, podem se sobressair.

Diante das análises empreendidas e das noções agora constatas, está claro, portanto, que este é um complexo momento de revisão para o jornalismo. As pautas colocadas não podem ser ignoradas; são elas, em primeira instância, que podem vir a estimular a reestruturação daquilo que conhecemos e produzimos nos sistemas de mídia, atualmente. E além desses argumentos determinantes, outras questões apareceram como forma de revisar ou confrontar o papel das mídias tradicionais, recentemente. Por coincidência, dias antes dos acontecimentos políticos, a esfera da Comunicação passava por outro torpor. Mudanças recentes de ordem da estruturação das empresas jornalísticas, especialmente em São Paulo, vieram a público – sobretudo, ao público mais interessado na manutenção do conteúdo noticioso tal como se apresenta, aquele formado pelos profissionais que atuam na Imprensa. A revoada de “passaralhos” – apelido que as demissões coletivas em redações ganharam ao longo dos anos – abalou a categoria. Embora as medidas econômicas não possam estar atreladas exclusivamente ao funcionamento do sistema, a resolução enfraqueceu organicamente as balizas da Comunicação tradicional. Tal processo colocou o jornalismo em um momento delicado, onde ideias perniciosas se insuflaram e se propagaram atabalhoadamente. Embora a reação em polvorosa não permita formulações muito sensatas, não podemos descartar tal encadeamento como um indicativo de novas determinações. As crises podem ser colocadas, antes de tudo, como pressupostos para reconsiderações.

A situação um tanto caótica vivida espalha dúvidas e questões diretas sobre a sobrevivência do jornalismo. Mais uma vez, estamos diante da crítica dura, dos pensamentos conclusivos, dos determinismos, de uma “lógica” perversa – posições que tentamos evitar ao longo de toda a análise realizada. Sempre foi um tormento (até pela improdutividade dessa dúvida) ter de elencar respostas e probabilidades para a instabilidade colocada no bojo do problema encarado como pesquisa: e a afinal, como fica o jornalismo impresso? Qual é o futuro do jornal? Por mais que se soubesse que o foco da pesquisa não era esse, nem a própria consciência do pesquisador conseguia

escapar à pergunta óbvia, tacanha e vulgar. Afinal, a crise do jornalismo é mais que um dado de pesquisa, como gostaríamos apenas de enxergar: tornou-se um fenômeno “pop” para as classes culturalizadas; o debate é insistente, corriqueiro, está em evidência.

A resposta que poderíamos arriscar propor, diante do trabalho realizado até então, seria: do ponto de vista semiótico-cultural, o jornal dá demonstrações de alterações sobre suas linguagens; diríamos, sofre modelizações. A partir do alcance das análises realizadas, constatamos a ação de estruturas modelizantes em processo de formalização. A dinâmica dos *hiperlinks*, instaurada como comportamento abduutivo do sistema e perseguida como indício de probabilidade, clarificou essa possibilidade. Sob o viés de uma Comunicação hipertextual que se faz presente em mídias analógicas, pode-se constatar que a modelização é um caminho possível para os jornais.

Porém, é preciso acrescentar que a proporção dessa modelização tem seus limites e apresenta divergências. A propósito de uma conclusão e possível contribuição prestada por este trabalho, o argumento mais propositivo, a nosso ver, que poderíamos anunciar, é que o sistema do jornal impresso opera numa dinâmica de mobilidade e retração. Por vezes, percebemos que a modelização se encaminha largamente, recobrando a linguagem dos jornais de novos sentidos – potencialmente, incorporando outros movimentos de reprodução comunicativa, como aquele que advém das processualidades residuais de um hipertexto e das relações estabelecidas pelos *hiperlinks*. Porém, há de se assinalar que o sistema do jornal impresso guarda suas restrições, suas resistências e suas dificuldades de avanço. Não se pode dizer que o alcance da modelização é total, que foi capaz de mudar por completo o sistema.

Outro aspecto relevante a ser enunciado é que não fica evidente se essa modelização ocorre exclusivamente por uma inteligência do sistema, por um exercício de um pensamento diagramático em ação, como demonstrado; ou se as linguagens do jornalismo impresso escamoteiam limitações ao tentar avançar em seus sentidos. Incorporações de elementos gráficos, visuais e outros recursos parecem, por vezes, simular as operações digitais. Tentando acompanhar os avanços colocados na cultura, o jornalismo não consegue, em determinadas situações, provocar o mesmo tipo de reação que se tem no uso da Internet. Em certos casos, vale-se de um *link* que não oferece ligações efetivas, parecendo mais realizar uma ilustração ou aplicar um “verniz moderno”, apenas. Isso, naturalmente, não é uma acusação de nossa análise; encaramos potencialmente como parte da natureza do sistema, que se constitui de hierarquias de textos e codificação rígida; não podemos suspeitar de uma intenção equivocada por

parte de seus produtores para explicar a questão. Ao contrário, particularmente, acreditamos nos esforços daqueles que se envolvem com esse sistema da cultura.

Se a modelização constatada nesta pesquisa se encaminha e se dirige rumo a novas configurações, a hipótese de novas funções sociais para o jornalismo e a manutenção da relevância do jornal impresso como texto de cultura pode se adensar. No entanto, se o sistema semiótico do jornal evolui ou se, simplesmente, o futuro do periodismo impresso é outro, não podemos aqui declarar. Em consonância com as análises a que chegamos, fica a expectativa para que o jornal impresso encontre seu caminho. Sobretudo, o estímulo é consistente porque o papel da mediação operada pelo jornalismo não merece ser descartado, pensamos: acreditamos, sim, nas contribuições de seu exercício. Do alto de sua experiência, o jornalista Alberto Dines, pondera, em texto “Uma incursão no denunciamento comparado” publicado no site que leva sua marca (www.observatoriodaimprensa.com.br); discorrendo sobre os rumos do jornal, Dines dá alguma esperança para seus produtores: “Jornalismo é uma forma de relato; compreender esta definição (ou platitude) pode facilitar sua sobrevivência”.

Mais do que realizar prescrições, esta pesquisa buscou abrir espaço para um pensamento mais amplo, quanto às questões colocadas sobre o jornal impresso, na atualidade. Por mais fechada que possa parecer nossa posição, ancorada nas teorias semióticas da cultura, creio que foi essa inclinação que permitiu analisar o tema sem vícios ou mitos, trazendo, assim, contribuições mais francas e inéditas. Os avanços dessa base metodológica rumo a teorias mais complexas abrem também campo para outras possibilidades de análise, que aqui não foram alcançadas totalmente. Ficam as lacunas a serem preenchidas por outras pesquisas, em outros momentos.

Naturalmente, por sua característica dinâmica, que caminha rumo a uma adaptação maior ao usuário, bem como as transições e expectativas na própria rede, uma pesquisa que envolve Internet, atualmente, está longe de ser definitiva e apontar respostas conclusivas sobre a evolução desse meio e mais ainda sobre sua atuação dialógica sobre outros. Porém, fica evidente que as incursões realizadas pelos pesquisadores de Comunicação, recentemente, vêm evoluindo em um processo gradual e totalmente válido para a compreensão dos fenômenos complexos que se colocam à nossa frente. Esta pesquisa representa somente a tentativa de dar apenas mais um pequeno passo.

Referências bibliográficas

- AMARAL, Adriana, FRAGOSO, Suely & RECUERO, Raquel (2011). **Métodos de pesquisa para a internet**. Porto Alegre: Sulina.
- ARMAÑANZAS, Emy, NOCI Javier Díaz & MESO, Koldo (1996). **El periodismo electrónico**. Barcelona: Ariel.
- BAKHTIN, Mikhail (1992). **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes.
- BENETTI, Marcia & LAGO, Cláudia (2008). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes.
- BERNERS-LEE, Tim (2000). **Weaving the web**. Nova Iorque: Harper Collins.
- BOCZKOWSKI, Pablo (2004). **Digitizing the news: innovation in online newspapers**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.
- BUSH, Vannevar. **As we may think**. Atlantic montly. Disponível em <<http://www.theatlantic.com/magazine/archive/1945/07/as-we-may-think/303881/>>. Acesso em 8 de julho de 2013.
- CAPPARELLI, Sérgio, SQUIRRA, Sebastião & SODRÉ, Muniz (orgs.) (2004). **A comunicação revisitada – Livro do XIII Compós2004**. Porto Alegre: Sulina.
- CARDOSO, Gustavo (2007). **A mídia na sociedade em rede**. Rio de Janeiro: FGV.
- CASTELLS, Manuel (2009). **A sociedade em rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, Manuel (2003). **A galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar.
- CAVERSAN, Luiz (2010). **Introdução ao jornalismo diário: como fazer jornal todos os dias (vol. 1)**. São Paulo: Saraiva.
- DALMONTE, Edson Fernando (2009). **Pensar o discurso no webjornalismo**. Salvador: Edufba.
- DÍAS NOCI, Javier & PALACIOS, Marcos (2008). **Metodologia para o estudo dos cibermeios**. Salvador: Edufba.
- DINES, Alberto (1986). **O papel do jornal – uma releitura**. São Paulo: Summus.
- DINES, Alberto, MELO, José Marques & VOGT, Carlos (orgs.) (1997). **A imprensa em questão**. Campinas: Unicamp.
- DINES, Alberto. Uma incursão no denunciismo comparado. Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/uma_incursao_no_denunciismo_comparado>. Acesso em 8 de julho de 2013.

- DOCTOR, Ken (2010). **Newsonomics – doze novas tendências que moldarão as notícias e o seu impacto na economia mundial**. São Paulo: Cultrix.
- FERRARI, Pollyana (2010). **A força da mídia social: interface e linguagem jornalística no ambiente digital**. São Paulo: Factash.
- _____ (2003). **Jornalismo digital**. São Paulo: Contexto.
- _____ (2010). **Hipertexto, hipermídia**. São Paulo: Contexto.
- FIDLER, Roger (1998). **Mediamorfosis**. Buenos Aires: Granica.
- FRANÇA, Vera, HOLFELDT, Antonio & MARTINO, Luiz C. (orgs); (2001). **Teorias da Comunicação**. Petrópolis: Vozes.
- FOUCAULT, Michel (2008). **A arqueologia do saber**. Petrópolis: Forense Universitária.
- GARCIA, Mario (1987). **Contemporary newspaper design : a structural approach**. New Jersey: Prentice-Hall.
- GEERTZ, Clifford (1989). **A interpretação das culturas** (trad. G. Velho). Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- GILLMOR, Dan (2004). **We the media: grassroots journalism by the people, for the people**. Cambridge: O’Rielly.
- INNIS, Harold (2011). **O viés da comunicação**. Petrópolis: Vozes.
- JENKINS, Henry (2009). **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph.
- KERCKHOVE, Derrick de (2009). **A pele da cultura: investigando a nova realidade eletrônica**. São Paulo: AnnaBlume.
- KONDRATOV, A. (1972). **Sons e sinais na linguagem universal. Semiótica, cibernética, lingüística** (trad. T.C.G. Campos). Brasília: Coordenada.
- LANDOW, George (2006). **Hypertext 3.0**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- LEMO, André & PALACIOS, Marcos (orgs) (2004). **Janelas do ciberespaço: comunicação e cibercultura**. Porto Alegre: Sulina.
- LEMO, André (2010). **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina.
- LÉVY, Pierre (1997). **As tecnologias da inteligência**. São Paulo: Editora 34.
- LÉVY, Pierre (2005). **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34.
- LOTMAN, Iuri (1978). **A estrutura do texto artístico** (trad. M.C.V. Raposo e A. Raposo). Lisboa: Estampa.

- LOTMAN, Iuri (1998). **La semiosfera I. Semiótica de la cultura y del texto** (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
- LOTMAN, I. (2000). **La semiosfera II. Semiótica de la cultura, del texto y de la conducta y del espacio** (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
- LOTMAN, I. (1998). **La semiosfera III. Semiótica de las artes y de la cultura**. (Desidério Navarro, org.). Madrid: Cátedra.
- LOTMAN, Yuri (1990). **The Universe of the Mind. A Semiotic Theory of Culture** (trad. Ann Shukman). Bloomington, Indiana University Press.
- LOTMAN, Yuri M. (1999). Discontinuo y continuo; La lógica de la explosión; El momento de la imprevisibilidad . **Cultura y explosion. Lo previsible y lo imprevisible en los procesos de cambio social** (trad. D. Muscheti). Barcelona: Gedisa.
- MACHADO, Irene (2007). **Semiótica da cultura e semiosfera**. São Paulo: Fapesp/AnnaBlume.
- _____ (2003). **Escola de semiótica. A experiência de Tártu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Fapesp/Ateliê Editorial.
- _____ (2010). Cultura em campo semiótico. **Revista USP**, v. 86, p. 157-166, 2010.
- _____ (2006). Impact or explosion? Technological culture and the ballistic metaphor. *Sign Systems Studies* n° 34.1, 2006. Tartu: Tartu University Press.
- MANOVICH, Lev (2001). **The language of new media**. Massachussets: Massachussets Intitute of Technology.
- MARTINS, Francisco Menezes (2008). **Impressões digitais – cibercultura, comunicação e pensamento contemporâneo**. Porto Alegre: Sulina.
- MARTINS, Francisco Menezes & MACHADO DA SILVA, Juremir (2004). **A genealogia do digital – Comunicação, Cultura e Tecnologias do Imaginário**. Porto Alegre: Sulina.
- MATTELART, Armand (1994). **A invenção da comunicação**. Lisboa: Instituto Piaget.
- MATTELART, Armand e Michèle (1999). **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola.
- MCLUHAN, Stephanie (2005). **McLuhan por McLuhan: Entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização**. Rio de Janeiro: Ediouro.
- MCLUHAN, Marshall (1967). **A Galáxia de Gutemberg: a formação do homem tipográfico**. São Paulo: Nacional.

- MCLUHAN, Marshall (1969). **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix.
- MEYER, Philip (2007). **Os jornais podem desaparecer?** São Paulo: Contexto.
- MERRELL & ANDERSON (1990). **Mundos variáveis, modelizações semióticas**. *Face – Revista de Semiótica e Comunicação*. Volume 3, número 1. São Paulo: CNPQ/Finep.
- MIRANDA, José Bragança de (org.) (1999). **Real vs.virtual**. *Revista de Comunicação e Linguagens*, (25/26).
- MOULLAUD, Maurice (1997). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15.
- NASCIMENTO, Geraldo Carlos do, PRIMO, Alex, OLIVEIRA, Ana Claudia de & RONSINI, Veneza Mayora (orgs.) (2008). **Comunicação e Interações – Livro da Compós 2008**. Porto Alegre: Sulina.
- NOTH, Winfried (1995). **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. São Paulo: Anna Blume.
- PALACIOS, Marcos & RIBAS, Beatriz (orgs.) (2007). **Manual de laboratório de jornalismo na internet**. Salvador: Edufba.
- PAVLIK, John V (2001). **Journalism and new media**. New York: Columbia University Press.
- PIERCE (2010). **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva.
- PEIRCE, Charles Sanders (1980). **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix.
- PRADO, Magaly (2011). **Webjornalismo**. São Paulo: LTC.
- PRIMO, Alex (2007). **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina.
- RÜDIGER, Francisco (2011). **Teorias da cibercultura: as perspectivas, questões e autores**. Porto Alegre: Sulina.
- SAAD, Beth (2003). **Estratégias 2.0 para a mídia digital**. São Paulo: Senac.
- SANTAELLA, Lucia (2009). **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo**. São Paulo: Paulus.
- _____ (2008). **Por que as comunicações e as artes estão convergindo?** São Paulo: Paulus.
- SCHNAIDERMAN, Boris (org.) (1979). **Semiótica russa**. São Paulo: Perspectiva.
- SEBEEK, Thomas A. (1996). **Signos: uma introducción a la semiótica** (trad. Pilar Torres Franco). Barcelona: Paidós.

- SEBEEK, Thomas (1997). Comunicação. In **Comunicação na era pós-moderna** (Mônica Rector & Eduardo Neiva, orgs.). Petrópolis: Vozes.
- SHNEIDERMAN, Ben (2006). **O laptop de Leonardo: como o novo Renascimento já está mudando a sua vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- SODRÉ, Muniz (2006). **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes.
- TEIXEIRA, Tattiana (2010). **Infografia e jornalismo**. Salvador: Edufba
- _____ (2009). **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes.
- _____ (2009). **Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede**. Petrópolis: Vozes.
- _____ (1996). **Reinventando a cultura: a comunicação e seus produtos**. Petrópolis: Vozes.
- TRAQUINA, Nelson (2004). **Teorias do Jornalismo (vol. 1) – Porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular.
- TRIVINHO, Eugênio (2007). **A dromocracia cibercultural – Lógica da vida humana na civilização mediática avançada**. Paulus: São Paulo.
- UEXKÜLL, Thure (2003). A teoria da *Umwelt* de Jakob von Uexküll. (trad. Eduardo Fernandes Araújo). **Galáxia. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura**. São Paulo: PUC-SP.
- WARD, Mike (2006). **Jornalismo Online**. São Paulo: Roca.
- WIENER, (1968). **Cibernética e sociedade**. São Paulo: Cultrix.
- WOLF, Mauro (2008). **Teorias das comunicações de massa**. São Paulo: Martins Fontes.
- WOLTON, Dominique (2003). **Internet, e depois?** Porto Alegre: Sulina.
- _____ (2006). **É preciso salvar a comunicação**. São Paulo: Paulus.